



BARULHO EM EXCESSO

JP registra 2,6 mil denúncias de poluição sonora em 2024

Além de ser crime ambiental, prática afeta a saúde mental e pode causar danos à audição. *Página 5*



Foto: Evandro Pereira

Animais resgatados recebem cuidados especializados na capital

Vítimas de tráfico ou de maus-tratos, dezenas de espécies estão acolhidas em espaços adaptados onde recebem apoio necessário para a reabilitação. *Página 8*

Sandra Belê canta clássicos do forró em show repleto de energia nordestina

Reconhecida por sua versatilidade, a cantora paraibana se apresenta, hoje, a partir das 18h, no Manga Rosa, em João Pessoa. O repertório inclui uma seleção de grandes sucessos de sua trajetória musical e de outros artistas. O *couvert* artístico custa R\$ 20.

Página 12



Foto: Kate Joenne/Divulgação



Foto: Carlos Rodrigo

Trajetória profissional da TV ao jornal

Gilson Renato iniciou a carreira em *A União* como colunista e acompanhou as mudanças tecnológicas na produção da notícia.

Páginas 14 e 15



Pensar

Para quem se desvia das normas sociais de conduta, a ressocialização é uma alternativa para reconstruir os laços perdidos no processo. Mas quais os caminhos possíveis para a reintegração?

Páginas 29 a 32

Nacional e Esporte se enfrentam, hoje, pelo Campeonato Paraibano, às 17h

Duelo acontece no Estádio José Cavalcanti, em Patos, quase seis anos após o último jogo entre os times na elite estadual.

Página 21

Excesso de tarefas e cobranças no dia a dia levam pais ao burnout parental

Conciliar a vida profissional e o cuidado dos filhos promove esgotamentos físico e emocional que exigem individualizada.

Página 6

Presidente do TRT destaca combate à precarização e ao assédio no trabalho

Herminegilda Leite lamenta falta de legitimidade da reforma trabalhista de 2017 e reforça papel do Tribunal na defesa de direitos.

Página 4

■ “Nunca precisei repassar algum caderno que denotasse ou recordasse as nossas tendências literárias. Elas nunca esmaeceram”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Sempre considerei a gramática insuficiente diante do arripio da língua. Ou melhor: do arripio da linguagem, sobretudo da linguagem literária”.

Hilberto Barbosa Filho

Página 11

Editorial

O ouro de Trump

A existência das guerras dependem de vários fatores. Um deles diz respeito à economia. As potências militares, por exemplo, necessitam dos conflitos armados, diretos ou indiretos, para se manterem na crista do poder, como também para usarem e reciclarem armamentos, atendendo aos interesses da multibilionária indústria bélica. Assim como acontece nos supermercados, os estoques precisam circular, para não perderem a validade.

Estima-se que, só nos últimos 10 anos, os gastos com armamentos foram superior a 2,5 bilhões de dólares. É uma aferição duvidosa, apesar de ostentar o selo de qualidade do Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI), da Suécia. Isso porque, a produção e o uso de armas não têm tanto controle, como, por exemplo, a produção de automóveis, e as conflagrações sucedem-se, com maior ou menor gravidade.

No relatório do ano passado, o SIPRI revelou que, a partir de 2009, os investimentos militares cresceram muito nas cinco regiões geográficas do planeta, inversões essas capitaneadas pelos Estados Unidos da América e seu principal braço armado, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). As somas aplicadas na indústria de armas, nesse período, equivaleriam a cerca de 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB) internacional.

Não é de se estranhar, portanto, a sanha que caracteriza o discurso do atual presidente dos Estados Unidos da América, o republicano Donald Trump, que atira para todo os lados, tendo como alvos prioritários, entre outros, as nações supostamente inimigas de seu país, os imigrantes e o meio ambiente. Não estaria Trump, no primeiro caso, procurando encrenca grossa para, desse modo, escoar a produção militar estadunidense? É uma hipótese.

O fato é que o mundo contemporâneo carece de muitas coisas, menos de radicalismos, principalmente os de extrema direita. O planeta reclama por lideranças políticas capazes de promover um amplo diálogo internacional, sob a égide da paz, por meio do qual se encontrem soluções urgentes para as guerras em curso — como a de Israel contra os palestinos e a invasão da Ucrânia pela Rússia —, as desigualdades sociais e o colapso ambiental.

O incitamento ao ódio, que ora medra no mundo, e o Brasil, infelizmente, não é exceção, é o fruto podre das árvores da ignorância, da alienação, de um individualismo destemperado; e o Trump é hoje um dos principais protagonistas desse movimento em prol de uma Era da Obscuridade. A Era de Ouro da América, prometida pelo republicano, pode vir a acontecer, mas, com certeza, às custas do apagar das luzes da democracia internacional.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A transição negociada

A eleição de Tancredo Neves para a presidência da República, ocorrida em 15 de janeiro de 1985, ainda que por meio do Colégio Eleitoral, portanto, pela via indireta, foi o marco histórico que determinou o fim do regime militar, de 21 anos, em nosso país. A restauração do governo civil se deu sem que acontecesse uma ruptura com a antiga ordem. Os atores desse processo político promoveram estratégias e acordos de negociação para alteração das estruturas então vigentes com o objetivo de buscar avanços democráticos.

Tinha início, então, uma transição negociada. Até a promulgação da Constituição de 1988, foram enfrentadas muitas dificuldades, tanto nas questões sociais quanto econômicas. O país, durante esse tempo, mudou quatro vezes sua moeda e viveu seis experiências na tentativa de alcançar a estabilização econômica, incluindo a que realmente foi bem sucedida: o Plano Real. O desafio da governabilidade foi encarado com muita determinação. Afinal de contas, não poderia fracassar na proposta de fazer a nação brasileira respirar definitivamente os ares da democracia e não perder a oportunidade de sair definitivamente do regime ditatorial.

No primeiro momento da chamada Nova República, teve que superar um evento fatídico, a morte do presidente eleito, sem que pudesse ter assumido o cargo. A tarefa ficou sob a responsabilidade de um político que compartilhou com os governos da Ditadura, José Sarney. Isso, de certa forma, causava alguma preocupação, em razão desses vínculos com os militares e sem o respaldo das urnas. Forças políticas heterogêneas compunham o seu governo.

Após a derrota da Emenda Dante de Oliveira, no movimento das Diretas Já, em 1984, o PMDB decidiu tentar se inserir no processo sucessório, sabendo que se fazia necessário jogar conforme as regras até então estabelecidas, daí porque chegou ao entendimento de que teria que trabalhar num projeto alicerçado por uma solução negociada. A iniciativa foi favorecida pelo apoio do lado adversário, ou seja, de parlamentares do PDS, partido do governo, que se recusaram votar no candidato indicado na convenção partidária, Paulo Maluf. Nasceu a Aliança Democrática, condicionada à indicação do companheiro de chapa de Tancredo,

feita pelos dissidentes do governo.

Instalado o governo civil, os militares perderam o poder de veto, uma das características de um regime autocrático, permitindo o protagonismo na estrutura governamental por agentes políticos e lideranças dos setores organizados da sociedade civil. Em 1979, ao ser sancionada a Lei da Anistia, com a qual foi dado o primeiro sinal de que os militares concordavam com a abertura política, embora gradual, houve uma forte imposição militar no sentido de garantir a impunidade dos crimes políticos cometidos pela Ditadura. Essas ações de barganha contribuíram para que nos primeiros anos após a Ditadura Militar, fossem mantidos alguns interesses advindos do regime autoritário, resultando na geração de uma democracia de caráter mais conservador.

A transição concretizou-se resolvendo conflitos sociais, culturais e políticos, obedecendo uma lógica de conduta cívica que permitiu uma convivência política pactuada entre os próprios militares e os atores políticos, baseada em garantias mútuas relacionadas aos interesses dos participantes da negociação, sem exigência de um debate mais amplo com a sociedade.

“

Após a derrota da Emenda Dante de Oliveira, no movimento das Diretas Já, em 1984, o PMDB decidiu tentar se inserir no processo sucessório

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Orientação que salva vidas

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O Grêmio 21 de Abril

Somos de 1933, todos do mesmo ano: Juarez Farias, Evaldo Gonçalves de Queiroz e o autor de uma crônica a cada dia mais solitária.

Ainda somos. Não houve jura nem promessa, mas “somos” — o plural do verbo assim mesmo no presente — só partindo o fio de continuidade quando os três deixarem de existir.

Creio que duas passagens bem assentadas em vidas de trilhas e posições distintas nos levem a esse socorro da memória.

A primeira, atraídos pelo grêmio literário 21 de Abril, logo que concluímos o admissão ao ginásio, em Campina Grande; a segunda, pela Academia Paraibana de Letras, grêmio final depois de vencidas as mais diversas estações, nem todas descortinadas em nossos horizontes juvenis. No meu, particularmente impersistente e dispersivo. Nunca terminei um curso, salvo o primário, nunca insisti em aprender uma língua de outro povo e de outra literatura.

Quando passei à redação do jornal, sentindo alguma firmeza, Evaldo Gonçalves, titulado em Direito e versado em administração e economia, já era notícia, ensinava e viu-se secretário de Educação, em Campina Grande. Elege-se vereador e, pouco tempo depois, irrompe secretário de administração no governo Ernani Sátiro. Daí a deputado, presidente da Assembleia, constituinte de 1988 mediu os passos com Juarez Farias; este, braço direito de Celso Furtado na administração da Sudene, secretário de planejamento de Agripino, vice-governador, governador e presidente do Tribunal de Contas do Estado.

Desencontrado nesse rumo de vida pública, sem deixar de manter os dois na pauta do noticiário, de vez em quando nos surpreendíamos cruzando e emulando na sala apertada do grêmio inicial: Evaldo Gonçalves na trilha de Emil Ludwig com aquele “Napoleon” já ensebado de tanto sair das mãos de Antônio Mangabeira para a dos seus pupilos; Juarez Farias, a arejar o discurso do planejamento tecnológico com o deleite de leituras como a dos “Cem anos de Solidão”.

“Já leu o colombiano, nego velho”, perguntou-me, numa recaída instantânea ao grêmio,

“

Nunca precisei repassar algum caderno que denotasse ou recordasse as nossas tendências literárias

Gonzaga Rodrigues

descendo altivo a escada do avião ao lado do demiurgo do desenvolvimento do Nordeste.

Em idade madura, ou já envelhecendo, desde que nos víssemos, fosse qual fosse a circunstância, lá vinha remanescente a atmosfera do grêmio 21 de Abril, a salinha apertada atrás do Pio XI, recendendo as laranjeiras e cafezais da poesia que D. Zilda recitava conosco ou que se ia buscar na crestomatia e na tribuna política da Praça da Bandeira.

Nunca precisei repassar algum caderno que denotasse ou recordasse as nossas tendências literárias. Elas nunca esmaeceram. Mas, ao ver agora o nome de Evaldo num aviso de grafia volátil como são as notas fúnebres de hoje, o chão do grêmio fugiu dos meus pés. Quando Juarez se despediu restávamos dois, sentados na mesma carteira, ainda que na Academia ou no escritório de aposentado do doutor Evaldo. Agora...

Abro o Dicionário Histórico-biográfico Brasileiro, ainda editado em livro pela Fundação Getúlio Vargas, e lá, amigos Gleryston e Luiz Mota, revejo, no mesmo mármore gráfico dos grandes personagens brasileiros, o orador do 21 de Abril. Como foi longe o menino de São João do Cariri!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

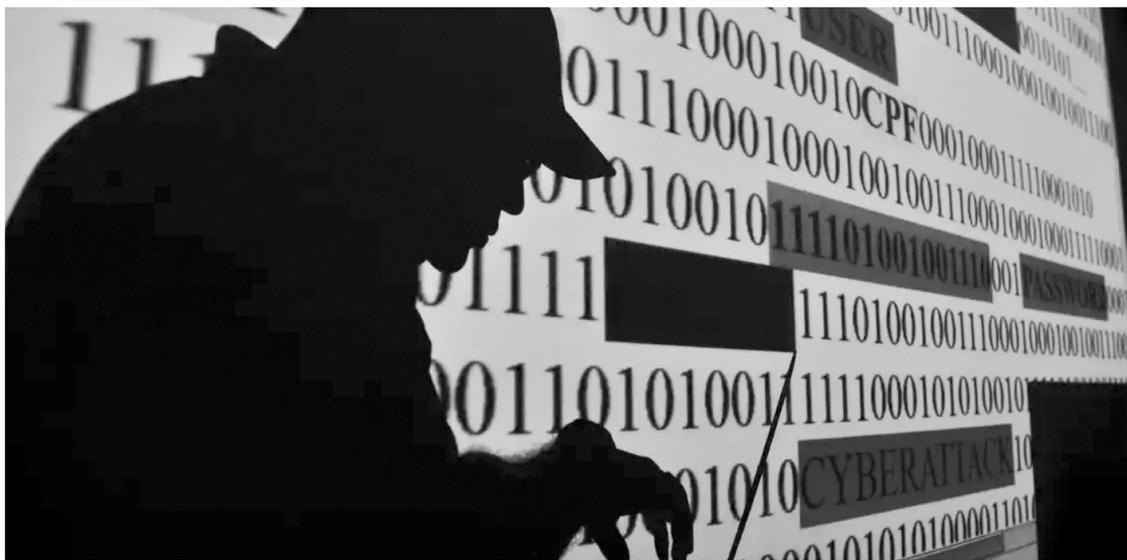


Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Lei Geral de Proteção de Dados garante a preservação de diversas informações, como nome, endereço e situação patrimonial

SEGURANÇA

LGPD protege direitos à liberdade e à privacidade

Há seis anos, norma atua na regulação de dados pessoais por empresas

Anderson Lima
 Especial para A União

Comemorada na próxima terça-feira (28), o Dia Internacional da Proteção de Dados alerta para a importância da proteção dos direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. No Brasil, há seis anos, uma legislação própria, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), atua na regulação do uso de dados pessoais por empresas, estabelecendo direitos e deveres, tanto para os consumidores quanto para as organizações.

O coordenador do Núcleo de Proteção de Dados Pessoais da Autarquia Estadual de Defesa do Consumidor da Paraíba (Procon-PB), Wesley Silvano, avalia

que conhecer os direitos garantidos pela lei e as formas de proteção disponíveis é fundamental para a população em um cenário de constantes avanços tecnológicos. Ele explica que há muitos direitos dos consumidores quanto à utilização dos seus dados. Entre eles, destacam-se os direitos de solicitar informações sobre o tratamento e sobre a correção dos dados, além da exclusão das informações do banco das empresas. “Ainda há a revogação do consentimento para a utilização dos dados”, completa.

Práticas irregulares

Wesley Silvano cita um exemplo de uso inadequado dos dados de um consumidor: quando, ao realizar um cadastro em uma loja, o cliente não concorda com a política de envio

de anúncios, mas, mesmo assim, passa a receber propagandas da empresa em questão. “Isso é um exemplo para o cliente ficar atento que a empresa não está cumprindo com o que foi combinado”.

Outra situação comum em estabelecimentos comerciais, principalmente farmácias, é a solicitação do CPF do cliente, sob pretexto de oferta de descontos. Mas Wesley reforça que a Lei Estadual nº 12.507/2022 proíbe esse tipo de exigência. Estabelecimentos que solicitarem o número do documento no momento da compra são obrigados a informar ao cliente a finalidade do cadastro que será feito a partir do fornecimento dos dados.

O coordenador do Núcleo de Proteção de Dados Pessoais do Procon-PB in-

formou, ainda, que quando necessário, o Procon notifica as empresas a prestarem esclarecimentos e adequem-se a LGPD. “Quando uma empresa não possui uma política de privacidade de dados, orientamos a criá-la”.

Orientações

Wesley Silvano recomenda que o cliente não forneça seus dados pessoais a estranhos, nem a empresas que não tenham uma política de privacidade definida. O consumidor que se sentir prejudicado pode denunciar o caso pelo número 151 ou, presencialmente, em uma unidade do Procon-PB.

Até o momento, não há registros de denúncias na autarquia, fato que o coordenador atribui ao conhecimento restrito dos consumidores paraibanos.

Violação de regras gera multa e mais sanções

Da Redação
 Com Agências

As penalidades relacionadas ao descumprimento da LGPD são aplicadas pela Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), autarquia federal vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Entre as sanções administrativas previstas em casos de violação das regras previstas, destacam-se a advertência, com possibilidade de medidas corretivas; a multa de até 2% do faturamento, com limite de até R\$ 50 milhões; o bloqueio ou a eliminação dos dados pessoais relacionados à irregularidade; a suspensão parcial do funcionamento do banco de dados; e a proibição parcial ou total da atividade de tratamento.

Em casos graves, a ANPD também pode exigir que a infração seja tornada pública, causando danos significativos à reputação da organização.

A norma

A LGPD tem 65 artigos, distribuídos em 10 capítulos. O texto foi inspirado em linhas específicas da regulação europeia – o Regula-

mento Geral de Proteção de Dados (GDPR, na sigla em inglês). Estão abrangidos pela proteção da lei quaisquer dados, como nome, endereço, e-mail, idade, estado civil e situação patrimonial, obtido em qualquer tipo de suporte (papel, eletrônico, informático, som e imagem, etc).

A lei tem o conceito de dados sensíveis, que recebem tratamento diferenciado: sobre origem racial ou étnica; convicções religiosas; opiniões políticas; filiação a sindicatos ou a organizações de caráter religioso, filosófico ou político; dados referentes à saúde ou à vida sexual; e dados genéticos ou biométricos quando vinculados a uma pessoa natural.

Cenário preocupante

No fim do ano passado, 20 empresas de grande porte foram notificadas pela ANPD, porque não indicaram o contato do encarregado pelo tratamento de dados pessoais, conforme exigido pela LGPD.

A medida estendeu-se a organizações que, além de não disponibilizarem um canal de comunicação adequado para atender aos ti-

tulares de dados, ofereciam canais que não eram efetivos, dificultando o exercício de direitos como acesso, correção e exclusão de dados pessoais.

Na ocasião do processo de fiscalização, a chefe da Divisão de Monitoramento da ANPD, Camila Falchetto Romero, destacou que as manifestações recebidas pela entidade revelavam um cenário preocupante.

“Há casos em que, mes-

mo sendo indicado pelo controlador, o canal de contato não cumpre adequadamente sua função de intermediar a relação entre o titular de dados e o controlador. Isso motivou a instauração desse processo, que busca não apenas corrigir as irregularidades, mas também reforçar a importância da transparência e da responsabilização no tratamento de dados pessoais”.

Saiba Mais

As organizações notificadas pela ANPD estão ligadas a setores econômicos diversos, como tecnologia, telefonia, educação, saúde e varejo. Confira a lista:

- Bluefit Academias de Ginástica;
- TikTok;
- Dell;
- Equatorial Energia;
- Clínica Vamos Sorrir;
- Eventim;
- Quinto Andar;
- Hurb;
- Cacau Show;
- Latam Airlines;
- Open English;
- Tinder;
- Saúde Total;
- Uninassau;
- Seras;
- Jequití Cosméticos;
- Vivo;
- Telegram;
- Uber;
- X (antigo Twitter).

UN Informe

DA REDAÇÃO

TCE-PB INVESTIGA PREFEITO ACUSADO DE TRIPLICAR CONTRATAÇÕES IRREGULARES

O Ministério Público de Contas do Tribunal de Contas da Paraíba aceitou denúncia contra a Prefeitura de Taperoá, considerando procedentes as irregularidades apontadas em relação a 148 contratações por excepcional interesse público em detrimento de nomeações por aprovação em concurso público. Também observou desrespeito aos princípios constitucionais da legalidade, impessoalidade e moralidade. As denúncias foram encaminhadas pelo sr. José Inácio da Silva contra o prefeito reeleito George Ciro Monteiro de Farias sobre supostas irregularidades ocorridas em 2021. Na época, ainda estava vigente um concurso público homologado em 2017. Segundo o parecer do Ministério Público, o corpo técnico do TCE identificou “aumento considerável de contratações que chegaram a triplicar durante o exercício, iniciando o período com 72 contratados e atingindo um pico de 245 em agosto do mesmo ano”. Diz ainda: “Apesar da defesa alegar aumento nos serviços disponibilizados aos cidadãos, bem como a necessidade de adequação aos programas do Governo Federal relacionadas a saúde e assistência social, percebe-se que o aumento de 340% (de 72 para 245) no quantitativo das referidas contratações realizadas, em 2021, é incondizente com o que determina a norma constitucional”.



Foto: Reprodução/Instagram

FINANCIAMENTO DO BNB

O Banco do Nordeste (BNB) superou em 10% a meta de R\$ 500 milhões em financiamentos para microempreendedores beneficiários dos programas sociais do Governo Federal. A parceria entre o Crediamigo, do BNB, e o Programa Acredita no Primeiro Passo, do Ministério do Desenvolvimento Social, resultou em R\$ 550 milhões em contratações para impulsionar os negócios de 60 mil famílias entre julho e dezembro de 2024.

BIRÔS CRIATIVOS (1)

O Governo da Paraíba divulgou o resultado final da seleção de produtores culturais que vão atuar nos chamados birôs criativos, a serem mantidos em 22 municípios com recursos da Política Nacional Aldir Blanc (Pnab) de Fomento à Cultura. A iniciativa é do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB) e da Fundação de Educação Tecnológica e Cultural (Funetec-PB), em parceria com o IFPB.

BIRÔS CRIATIVOS (2)

Foram selecionados 22 produtores culturais, sendo um produtor para cada um dos birôs a serem instalados pela Paraíba. Mais precisamente nos municípios de Cabedelo, João Pessoa, Santa Rita, Areia, Guarabira, Campina Grande, Esperança, Soledade, Cuité, Picuí, Monteiro, Sumé, Patos, Santa Luzia, Itaporanga, Catolé do Rocha, Cajazeiras, Pombal, Sousa, Princesa Isabel, Itabaiana e Pedras de Fogo.

VAGAS DO SINE-PB

A partir de amanhã, o Sistema Nacional de Emprego da Paraíba (Sine-PB) estará disponibilizando 804 novas vagas de emprego, em 10 municípios do estado. João Pessoa, concentra a maioria das vagas com 642 oportunidades de trabalho, enquanto as demais são distribuídas nas cidades de Campina Grande, Sapé, Guarabira, Santa Rita, Bayeux, Cabedelo, São Bento, Patos e Cajazeiras.

CARNAVAL DE JOÃO PESSOA

A Prefeitura de João Pessoa realizou, na sexta-feira (24), uma reunião com diversos órgãos para tratar das estratégias de segurança para o período do Carnaval 2025. “Este ano, o Carnaval de João Pessoa está mais forte e tende a reunir um número maior de pessoas, por isso, precisamos estar muito bem ajustados com todas essas instituições, como a Polícia Militar, Polícia Civil...”, declarou o diretor executivo da Funjope, Marcus Alves.

CEARTE-PB ABRE INSCRIÇÕES PARA 223 TURMAS DE CURSOS DE ARTE

A partir da próxima terça-feira (28) até o dia 4 de fevereiro, estarão abertas as inscrições para os cursos oferecidos pelo Centro Estadual de Arte da Paraíba (Cearte-PB). As inscrições são completamente gratuitas e destinadas a um público que abrange todas faixas etárias, desde bebês até idosos. Ao todo, são disponibilizadas 2.616 vagas, distribuídas em 70 cursos e organizadas em 223 turmas.

Foto: Evandro Pereira



Herminegilda Leite

Desembargadora e presidente do TRT-PB

“Combate ao assédio é essencial para proteger os direitos humanos”

Magistrada defende simplificação da linguagem em decisões e esforço contínuo na implementação do sistema de precedentes

Lilian Viana
lilian.vianacaneua@gmail.com

A Reforma Trabalhista de 2017 não fortaleceu o mercado de trabalho nem gerou mais empregos. Pelo contrário. É uma legislação imposta sem a devida participação dos trabalhadores, intensificando, ainda mais, a precarização das condições de trabalho, segundo análise da atual presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (TRT-PB), a desembargadora Herminegilda Leite, empossada no dia 7 de janeiro. Em entrevista ao *Jornal A União*, Herminegilda destaca, ainda, o papel essencial do Tribunal no combate ao trabalho infantil, afirmando que a erradicação dessa prática é uma prioridade, e reafirma o compromisso do órgão com a modernização e a agilidade dos processos judiciais, a partir da implementação de novas tecnologias que visam não apenas otimizar o tempo, como também ampliar o acesso à Justiça, especialmente para as populações em regiões mais afastadas.

A entrevista

■ *Quais são os principais desafios que o Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba tem enfrentado nos últimos anos?*

Um grande desafio enfrentado pelos tribunais brasileiros, incluindo o Tribunal Superior do Trabalho (TST), é a implementação do sistema de precedentes, devido ao elevado volume de recursos interpostos pelas partes, que buscam revisões constantes até as últimas instâncias. Um sistema de precedentes é um conjunto de decisões judiciais que servem de referência para julgamentos posteriores de casos semelhantes, reduzindo o número de decisões conflitantes e agilizando a produção de decisões judiciais. Muitos processos são idênticos, o que muda é o nome da pessoa que o pleiteia. Mas o pleito é exatamente o mesmo, então essas demandas necessitam ter o mesmo tratamento, para que não produzam angústia nos jurisdicionados, pois, quando se trata de situações idênticas, não é justo um ganhar e outro perder, a depender de quem julga. Na Justiça do Trabalho, os tribunais regionais estão sobrecarregados com recursos para o TST, especialmente os de revista, que podem ser seguidos por agravo de instrumento. Recentemente, o TST alterou a Instrução Normativa nº 40, para disciplinar essa situação, estabelecendo que, em casos específicos, o recurso de agravo interno será decidido pelo Tribunal. A implementação do sistema de precedentes, que visa diminuir a recorribilidade, é um desafio contínuo, especialmente após a introdução do Código de Processo Civil de 2015 e da Lei nº 13.015/2014. Precedente não é sinônimo de jurisprudência; é uma decisão judicial que pode servir de exemplo para casos semelhantes.

■ *Qual é a sua visão sobre a reforma trabalhista de 2017 e os impactos que ela trouxe para o Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba e para as decisões judiciais?*

A reforma trabalhista de 2017 padece de legitimidade, pois foi imposta à classe trabalhadora sem que esta tivesse participado de debates. O argumento de que a reforma geraria mais empregos se constituiu em uma das desculpas mais antigas que se tem quando se quer suprimir

direitos. Tanto é assim que não se viu essa geração de emprego. Ao contrário, segundo os dados do Ipea [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] e de outros institutos de pesquisa, houve aumento do número de desemprego. O que se vê é o agravamento da precarização da classe que vive do trabalho, a exemplo da introdução do contrato intermitente; do ajuste individual da jornada de 12x36; do contrato do autônomo exclusivo; da supressão das horas *in itinere* [tempo que o colaborador demora no trajeto entre a residência e o local de trabalho]; do fim do pagamento de horas extras com a instituição de banco de horas, podendo as empresas negociar diretamente com empregados a compensação das horas extras trabalhadas; etc. Num primeiro momento, nos anos seguintes ao da reforma, houve uma queda no ajuizamento das ações trabalhistas, mas esse número vem aumentando e não é por conta da litigância predatória [ajuizamento de processos judiciais de forma fraudulenta ou abusiva]. Não estou descartando essa possibilidade, mas afirmando que a maior parte das ações trabalhistas buscam a reparação de direitos violados pelo empregador. A nossa jurisprudência foi afetada em diversos aspectos, o que fez com que o TRT esteja re- vendo algumas de suas súmulas [entendimento de um tribunal sobre um determinado assunto e servem de orientação para a comunidade jurídica].

■ *O Tribunal tem investido em tecnologias de inteligência artificial (IA) ou outras ferramentas para agilizar os processos e melhorar o acesso à Justiça? Como essas inovações têm impactado o cotidiano do órgão?*

Está no nosso plano de ação, para o biênio 2025–2026, a criação do Comitê-Gestor de Inteligência Artificial para conduzir estudos e impulsionar a modernização dos processos judiciais e, assim, implantar sistemas avançados, como a degravação automatizada de audiências, o que ajuda na otimização do tempo; para identificar demandas repetitivas e melhorar pesquisas no Núcleo de Gerenciamento de Precedentes e Ações Coletiva (Nugepnac) e no

Centro de Inteligência, o que tem impacto positivo no desafio a que me referi no início da nossa conversa; e para desenvolver soluções voltadas à simplificação da linguagem em decisões judiciais, dentre outras melhorias que a tecnologia nos permite. Aliás, já usamos tecnologia no aprimoramento das sessões do Tribunal e das turmas de julgamento, o que garante mais rapidez, transparência e qualidade nos processos, e reflete o nosso compromisso com a otimização de indicadores e dados judiciais, dando maior clareza às nossas ações. Tudo isso impacta num Judiciário mais próximo da sociedade, promovendo cidadania, trabalho digno e soluções eficazes para os desafios do mundo do trabalho.

■ *Quais são os mecanismos que o Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba utiliza para assegurar o acesso à Justiça para trabalhadores de regiões mais afastadas ou com menos infraestrutura?*

O Tribunal do Trabalho da Paraíba foi o primeiro Tribunal a deixar de trabalhar com o processo em papel, desde os idos de 2008, quando desenvolvemos um projeto próprio. Já naquela época, tanto os processos judiciais quanto os administrativos tramitavam eletronicamente. Posteriormente, com a criação do sistema PJe, pelo CNJ [Conselho Nacional de Justiça], migramos para esse novo sistema. Depois, na época da pandemia, o CNJ criou o processo 100% digital, permitindo que os trabalhadores de regiões mais afastadas ou com menos estruturas tenham acesso à Justiça. Assim, o processo é distribuído para a vara competente, as partes e/ou testemunhas podem ser ouvidas em audiências virtuais e todo o processo segue seu rumo de forma digital.

■ *Qual é o papel do juiz do Trabalho no enfrentamento das questões de assédio moral e sexual no ambiente de trabalho, e como o Tribunal tem lidado com esses casos?*

O combate aos assédios moral e sexual é essencial para a proteção dos direitos humanos e a dignidade da pessoa humana, princípio fundamental da Constituição brasileira. Essas condutas violam a dignidade do trabalhador e prejudicam direitos constitucionais, como o valor social do trabalho e a garantia de saúde e segurança no ambiente de trabalho. O Brasil possui um robusto corpo normativo, incluindo a Constituição, leis, decretos e convenções internacionais, para prevenir essas práticas. No âmbito do Poder Judiciário, por recomendação do CNJ, foram criadas comissões de assédio moral e sexual, atuando nas esferas da primeira e segunda instância. Essas comissões, compostas por desembargadores, juízes, servidores e representantes sindicais, têm a função de acolher, acompanhar e apurar denúncias, sugerir medidas preventivas e realizar diagnósticos institucionais. Elas também devem alertar sobre ambientes propensos a assédio, além de atuar em campanhas de conscientização e orienta-

ção. No entanto, as comissões não têm poder punitivo, e as denúncias são tratadas com sigilo e cautela. Fui a presidente da Comissão de Assédio Moral e Sexual da segunda instância deste Tribunal, recebemos várias denúncias que foram tratadas com a devida cautela e sobre as quais não posso falar por questões éticas. As profissionais que compõem essa Comissão são muito comprometidas e atuantes e as reuniões eram feitas sempre que necessárias.

■ *Como o Tribunal tem se posicionado em relação à proteção dos direitos dos trabalhadores em situações de contratos de trabalho intermitentes e outros modelos que surgiram após a reforma trabalhista?*

Estamos sempre atuando para garantir a proteção dos direitos dos trabalhadores, especialmente em face de novas formas de contratação que surgiram com a Reforma Trabalhista de 2017, como os contratos intermitentes e outros modelos de trabalho flexível. A reforma trouxe importantes alterações na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), mas também gerou uma diminuição de direitos históricos dos trabalhadores, o que, em muitos casos, fragiliza a relação empregatícia. No caso do contrato de trabalho intermitente, por exemplo, a possibilidade de um trabalhador ser convocado para trabalhar apenas em períodos específicos, com remuneração proporcional, trouxe vantagens para os empregadores, mas também gerou insegurança para os trabalhadores, que podem ficar sem a estabilidade de um salário fixo e sem direitos como férias e 13º proporcionais, se não houver a devida regularidade na convocação. É essencial que, em casos como esses, o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) observe com atenção a correta aplicação dos direitos garantidos na Constituição e nas normas infraconstitucionais, para que os trabalhadores não fiquem desprotegidos e sejam submetidos a condições de trabalho precárias. Embora o TRT precise cumprir as decisões do Supremo Tribunal Federal (STF), que tem validado muitas dessas mudanças, nossa atuação vai além da simples observância da legislação. Trabalhamos de forma ativa e vigilante no combate a fraudes por parte de empregadores que buscam se beneficiar de interpretações errôneas ou até fraudulentas das novas modalidades de contrato. Isso inclui a análise rigorosa de documentos, fiscalização do cumprimento das obrigações trabalhistas e a garantia de que os direitos dos trabalhadores sejam efetivamente respeitados. Nosso compromisso é com a preservação dos direitos dos trabalhadores, garantindo que as relações de trabalho se deem de forma justa e que os direitos humanos dos trabalhadores sejam sempre respeitados.

■ *E, em relação ao trabalho infantil, como a Justiça do Trabalho pode intervir?*

Para cumprir o compromisso assumido pelo Brasil diante da comu-

nidade internacional de erradicar as piores formas de trabalho infantil — tais como escravidão e práticas análogas; exploração sexual infantil; trabalho em atividades ilícitas, como tráfico de drogas; atividades prejudiciais à saúde, segurança ou moralidade da criança; e qualquer trabalho em condições de exploração extrema, violência ou abuso psicológico —, o CSJT e o IST empenham-se em sensibilizar e capacitar os juízes do trabalho, servidores e a sociedade como um todo. O objetivo é promover o reconhecimento do trabalho infantil como uma grave violação de direitos humanos e destacar a responsabilidade coletiva para seu combate e erradicação. Nesse contexto, a atuação da Justiça do Trabalho se intensificou em 2012, com a criação da Comissão para Erradicação do Trabalho Infantil na Justiça do Trabalho (Ceti). Uma das iniciativas foi a realização do 1º Seminário Nacional de Combate ao Trabalho Infantil, no Tribunal Superior do Trabalho, com o tema central “Trabalho Infantil, Aprendizagem e Justiça do Trabalho”. Os debates e exposições do evento inspiraram a publicação da Carta de Brasília pela Erradicação do Trabalho Infantil. Desde então, a Justiça do Trabalho promove, anualmente, ações, campanhas e projetos com foco na proteção dos direitos das crianças e na erradicação desse tipo de violência, além do estímulo ao direito à aprendizagem para jovens de 14 a 24 anos.

■ *Como a senhora vê o papel da mediação e conciliação dentro do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, e como essas práticas podem ser aprimoradas para garantir maior eficiência e justiça?*

A conciliação está no DNA da Justiça do Trabalho. As tentativas de conciliação, previstas na CLT, são obrigatórias. Contudo, a política institucional da conciliação, adotada nas últimas décadas pelo CNJ e pelo CSJT, impulsionaram a cultura da conciliação e mediação. O Tribunal do Trabalho da Paraíba é um precursor nessa matéria, pois criou, por volta de 2010 e 2012, o Núcleo de Conciliação, conhecido como Nucon, o qual serviu de modelo para os demais tribunais. Sabemos que a conciliação é um dos instrumentos mais ágeis e econômicos disponibilizado pelo ordenamento jurídico para a resolução pacífica de conflitos, uma vez que favorece as partes e põe fim ao conflito por meio do diálogo, o qual conduz a uma solução construída de forma conjunta pelas partes do processo, com o auxílio de conciliadores e mediadores, que são juízes e servidores do Tribunal, os quais são permanentemente capacitados nessa matéria. A conciliação otimiza o tempo médio de tramitação dos processos e reduz o custo da demanda para o estado. Como forma de aprimoramento, destaco os mutirões, as pautas temáticas por empresa, seja na fase de conhecimento, seja na fase de execução, adotando a metodologia da conciliação humanista.

POLUIÇÃO SONORA

Órgãos atendem queixas da população contra barulho

Sudema efetuou 101 autuações no estado em 2023 e no ano passado

Emerson da Cunha
emersoncousa@gmail.com

Sabe aquele vizinho que escuta música alta todo fim de semana? Aquele barulho de obra que não deixa você trabalhar em *home office*? Esses são casos do que podemos chamar de poluição sonora, toda emissão de som que, direta ou indiretamente, é ofensivo ou nocivo à saúde, à segurança e ao bem-estar da coletividade. Os principais causadores podem ser trânsito, indústrias, obras e equipamentos de som, que abrangem também os acoplados a veículos, conhecidos como “paredões”. Ao contrário do que muita gente pensa, a poluição sonora também é um crime ambiental, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ocupa o segundo lugar no *ranking* de poluições mais nocivas ao ser humano.

Um dos órgãos que atuam na fiscalização desse tipo de infração, nesse caso, em nível estadual, é a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema). A instituição registrou, em 2023 e 2024, um total de 101 ocorrências de poluição sonora com efetivas autuações em toda Paraíba, sendo 37 no ano passado, e 64 no ano anterior. Vale ressaltar que as autuações se referem às notificações por meio de documento a uma pessoa ou entidade cometendo infração ambiental, no contexto de ação de fiscalização.

Limites

No caso do estado, a referência para os limites de níveis de pressão sonora é a Norma

Estatística

Segundo a OMS, crime ocupa o segundo lugar no ranking de poluições mais nocivas ao ser humano

Brasileira (NBR) nº 10.151/2019, que determina, entre outras, as seguintes limitações: em áreas rurais, 40 decibéis (dB) ao dia, 35 dB à noite; área residencial urbana ou de hospitais e escolas, 50 dB ao dia e 45 dB à noite; e área industrial, 70 dB ao dia e 60 dB à noite. De acordo com o órgão, os períodos de maior ocorrência são Carnaval, fim de ano, fins de semana e feriados, sendo que a maioria das ocorrências envolve equipamentos sonoros automotivos, os famosos “paredões”.

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) também atua nas demandas de poluição sonora no estado a partir de articulações com órgãos de fiscalização, como as secretarias municipais de Meio Ambiente, a Sudema e o Batalhão Ambiental. “Também adotamos providências judiciais e extrajudiciais em face das demandas decorrentes dos autos de infração e notícias de fato recebidas”, explica a promotora de Justiça e coordenadora do Centro de Apoio Operacional

(CAO) do Meio Ambiente do MPPB, Danielle Rocha.

Nesse contexto, um dos locais de atuação do MPPB é o Fórum Permanente de Combate à Poluição Sonora, criada em 2010 com a finalidade de articular ações do MP, polícias Civil e Militar e órgãos de defesa do meio ambiente. “Acreditamos que houve uma diminuição da poluição sonora no estado decorrente da fiscalização realizada pelos órgãos competentes, bem como da maior conscientização da população em geral”, defende a promotora.

A coordenadora do curso de bacharelado em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), organizadora da Semana de Conscientização do Ruído e também membro do Fórum Conceição Benck, explica que esse registro é um dos mais difíceis de tratar entre as questões ambientais. “Quando você vê poluição do ar, por exemplo, você identifica a fumaça, os efeitos são mais conhecidos. Quando você vê a poluição da água, também enxerga algo concreto, ela fica imprópria para uso, pode mudar a aparência e o cheiro. De todos os problemas ambientais, o mais difícil de lidar é a poluição sonora, porque o efeito desaparece no momento em que você desliga, que você fecha o ruído. Ele só não desaparece nos efeitos que pode causar na saúde do ser humano”, explica Benck.

Riscos à saúde

A docente coloca que muitas pessoas não percebem como os sons altos e os ruídos vão interferindo na saúde. Um dos



Ilustração: Bruno Chiozzi

exemplos é a ocorrência de agitação e nervosismo. Isso porque o ruído causa, dentre outras coisas, sensações associadas a estresse e a sentimento de fuga ou de luta, já que há uma descarga forte, no organismo, dos hormônios cortisol (hormônio do estresse) e adrenalina. Outro resultado do nível alto de cortisol é a contração dos vasos sanguíneos, o que pode aumentar a pressão arterial. “Você fica mais irritado”, diz a professora.

E continua: “O excesso de cortisol leva as suprarrenais a cair em fadiga. Você também pode ter problemas de tireoide pelo estresse, problema de sono, o que pode afetar o organismo em um leque muito grande de efeitos. Você pode ter problemas auditivos. Quando se chega ao problema com a audição, já é o último efeito, você já adoeceu em várias outras coisas”.

Ela considera ainda que falta conscientização e mais informação das pessoas, tanto sobre os problemas que o som alto e ruído podem trazer para a saúde coletiva e para o meio ambiente, quanto no uso de pequenas estratégias para di-

minuir a emissão de sons altos e seus efeitos. “É algo sobre o que a gente precisa aprender para viver em harmonia, entendendo o direito de vizinhança, o respeito. Quando a gente pensa em convivência no coletivo de uma maneira respeitosa e não abusiva”, considera Benck.

Como denunciar

Caso o cidadão tenha algum problema de poluição sonora e queira denunciar, pode acessar a Sudema. Em João Pessoa, a denúncia pode ser feita por meio do telefone de plantão (83) 98844-2191 (24 horas, todos os dias), ou por meio dos canais de formalização de denúncia: telefone fixo (83) 3690-1965 ou e-mail difisudema@gmail.com. Em Campina Grande, o telefone é o (83) 3690-1997 e, em Patos, (83) 3690-1998. Outra opção é o número 190 para atendimento de ocorrência por meio do Batalhão de Po-

licia - m e n t o Ambiental para enquadramento em crime de poluição sonora.

Em João Pessoa, é disponibilizado pela prefeitura o Acácia Chatbot, que funciona no número de WhatsApp (83) 3218-9208 para denúncias de infrações ambientais. Por meio desse canal, é possível enviar vídeos e mensagens de texto com informações sobre as ocorrências. As denúncias também podem ser feitas via aplicativo João Pessoa na Palma da Mão. No caso do MPPB, o órgão pode ser acionado pelos canais disponíveis no site www.mppb.mp.br/faleconosco ou indo pessoalmente à promotoria de Justiça mais próxima.

■ Períodos de maior incidência são no Carnaval, fim de ano, fins de semana e feriados de uma forma geral

João Pessoa registrou mais de 2.600 denúncias em 2024

A capital paraibana registrou, por sua vez, em 2024, 2.639 denúncias de poluição sonora, contra 2.628 realizadas no ano anterior, segundo a Divisão de Fiscalização (Difi) da Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam-JP). Esse tipo de ocorrência se refere aos registros de casos que chegaram ao órgão por meio dos canais disponíveis.

Segundo a secretaria, as denúncias de poluição sonora são maioria entre as demais registradas, tanto em 2023 como em 2024. No município, a questão é regida pelo Código Municipal de Meio Ambiente, que define, por exemplo, o nível de decibéis de acordo com as características do local. Por exemplo, em zona diversificada, com casas ou hospitais, é permitida a emissão sonora entre 50 e 65 decibéis; para zona residencial, 45 a 55 decibéis; e, em zona industrial, de 60 a 70 decibéis. A maior incidência das denúncias é entre 22h e 0h, e nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro (alta estação), e junho e julho, por conta das férias escolares.



Fotos: Leonardo Atrial

Nas ruas, o som alto e vendedores oferecendo produtos e serviços aos gritos incomodam transeuntes

■ De acordo com a Semam, esse tipo de registro é maioria entre os casos recebidos

Comprovação

A equipe de reportagem foi verificar a realidade enfrentada pela população, no Centro da capital paraibana. O resultado foram várias lojas e ambulantes com caixas de som e usando o gogó para vender seus produtos. Sons por cima de sons. “Ando muitas vezes, é até desagradável. A

gente entra em uma loja, não dá nem para se comunicar, ou a gente entra, justamente, para escapar do som”, comenta uma transeunte, que prefere não se identificar, com medo de represálias. O som alto incomoda não apenas consumidores, mas também vendedores. “Aqui na Lagoa [Parque Solon de Lucena], durante a semana, transitam

carros de som com altos decibéis, e isso vem prejudicando os aparelhos auditivos das pessoas. Todo mundo precisa trabalhar, mas também tem regulamentação. Esses carros têm ultrapassado, e muito, os decibéis”, desabafa o comerciante Wallace Freire, que trabalha na rua há 35 anos.

Mas não é apenas nas ruas que a poluição sonora acontece. Tem quem sofra com isso perto de casa, com a vizinhança. É o caso de Socorro Santana: “Som alto me incomoda muito, eu não gosto, tenho pavor de barulho. Já aconteceu perto da minha casa e, toda vez, minha filha liga para a polícia. Ela passa a semana toda trabalhando como recepcionista, quando chega domingo ou feriado, quer descansar”.

Há também quem tenha maior sensibilidade a esse tipo de barulho, o que importa ainda mais. “Barulhos altos me incomodam em locais fechados, como TV ou celular, ou ambientes com muitas pessoas falando ao mesmo tempo, som alto em locais públicos ou na rua. Como são situações que não podemos

evitar, acabam sendo recorrentes. Afetam meu humor e minha atenção. Não chegou a me causar problemas de saúde, mas gera situações de estresse”, explica Janeíse Candeia.



“Aqui na Lagoa, durante a semana, transitam carros de som com altos decibéis, e isso vem prejudicando a audição de todos

Wallace Freire

BURNOUT PARENTAL

Sobrecarga diária abala o emocional

Pais tentam conciliar a vida profissional com o cuidado dos filhos, porém sofrem com o excesso de tarefas

Maria Beatriz Oliveira
obatriz394@gmail.com

“Mexia muito com o meu psicológico porque, por mais que eu fizesse tudo por eles, eu ainda me cobrava muito como mãe, por ter que sair para trabalhar e deixá-los em um berçário o dia todo. Me cobrava se, realmente, eu estava dando a atenção necessária. Havia noites que eu chegava em casa exausta do trabalho e só queria colocá-los logo para dormir. E quando eu os via dormindo, me sentia triste por não ter dado o cuidado que eles precisavam, mas, no outro dia, começava tudo novamente.” O relato é da representante de vendas, Kelly Oliveira, casada com Felipe e mãe de dois filhos, com apenas 10 meses de diferença entre eles, que se viu sofrendo com sintomas de burnout parental.

Neste mês, marcado pela campanha Janeiro Branco, que visa alertar a população sobre o cuidado com a saúde mental, o burnout é uma pauta cada vez mais constante entre psicólogos e especialistas. O termo significa uma síndrome que se resume a um esgotamento emocional e físico do trabalhador, sendo uma das principais causas de afastamento do trabalho, atualmente, no Brasil, acometendo 30% dos empregados brasileiros.

As mães e pais, por sua vez, estão mais suscetíveis a se verem com o chamado burnout parental, já que possuem quase uma jornada de trabalho dupla, dividindo-se entre a carreira e o cuidado com os filhos. Ao falarmos da parentalidade, essa condição atinge muito mais as mulheres que, na maioria das vezes, são as protagonistas na criação das crianças.

A psicóloga Júlia Tavares explica que, o que teve início como uma condição trabalhista, hoje, se alastrou para a relação entre pais e filhos. “O burnout parental é uma ampliação do termo que abrange o estado de exaustão física, psicológica e emocional que afeta como os pais irão interagir com os filhos. É um desafio que irá exigir uma ação de maneira individualizada, sendo muito importante investir no autoconhecimento”, frisou.

Segundo ela, é impor-



Kelly Oliveira, ao lado dos filhos e do marido, Felipe; ela sentia-se culpada por não dedicar muito tempo às crianças devido à jornada de trabalho

Estatística

Síndrome é uma das principais causas de afastamento do trabalhador, atingindo 30% dos empregados

tante que os cônjuges inseridos nesse contexto identifiquem os próprios limites, as próprias necessidades e busquem momentos de descanso, definindo horários de lazer, de ter atividades relaxantes e também deem atenção à saúde mental. “Inclusive, se preciso for, buscar ajuda profissional para lidar com os estresses do dia a dia com os filhos e do trabalho”, esclareceu a especialista.

Culpa

Um dos sentimentos mais comuns entre as mães é o mesmo relatado pela representante de vendas Kelly Oliveira: culpa. O horário de trabalho longo e as responsabilidades com a família acabam fazendo com que a mulher tenha a percepção de que não consegue oferecer o seu melhor, seja em casa ou no ambiente profissional.

Ela conta que a apenas começou a se sentir menos exausta e a curtir mais a maternidade, conforme os filhos foram crescendo. “Miguel hoje está com sete anos e Murilo com seis. Ainda são pequenos, mas já são mais independentes. Tomam banho, se trocam, comem sozinhos. Isso alivia mais a rotina. Eu também percebi que precisava encontrar um tempo para cuidar de mim, porque isso ia me tornar uma mãe melhor. Encontrei esse cuidado no exercício físico. Acordo bem cedo e começo meu dia me exercitando. Ter esse tempo comigo antes de começar a correria do dia a dia foi o que me fez melhorar mentalmente”, detalhou Kelly.

Redução no expediente facilita adaptação com a vida familiar

Enquanto Kelly encontrou no zelo com o corpo uma forma de lidar melhor com os desafios da maternidade, Mariana Barbosa, servidora pública, preferiu abrir mão de um salário melhor, para reduzir sua carga jornada de trabalho. Com a iniciativa, ela pôde acompanhar de perto o crescimento das filhas Clarice (9) e Luíza (16).

“Depois do primeiro ano de Clarice eu já percebi que não ia dar certo continuar tra-

balhando 8h diárias. Eu precisava deixá-la com a minha mãe o dia inteiro, o que a sobrecarregava e eu também acabava perdendo momentos do crescimento da minha filha. Além disso, Clarice mamou até os dois anos, então eu acordava várias vezes à noite para amamentar e tinha que trabalhar bem cedo. Era muito cansativo”, afirmou.

Atualmente, com as tardes livres, Mariana investe em atividades extras com as filhas, como aprender a tocar um novo instrumento juntas ou fotografia.



Mariana (E) reduziu a carga horária onde trabalhava para ficar mais perto das filhas

Empresas devem investir em ambientes acolhedores

Apesar de as mães e pais necessitarem de um tempo para aprender a lidar com a nova vida com os filhos, há quem acredite que as empresas, sobretudo os líderes dos locais de trabalho, precisam investir em ambientes mais acolhedores para a parentalidade. Foi a partir dessa ideia que surgiu a Filhos no Currículo, uma consultoria que apresenta soluções de como os filhos dos colaboradores de uma empresa devem ser enxergados, ou seja, de-

vem ser vistos como parte da equipe.

“Nós acreditamos que um filho é um novo ser no planeta, ele vem para somar na comunidade. Por esse motivo, os empregadores precisam enxergar isso como uma oportunidade de crescimento. Quando uma mulher sai de licença-maternidade, por exemplo, pode ser a chance para outras pessoas da equipe se tornarem talentos ou exibirem habilidades que ainda não eram conhe-

cidas”, explicou Camila Antunes, cofundadora da Filhos no Currículo.

Outro ponto chave do trabalho da consultoria é o diálogo com os pais. “Nossa ideia não é ter um grupo de mães, mas sim um organismo de apoio, principalmente com os pais. Porque ser pai é facultativo ainda, mas ser mãe é compulsório. Precisamos que a figura paterna assuma o seu protagonismo, até porque percebemos que a chegada de um filho traz mudanças na

pessoa; você pode se tornar um líder mais empático, mais criativo para resolver problemas do dia a dia”, destacou.

Para Camila, é necessário que a empresa perceba a ligação entre a qualidade de vida dos pais e a entrega de resultados no negócio. Ter um colaborador sofrendo de burnout parental irá afetar, por exemplo, a produtividade, a assiduidade e o desempenho geral desse indivíduo.

De acordo com um estu-

do realizado, em 2018, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), aproximadamente, metade das mulheres que tiraram licença-maternidade deixaram o mercado de trabalho em até dois anos após seu retorno. Para evitar essa evasão, Camila pontua que medidas simples podem ser tomadas.

“Oferecer o auxílio-creche e o plano de saúde é algo muito importante. Criar salas de amamentação também é um dos principais conselhos que damos

aos líderes, além de estudar a possibilidade de ampliar a licença paternidade, deixando igual para todos”.

■ Consultora diz que as organizações devem observar a qualidade de vida dos pais e a entrega de resultados no negócio

LIGAÇÕES INDESEJADAS

Quando o incômodo vira um abuso

Chamadas excessivas de telemarketing persistem e representam desafio para consumidores e órgãos de fiscalização

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

As ligações de telemarketing têm se tornado um incômodo cada vez mais frequente na rotina dos brasileiros. Estratégia usada por empresas, sobretudo, de internet e de telefonia, para oferecer planos, assinaturas e outros serviços, essas chamadas indesejadas são feitas, muitas vezes, de forma insistente, e uma mesma pessoa chega a receber dezenas delas por dia — o que torna a prática abusiva e causa incômodo e estresse nos consumidores. Além disso, quase tão desafiador quanto evitar tais ligações é distinguir quando se trata de golpes, travestidos de ofertas de promoções ou empréstimos.

A jornalista Dilvani Alves diz ser constantemente incomodada por esse tipo de chamada; em algumas semanas, elas são ainda mais recorrentes, quase diárias. Apesar disso, ela conta que não buscou plataformas como o Não Me Perturbe, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), nem bloqueou os contatos, alegando que as empresas sempre procuram estratégias para burlar essas medidas. “Eu prefiro manter aquele número, porque sei o que é e já ignoro, nem atendo mais”, afirma.

De todo modo, as ligações e mensagens ainda atrapalham a rotina de Dilvani. “Às vezes, estou gravando um áudio importante no celular, porque trabalho muito com o WhatsApp,

“

As operadoras já deveriam ter se tocado de que o cliente não gosta das ligações e que o efeito surtido é o contrário; elas mais perdem do que ganham

Dilvani Alves

chega uma ligação e cancela a gravação; ou estou concentrada, digitando algum texto, e perco o raciocínio”, relata. “É muito chato, acho que as operadoras já deveriam ter se tocado de que o cliente não gosta, que isso não surte o efeito que eles esperam. Na verdade, surte o efeito contrário; acho que elas perdem mais do que ganham”, avalia a jornalista.

As chamadas de telemarketing também afetam o cotidiano da jornalista e fotógrafa Ester Vasconcelos, que, por pouco, não perdeu uma oportunidade de trabalho por causa delas. “Uma vez eu recebi uma ligação de São Paulo e quase a recusei, achando que era telemarketing ou golpe, mas resolvi atender. Era

Estratégia comumente usada por operadoras de internet e de telefonia ainda é explorada para a prática de golpes



uma pessoa que eu conheço, que estava morando lá e queria solicitar meus serviços para fotografar o casamento de um amigo”, revela Ester. “Sempre acabo atendendo às ligações, porque fico com isso na cabeça, que pode ser um cliente que eu acabe perdendo”, comenta a fotógrafa, que diz que, apesar de ter se cadastrado no Não Me Perturbe, continua recebendo as chamadas.



Ilustração: Bruno Chirossi

Com regras e medidas cautelares, Anatel tenta disciplinar segmento

Segundo a Anatel, ligações de telemarketing inoportunas ou abusivas estão inseridas no fluxo de acompanhamento e de controle do órgão desde 2019. Nessa ocasião, foi firmado um compromisso específico, adotado pelas principais prestadoras de telecomunicações, intitulado “Código de Conduta para Ofertas de Serviços de Telecomunicações por meio de Telemarketing”. Entre as regras estipuladas, está a definição de horários para a realização das chamadas, que devem ocorrer das 9h às 21h, em dias úteis, e das 10h às 16h, nos sábados, ficando vedada a prática em domingos e feriados nacionais, salvo em caso de solicitação ou autorização pelo consumidor.

Além disso, foi adotada uma série de medidas para reduzir o problema. “Dentre elas, está a identificação das chamadas pela numeração 0303; a permissão de cobrança para ligações com duração de até três segundos, visando coibir chamadas curtas sem intenção de contato; e a edição de quatro medidas cautelares, que determinam às prestadoras de telecomunicações o bloqueio da capacidade de origem de chamadas dos usuários que realizam um grande volume de ligações ou que insistem em realizar um grande volume de chamadas sem intenção de comunicação”, informa a Ana-

tel, em nota.

A agência diz ainda que outra medida cautelar foi recentemente editada, ampliando o conceito de chamadas curtas como aquelas com duração de até seis segundos ou direcionadas à caixa postal. “A medida está em vigor atualmente, com os bloqueios ocorrendo por seus parâmetros desde agosto último”, esclarece a nota. Conforme a Anatel, o cumprimento dessas determinações por parte das empresas é continuamente monitorado, bem como o volume e o tipo de reclamações relatadas pelos consumidores, e são solicitadas providências às prestadoras, quando necessário.

Por fim, uma nova ferramenta, atualmente em desenvolvimento, deve viabilizar a autenticação de

chamadas por meio do selo Origem Verificada, para que os consumidores possam visualizar de onde vêm as ligações, na tela de seus aparelhos, antes de atendê-las. “Trata-se de uma solução na qual as chamadas serão apresentadas com o número do discador, nome e logomarca, bem como o motivo da ligação”, antecipa a Anatel, que também passará a receber, de prestadoras de telefonia móvel e fixa, relatórios mensais sobre o tráfego recebido, incluindo chamadas com indícios de alteração indevida de identidade, o que permitirá constatar irregularidades e atuar com mais rapidez contra fraudes.

Sanções e multas

De acordo com a Anatel, de 2019 até novembro de 2024, foram bloqueados 1.041 usuários, por infração às normas já estabelecidas, e aplicados R\$ 32 milhões em multas decorrentes de sanções, além de terem sido firmados diversos compromissos para adequação de conduta. Ao longo desse período, o órgão aponta que vem registrando uma redução no número de chamadas curtas, em relação ao total de ligações. Entre junho de 2022 e novembro do ano passado, estima-se que 178,7 bilhões de chamadas inoportunas deixaram de ser geradas na rede das operadoras monitoradas.

Plataformas de bloqueio continuam atraindo milhares de insatisfeitos

Uma das maneiras de o consumidor se proteger de ligações abusivas é inscrever seu telefone no site Não me Perturbe (<https://www.naomeperturbe.com.br/>). Com isso, as empresas cadastradas na plataforma devem excluir o número informado de seus registros para telemarketing ativo. Caso as chamadas persistirem, pode-se denunciá-las na própria ferramenta.

“Também é possível registrar queixa quando as chamadas não identificadas pelo prefixo 0303 tiverem o objetivo de telemarketing. Recomenda-se que o consumidor anote o nome do prestador e o número que realizou a chamada. Com essas informações, é possível contatar a sua empresa de telefonia sobre o possível uso irregular do serviço. Não havendo providências para a solução do problema, recomenda-se que acione a ouvidoria da empresa”, orienta a Anatel, em nota.

Na Paraíba, a Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do estado (Procon-PB) oferece o site semelhante, o Não Perturbe (<https://naoperturbe.procon.pb.gov.br/>) — que somou, em 2024, 1.654 novos cadastros de consumidores e empresas, solicitando o não recebimento de telemarketing ativo. Os números inscritos na pla-

taforma devem deixar de receber ligações após 30 dias. Segundo a advogada Glauce Jácome, o consumidor é a parte mais vulnerável na relação de consumo e, por isso, o Código de Defesa do Consumidor (CDC) visa protegê-lo. “O CDC estabelece limites para combater os excessos e manter o equilíbrio entre a realização da publicidade pelas empresas e seu recebimento por parte dos consumidores, que têm de ter liberdade para decidir pela compra ou pela contratação dos produtos”, pondera, reforçando que a legislação não combate o telemarketing, mas seus abusos.

Glauce esclarece que o tempo é, hoje, considerado um bem pelo Direito, e perdê-lo diariamente por causa de chamadas indesejadas pode até ser caso para indenização, conforme alguns entendimentos. “Muitas vezes, nosso tempo é tomado pelo fornecedor para oferecer algo em que não temos interesse, cobrar algo que não devemos ou mesmo esperar a resolução de problemas que não causamos”, pontua a advogada.

Outros canais

Além das plataformas já citadas, pode-se registrar reclamações sobre o problema, junto à Anatel, por meio do aplicati-

vo Anatel Consumidor ou pelo telefone 1331 (de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h). Outra ferramenta disponível, criada por determinação do órgão, é o site Qual Empresa Me Ligou (<https://qualempresameligou.com.br/>), serviço que permite consultar a identificação do titular de determinados números. Por sua vez, o Procon-PB, dispõe de um canal para denúncias via WhatsApp: (83) 98618 8330.



Foto: Divulgação/Carla Batista

“

Muitas vezes, nosso tempo é tomado pelo fornecedor para oferecer algo em que não temos interesse ou cobrar algo que não devemos

Glauce Jácome

Verificado

Atualmente, agência reguladora desenvolve um selo que permitirá aos usuários saberem a origem e o motivo da chamada, antes de atendê-la

ANIMAIS SILVESTRES

Acolhidos, cuidados e reabilitados

Além de serem espaços de visitação, Aquário Paraíba e Bica dedicam-se a recuperar e reintroduzir espécies resgatadas

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Quem vê a “pequena” Galega, tranquila, nos braços do veterinário Hugo Cantalice, não faz ideia do caminho que ela percorreu até ficar bem adaptada à nova vida em João Pessoa. Vítima de tráfico de animais, a cobra píton amarela ou albina foi resgatada pelo Batalhão de Polícia Ambiental (BPA), em Alagoas, e doada pelo Parque Zoológico Ardua Câmara (Bica), na capital, para ser cuidada pelos profissionais do Aquário Paraíba, localizado na Praia do Seixas, também em João Pessoa. “Nós costumamos dizer que nossa missão é baseada em três Rs: resgate, reabilitação e reintrodução. Caso o animal não se adapte a voltar para o ambiente natural, ou seja, por alguma necessidade física ou mental, acabe tendo necessidade de viver em cativeiro, ele permanece aqui ou é enviado a outro local adequado a ele, caso não tenhamos um espaço que o atenda”, explica Hugo.

Somente no ano passado, foram quase dois mil animais acolhidos pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) da Paraíba, no município de Cabedelo, em mais de 500 operações de resgate e recolhimento de animais em risco. Desse total, alguns conseguiram retornar aos seus habitats naturais. Outros, considerados inaptos à soltura na natureza, precisaram ser destinados a espaços legalizados e adequados para sua sobrevivência, a exemplo do Aquário Paraíba e da Bica.

Esse foi, justamente, o caso de Galega, da sua colega Gigi, uma jiboia de 3,5 m, e dos seus vizinhos de ambiente, os sorridentes gecos-leopardos. Mesmo depois de todo o esforço dos profissionais para reabilitá-los, os maus-tratos sofridos por esses animais impediram que tivessem condições de retornar à natureza. No entanto, não impediram que eles recebessem um tratamento humanizado e vivessem com qualidade, em um ambiente reproduzido especialmente para eles no Aquário.

Proteção

No ano passado, o Centro de Triagem de Animais Silvestres da Paraíba recebeu quase duas mil espécimes, recolhidas por mais de 500 operações de resgate

Processo minucioso

O trabalho de acolhimento e de reabilitação no espaço envolve uma série de etapas e cuidados. O processo começa com o recebimento dos animais que foram resgatados em situações de maus-tratos ou de tráfico, sempre por intermédio de instituições como o Cetas ou, ainda, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Batalhão de Polícia Ambiental (BPamb-PB) ou a Superintendência de Administração do Meio Ambiente da Paraíba (Sudema-PB).

Ao chegarem ao Aquário, esses animais são encaminhados ao Centro de Reabilitação do espaço, onde passam por avaliações físicas e psicológicas. “O primeiro passo é entender o estado do animal, ver se ele tem ferimentos, doenças ou algum estresse. A partir daí, começamos os tratamentos necessários”, esclarece o veterinário.

Além disso, o Aquário conta com uma estrutura que visa garantir o bem-estar dos animais reabilitados. O lugar é cuidadosamente adaptado, com ambientes que simulam as condições naturais de cada espécie. Já a alimentação busca respeitar suas necessidades nutricionais específicas e ajudar na readaptação. “Não podemos simplesmente devolver o animal à natureza e esperar que ele sobreviva. Precisamos ensiná-lo a buscar alimento sozinho, a se proteger de predadores e a evitar o contato humano, por exemplo”, detalha Hugo.



Espécimes como a cobra píton Galega costumam chegar ao local após serem retiradas de situações de maus-tratos ou de tráfico, passando a ser tratadas por uma equipe de veterinários



Fotos: Evandro Pereira

O Aquário Paraíba oferece ambientes e alimentação adaptados às necessidades naturais de cada animal recebido

Educação ambiental enriquece visitas

A soltura dos animais na natureza é uma das atividades mais gratificantes para o diretor e idealizador do espaço, o engenheiro ambiental Emmanuel Carlos Lopes. Na última quinta-feira (23), Esperança, uma tartaruga-de-pente, foi, finalmente, devolvida ao mar, após anos de cuidados intensivos e de reabilitação. “É quando você percebe a grandiosidade da nossa missão de acolher, cuidar e preparar o animal para o retorno ao seular de origem. É quando eu vejo que todo o esforço diário, para manter o Aquário funcionando, vale muito a pena”, reflete Emmanuel.

Esse momento e todas as solturas realizadas pelos profissionais do local podem ser acompanhados pelo Instagram do Aquário (@aquario-paraiba). O espaço, a propósito, não apenas resgata e cuida de animais, mas também se dedica à educação socioambiental: as visitas oferecidas



Espaço abriga, hoje, cerca de 130 animais de 90 espécies

a quem quer conferir os animais que não podem retornar ao seu habitat não é do tipo que as pessoas só fazem fotos do lugar e seguem. “É uma visita com propósito educativo mesmo. Em cada passeio, que dura entre 40 e 50 minutos, nossos monitores conduzem os visitantes, apresentando as espécies e alertando sobre as questões ambientais, como a responsabilidade so-

cioambiental e a sustentabilidade”, explica o idealizador do local. Para Hugo Cantalice, essa é uma oportunidade única de conscientizar as pessoas. “Recebemos visitantes que, muitas vezes, não conhecem a realidade de muitas espécies, como as tartarugas marinhas ou os atobás. Ver esses animais de perto ajuda a criar uma sociedade mais engajada na preservação do meio am-

biente, respeitando a fauna e a flora”, resume o veterinário.

Abrigando cerca de 130 animais de 90 espécies diferentes, o Aquário Paraíba passou, recentemente, por uma reforma significativa para ampliar suas instalações e também incluir répteis e aves silvestres: em julho do ano passado, foi inaugurado o Espaço das Aves, uma área destinada a aves marinhas e exóticas, répteis e outros animais resgatados; já em setembro, foi aberto o Serpentário, área focada na reabilitação de cobras, lagartos, iguanas e um filhote de jacaré.

Localizado na Rua das Lagostas, nº 140, na Praia do Seixas, o Aquário Paraíba abre de terça-feira a domingo, além dos feriados, das 9h às 17h. Os ingressos custam R\$ 32 (adultos) e R\$ 16 (crianças de quatro a 12 anos, estudantes e idosos). Crianças de até três anos, pessoas autistas e com síndrome de Down têm entrada gratuita.

Na Bica, tratamentos estimulam comportamentos naturais

Além do Aquário Paraíba, a Bica também realiza um trabalho importante de acolhimento e de reabilitação de animais resgatados, na capital paraibana. Segundo o coordenador do zoológico, Thiago Nery, o espaço acolhe entre 50 e 80 animais por ano, entre aves, répteis e mamíferos. O trabalho realizado no local envolve cuidados especializados, como exames, medicações e até tratamentos, como acupuntura e laserterapia, a exemplo do caso de Margarida, uma anta resgatada em Rondônia. Vítima das queimadas em seu habitat natural, ela tem recebido, desde novembro de 2024, atendimento contínuo para se recuperar de graves queimaduras.



Desde novembro de 2024, a anta Margarida recebe atendimento para se recuperar de queimaduras

nimizar o estresse dos animais, a Bica adota métodos de condicionamento positivo. Esse treinamento permite que os animais realizem procedimentos, como exames e aplicações de medicamentos, com o mínimo de sofrimento. Como explica Marília Maia, bióloga responsável pelo con-

dicionamento e pelo bem-estar animal, “essa abordagem minimiza o estresse, permite um cuidado mais eficaz e, ao mesmo tempo, mantém o bem-estar do animal”. O processo é simples: o animal é recompensado após cada interação, facilitando o manejo e promovendo uma convivên-

cia mais tranquila.

Aliado aos cuidados médicos, o enriquecimento ambiental também desempenha um papel crucial no processo de reabilitação dos animais, estimulando comportamentos naturais deles, como a procura por alimentos e o gasto de energia. “O objeti-

vo é proporcionar uma experiência próxima à vida selvagem, em que os animais possam explorar e interagir com o ambiente de maneira saudável”, diz Thiago. Para isso, são oferecidos estímulos sensoriais, cognitivos e alimentares, que os ajudam a manter seus instintos de caça e forrageamento, como se estivessem em seu habitat natural.

Um exemplo disso é Valentim, um tamanduá-bandeira resgatado de um zoológico em Minas Gerais, que pode ser visto na Vila dos Pequenos Mamíferos. Antes de recebê-lo, seu espaço foi cuidadosamente pensado para ele, criando obstáculos e proporcionando atividades que estimulam seu comportamento natural. “Ele adora se refrescar na piscina e explorar muito os cupinzeiros espalhados pelo recinto”, resume

o coordenador do local.

A Bica fica na Av. Gouvêia Nóbrega, Baixo Roger, e abre de terça-feira a domingo, das 8h às 17h, com entrada até as 16h e taxa ambiental de R\$ 3. Crianças de até sete anos, pessoas com deficiência e idosos não pagam ingresso.

Saiba Mais

É proibido comprar, manter em cativeiro ou vender animais silvestres sem a devida autorização do órgão ambiental competente. A pena inclui multa — que vai de R\$ 500 a R\$ 5 mil por espécie apreendida — e prisão.

Caso encontre algum animal silvestre em área urbana ou cativeiros ilegais, deve-se entrar em contato com o Disque 190. É importante não tocar no animal, pois ele pode morder, bicar ou transmitir doenças.

Menos sofrimento

Para garantir um processo de reabilitação eficaz e mi-

Inaugurado em 1985, o Teatro Íracles Pires hoje possui uma fachada diferente da original

TEATRO

Um palco em festa

O Ica, em Cajazeiras, celebra 40 anos com uma programação especial hoje e uma mostra durante a semana

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Íracles Brocos Pires, a dona Ica, diretora paraibana e entusiasta da cultura local, lutava por um espaço maior para a promoção de espetáculos em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba. Em meados dos anos 1970, a ideia começou a tomar forma, e ela vislumbrou a possibilidade de dar o nome do escritor Ariano Suassuna ao equipamento que seria construído. O destino não permitiu que ela pudesse ver o sonho tornar-se real, mas sua partida fez com que esse palco levasse o seu nome. Inaugurado há 40 anos, o Teatro Íracles Brocos Pires segue a missão de promover a arte do estado. A programação especial de aniversário se encerra hoje com shows do Grupo Dança de Rua da Paraíba e de Seu Pereira e Coletivo 401, a partir das 19h30.

A União cobriu o lançamento do Ica, entregue pelo então governador Wilson Braga, na edição de 29 de janeiro de 1985. Na mesma oportunidade, o gestor também realizou a inauguração do Estádio Perpétuo Corrêa Lima, o Perpetão, que àquela altura era chamado de Wilsão, em deferência ao político. Em seu discurso, Braga exaltou o trabalho dos artistas locais, como Marcélia Cartaxo, que, conta a reportagem, havia sido recentemente escalada para o icônico papel de Macabéa no longa-metragem *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral. “Que ela [a ‘casa teatral’, como chamou o governador] agora cumpra a sua missão histórica para o futuro”, projetou Braga, na sua fala à população.

Quem recorda o legado de Íracles é seu filho, o advogado Pepé Pires. Ele afirma que, quando da escolha de dona Ica para dar nome ao teatro, houve quem questionasse o fato de ela não ter sido atriz, ainda que tenha se empenhado em sua própria formação — nos anos

1950, rumou para o Rio de Janeiro, onde estudou no Tablado, fundado pela dramaturga Maria Clara Machado.

“Ela tinha um talento nato. Na década de 1960, encenou *O Auto da Compadecida* e contou com a participação do próprio Suassuna, que teceu elogios diante da capacidade dos artistas locais, incluindo a minha mãe, de realizar uma adaptação daquela qualidade”, evoca.

Íracles faleceu em março de 1979, num trágico acidente automobilístico em Jequié, na Bahia, mas Pepé afirma que a influência de sua mãe na cena local ultrapassa o título dado ao equipamento público — em consonância com a cena nacional, a diretora trouxe para Cajazeiras peças de vanguarda contemporâneas à sua circulação no Sudeste, como *dona Xepa*, de Pedro Bloch.

“Antes da construção do espaço, minha mãe trazia duas peças por ano para a cidade. O Ica hoje é uma referência na cultura do município, que gira em torno daquele ambiente”, conclui.

Palco para a “Andorinha”

Dona Ica também compartilha seu apelido com esse espaço: o Teatro Ica, como é carinhosamente chamado por atores e moradores, era uma demanda antiga da cena local. Antes, os artistas e o público tinham de recorrer a ambientes improvisados na rua, no antigo Colégio Diocesano, ou no Cine Teatro Apolo XI.

O ator Buda Lira, também cajazeirense, deu seus primeiros passos na dramaturgia justamente nos quintais e nas calçadas do município, quando de sua experiência com o Grupo Terra, montado junto com seus irmãos, Bertrand, Nanego e Soia. “Participamos do grupo que fez a campanha para a construção desse teatro”, recorda.

Anos depois, mais experiente e residindo em João Pessoa, retornou ao Ica para se apresentar com dois espetáculos importantes em sua trajetória como ator: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de 1992, e *A Gaivota (Alguns Rascunhos)*, de 2007, ambos produzidos pelo Grupo Piollin, do qual passou a fazer parte. Buda atesta a importância desse teatro, considerando sua localização no interior do estado. “Acho que não chega a 5% o número

de municípios brasileiros que possuem, oficialmente, casas de espetáculos”, declara.

Rivelino Martins, também ator e natural de Cajazeiras, conheceu dona Ica por meio de artistas contemporâneos à primeira-dama do teatro cajazeirense, como Larcy Nogueira. Com quase 40 anos dedicados à arte, encenou novas versões de espetáculos que, no passado, foram dirigidos por ela, como *A Incelença*, escrito por Luiz Marinho. “Era tida como uma mulher além do seu tempo, no nosso Sertão paraibano. Seja no teatro, na comunicação radiofônica e na política”, pontua.

Nos primeiros anos, o teatro chegou a ser administrado, via modelo de comodato, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas, atualmente, o Ica é gerido pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc). Rivelino ressalta que o vínculo com o Governo do Estado garantiu, em 2018, uma reforma que trouxe melhorias diversas, como a ampliação do número de lugares disponíveis, de 174 para 285.

“Ganhamos iluminação e sonorização modernas e uma sala de ensaios. A partir daí, companhias de teatro de outros estados do Brasil, que estiveram no Ica, consideram um dos mais modernos e equipados do Nordeste”, informa.

Programação de férias

Desde o ano passado, o teatro é gerido por Iza Nonato, produtora e gestora cultural nascida em Cajazeiras. Na juventude, acompanhou os espetáculos que eram encenados no palco do Ica. Depois de alguns anos residindo na capital, retornou à sua cidade de origem para coordenar o espaço. Dentre as ações que fizeram parte desse aniversário de 40 anos, estão a construção de uma galeria fotográfica, que rememora peças e demais eventos que marcaram essas quatro décadas de existência, e uma exposição de figurinos e objetos utilizados por dona Ica em espetáculos históricos.

Iza enaltece a programação que tomou conta do teatro na última semana, incluindo recital de Jessier Quirino e a montagem de *Beijo de Estrada*, texto clássico do dramaturgo Eliezer Rolim. A gestora assevera que as comemorações continuam até o fim do mês com a grade do projeto Férias Funesc, que fornecerá ações culturais gratuitas voltadas para as crianças e adolescentes da rede pública de ensino (confira no quadro ao lado).

“O Ica representa não apenas um espaço de expressão cultural, mas também um instrumento de preservação da história e da identidade local. Ele tem um papel fundamental na formação de público e na promoção de artistas da região”, sustenta Iza.

PROGRAMAÇÃO DE FÉRIAS DA FUNESC NO ICA

AMANHÃ

- 15h às 17h — Vivência Artes Visuais: **Arte e Natureza: Impressões Botânicas**
Ministrante: Reginaldo Sulino
Local: Sala de Ensaio
- 17h às 18h — Vivência Dança: **Cavalo Marinho: Brinquedo Popular**
Ministrante: Ademilton Barros
Local: Sala de Ensaio

TERÇA-FEIRA

- 10h às 11h — Vivência Dança: **Cavalo Marinho: Brinquedo Popular**
Ministrante: Ademilton Barros
Local: Sala de Ensaio
- 15h às 16h — Vivência Dança: **Cavalo Marinho: Brinquedo Popular**
Ministrante: Ademilton Barros
Local: Sala de Ensaio
- 16h às 17h — Vivência Teatro: **Imaginação em Cena: Teatro para Crianças**
Ministrante: Luiz Cacau
Local: Sala de Ensaio
- 17h às 18h — Vivência Audiovisual: **Luzes, Câmera, Imaginação!**
Local: Sala de Ensaio

QUARTA-FEIRA

- 10h às 11h — Vivência Teatro: **Imaginação em Cena: Teatro para Crianças**
Ministrante: Luiz Cacau
Local: Sala de Ensaio
- 15h às 16h — Vivência Teatro: **Imaginação em Cena: Teatro para Crianças**
Ministrante: Luiz Cacau
Local: Sala de Ensaio
- 16h às 17h — Vivência Circo: **Arte em Pernas de Pau**
Ministrante: Fernando Inacio da Silva
Local: Palco
- 17h às 18h — Contação de História: **Meio Mundo de Histórias**
Ministrantes: Trupe da Andinha
Local: Palco

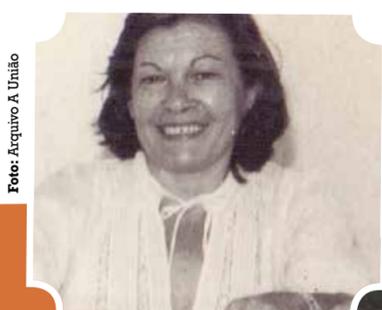
QUINTA-FEIRA

- 10h às 11h — Vivência Circo: **Arte em Pernas de Pau**
Ministrante: Fernando Inacio da Silva
Local: Palco
- 15h às 16h — Vivência Circo: **Arte em Pernas de Pau**
Ministrante: Fernando Inacio da Silva
Local: Palco
- 16h às 18h — Vivência Artes Visuais: **Arte e Natureza: Impressões Botânicas**
Ministrante: Reginaldo Sulino
Local: Sala de Ensaio

SEXTA-FEIRA

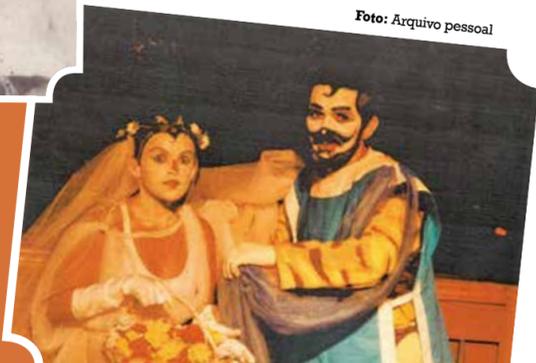
- 10h às 11h — Vivência Audiovisual: **Luzes, Câmera, Imaginação!**
Local: Sala de Ensaio
- 15h às 17h — Vivência Artes Visuais: **Arte e Natureza: Impressões Botânicas**
Ministrante: Reginaldo Sulino
Local: Sala de Ensaio
- 17h às 18h — Vivência Audiovisual: **Luzes, Câmera, Imaginação!**
Local: Sala de Ensaio

Foto: Arquivo A União



Íracles Pires (acima): a diretora dá nome ao teatro; Buda Lira, ator cajazeirense, no palco do Ica (ao lado): ele integrou a campanha pela construção da casa de espetáculos

Foto: Arquivo pessoal



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

O império em declínio

É provável que no futuro os EUA sejam tratados pelos historiadores como o império mais curto da história da humanidade. Faz apenas oitenta anos desde a sua ascensão como potência global e os sinais de enfraquecimento do seu poder estão por todo lado.

A hegemonia estadunidense sustenta-se em três pilares: o dólar, a indústria cultural e o poder militar. Donald Trump comparou, recentemente, a possibilidade do dólar deixar de ser a moeda das transações mundiais com “perder a Terceira Guerra Mundial”. Desde 1971, com o fim do padrão dólar-ouro e a adoção da moeda fiduciária, criando assim a capacidade quase ilimitada de “imprimir moeda”, os EUA atuam de maneira soberana no mercado mundial. A vantagem de se ter a moeda de referência e controlar o sistema de pagamentos, permite aplicar sanções aos países considerados inimigos, impedindo que façam transações econômicas ou até mesmo confiscando suas reservas em dólar, como aconteceu com a Venezuela e a Rússia. Por outro lado, estamos vivenciando um processo de desdolarização da economia que, apesar de lento, deve se consolidar através dos Brics. A ideia é a criação de uma moeda e de um sistema de pagamentos para serem utilizados entre os países que compõem esse grupo.

A reeleição de Trump e seu discurso chauvinista imperialista (“América primeiro”, “Fazer a América grande de novo”) são sintomas do declínio relativo dos EUA. Os primeiros dias de seu man-

dato revelam uma política que visa reorganizar a ordem mundial que se estabeleceu após a Segunda Guerra Mundial, reafirmar o domínio sobre a América Latina (Doutrina Monroe) e a Europa para tentar frear a China. Uma das primeiras medidas do governo Trump foi determinar a saída dos EUA da OMS. Ele ainda ameaça tomar militarmente a Groenlândia e o Canal do Panamá, além de acabar com a Otan — caso os países europeus não aumentem os seus gastos militares —, além de taxar o Brasil, a Europa e a China. É curioso o fato dos principais aliados europeus dos EUA não estarem presentes na posse de Trump; tradicionalmente os chefes de estado não participam, mas dessa vez alguns líderes da extrema direita mundial, aliados ao presidente, estiveram na cerimônia, como Javier Milei, Dabiel Noboa e Nayib Bukele.

A China hoje é a maior economia do mundo no critério de paridade de poder de compra e ruma, a passos largos, para liderar o *ranking* de PIB nominal em 2030. Historicamente, a principal potência econômica costuma exercer hegemonia cultural e militar. Os chineses vêm modernizando o seu exército e contam com a maior capacidade industrial do planeta. Outro fator importante é que há um processo de enriquecimento do país e aumento da classe média que já ultrapassa 400 milhões de pessoas. Os salários vêm crescendo acima da produtividade do trabalho e os custos de vida são muito inferiores aos encontrados nos EUA. O socialismo orientado ao mercado possi-

bilitou a retirada de 800 milhões de pessoas da pobreza. Os chineses têm acesso a bons sistemas de educação, transporte público e saúde, alimentação barata e de boa qualidade. Cerca de 90% da população possui casa própria, algo inimaginável em países como EUA e Brasil.

Em contrapartida, os EUA vivem uma diminuição de sua classe média. As estatísticas mostram que mais de 700 mil pessoas vivem nas ruas do país, enquanto 18 milhões passam fome. O salário médio nos EUA cresceu 15% entre 2000 e 2015. Na China, o aumento foi de impressionantes 564%. Mesmo ganhado um salário em média maior, o trabalhador estadunidense acaba enfrentando custos de vida maiores, porque não há sistema público de saúde no país, os gastos com educação superior e imóveis são, em geral, muito altos por lá. O que não é um problema para os trabalhadores chineses. Os EUA também lidam com uma série de problemas que vão desde epidemia de drogas, perda da capacidade industrial, sistemas de transportes públicos precários, leis trabalhistas frágeis, violência, a conflitos étnico-raciais.

Os próximos anos devem ser de muita tensão e conflitos ao redor do mundo. Trump e seus aliados prometem fazer de tudo para impedir a perda da hegemonia estadunidense. O que me parece ser uma tentativa vã. Pegando emprestado o título da obra de Gabriel Garcia Marques, estamos assistindo à “crônica de uma morte anunciada”.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

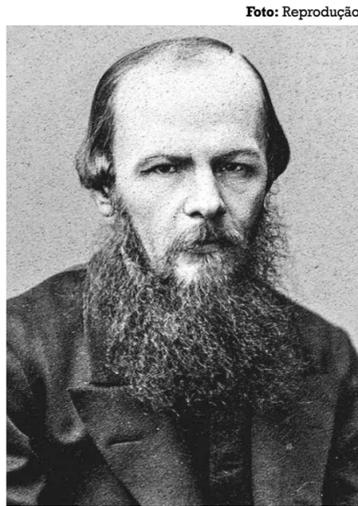
Arte que salvará o mundo em Dostoiévsky

Este texto é dedicado ao professor doutor Hildeberto Barbosa Filho

“É impossível existir sem beleza”. Essa frase do filósofo, escritor e jornalista russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881) expõe a sua visão estética sobre a existência humana. Segundo ele, “a beleza tem uma dimensão ética e espiritual”. Nessa tese, o pensador defende que existe algo no agir humano que transcende a materialidade e a racionalidade. Por meio de seus textos, pode-se chamar de “belo” o objeto dessa experiência transcendental, sendo uma dimensão estética acessível a todos por uma necessidade inata à própria constituição existencial — seja por meio da cultura, dos valores morais ou das virtudes individuais.

A beleza encontrada nas ações humanas, a partir da ética proposta por Dostoiévski, prioriza acolher com a arte da compaixão o sofrimento do outro. Nesse agir, constrói-se a irmandade universal que salvará a humanidade. A partir disso, conclui-se que o ato de amar é uma pulsão que gera o bem tanto para si quanto para o próximo, embora, para vivê-lo, seja necessário conviver com resiliência contra os interesses narcísicos da maioria e as vaidosas trocas sociais. O pensador afirma que a beleza da solidariedade é a única condição suficiente para que o ser humano possa amar.

Os livros de Dostoiévski expõem as regiões mais brutais da natureza humana. Eles apresentam a constituição da maldade das pessoas. Embora tenha exposto o inacessível, o insuportável e o indizível do inconsciente humano, ele também poetizou o amor ao humanizar a dor compartilhada. Em suas obras, é possível perceber um pouco de solidariedade nos personagens cruéis, além daqueles que sucumbiram à loucura do sofrimento. Para Dostoiévski, o oposto da beleza é o in-



Dostoiévsky escreveu livros como “O Idiota”

dividualismo — é o ódio contra o outro — que busca roubar-lhe a dignidade. As suas obras exploram os transtornos psíquicos de seus personagens, que estão imersos em tragédias, entre elas, situações sociais, políticas, religiosas, filosóficas e espirituais. Esses temas estão em seus livros *Memórias do Subsolo* (1864), *Crime e Castigo* (1866), *O Idiota* (1869), *Os Demônios* (1872) e *Os Irmãos Karamazov* (1881).

Em *O Idiota*, Dostoiévski desenvolve a tese de que “a beleza da compaixão salvará o mundo”. Ele refere-se ao ato de fazer o bem a si mesmo e ao outro. A obra narra a história do príncipe Míchkin, que busca um significado na vida e cuja índole é dominada pelo amor, perdão e bondade. Essas virtudes o levam a perdoar excessivamente, a ponto de se deixar maltratar pelos outros. O protagonista gravita em torno da pureza, do sofrimento humano e da alienação social, tornando-se uma meditação sobre o que significa ser “bom” em um mundo corrompido.

Ao longo da obra, Míchkin envolve-se com duas mulheres: Nastasya Filippovna, uma mulher bela, mas traumatizada, e Aglaya Epan-

chin, uma jovem de boa família, mas também imersa em complexidades emocionais. Ele se vê inserido em conflitos sociais, familiares e pessoais. A trama se desenrola à medida que o protagonista tenta lidar com essas relações complexas, nas quais busca resolver o drama das pessoas de sua convivência, apesar de agir com ingenuidade e extrema bondade, que é vista como uma fraqueza e loucura. Sua incorruptibilidade e solidariedade são desprezadas e suas ações geram reações ambíguas nas pessoas. Sua atitude de perdoar os outros, a demonstrar respeito a todos e a agir sem interesse pessoal faz com que seja explorado e maltratado de forma brutal. A sua natureza sincera e simples não é capaz de perceber o mal nas pessoas, o que o torna incapaz de se defender das armadilhas em que é lançado, nem de compreender a corrupção do poder, nem as falsidades institucionalizadas na estrutura da sociedade.

O Idiota de Dostoiévski apresenta um conflito entre o acolher e o desprezar, a partilha e o egoísmo, ser bom e ser cruel, a honestidade e a corrupção. O romance oferece uma reflexão para os dias atuais sobre a busca por solidariedade entre todos para eliminar o ódio e a loucura na sociedade, além de evitar uma possível guerra mundial que se aproxima. O jovem príncipe Míchkin personifica que “a arte da compaixão salvará a humanidade” contra toda a maldade humana.

Sinta-se convidado à audição do 505º. Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 26, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em ao vivo) pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br. Durante a transmissão, comentarei as contribuições da violoncelista britânica Jacqueline Mary du Pré (1945-1987). Ela conviveu com a esclerose múltipla com a arte da autocompaixão.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Menino velho

Quando eu nasci, minha mãe já não queria ter filhos e meu pai sabia disso — acho que eles estavam na fase dos 40 anos — nem filho, nem sexo e amor, não me lembro se existia. Antes de mim vieram os gêmeos Babá e Pretim, figuras ilustres da minha vida.

Meu pai contou-me que quando os gêmeos nasceram veio um e minha mãe ficou sentindo dores, e quando olharam, sustiveram a respiração e os soluços, sem lágrimas, porque veio o outro. Dois filhos de uma vez para uma mulher que já tivera seis, convencida que parir era uma agonia devido as dificuldades, ela sozinha para cuidar de tudo, encerrou ali a rúca. Puta que pariu!

Minha mãe parecia ter regressado do purgatório e fechou a porteira e nunca mais se teria notícia de uma parteira lá em casa. Meu pai se conformou ao convívio dos homens de pijama, que não teria mais o poder da sedução, se é que isso existia naquele fim de mundo. Bom, sedutor ele foi até morrer. Ela se mudou para o outro quarto e passou a dormir com os filhos.

Meu pai falava coisas bonitas do *Menino de Engenho*, de Zé Lins do Rego, aquela cena final, que o menino vai embora, mas isso só acontece depois, e meu pai gostava mais de Doidinho. Dá no mesmo — Doidinho, segundo livro do ciclo de cana-de-açúcar, tira o menino Carlos de Melo do cenário do Engenho Santa Rosa, fazenda de seu avô, para ir à escola interna. A passagem do menino para a adolescência entre as quatro paredes do internato, em Itabaiana, é o ponto de partida para Doidinho.

Não é porque todo mundo quando faz uma postagem do pai ou mãe vivos ou mortos, que eles eram, eles são “os melhores” pais do mundo, mas eu também achava-os e amava mais meu pai, porque ele lia bons livros, mandou-me para vida antes que eu existisse.

O dom da esperança, que da minha auréola de luz foi cortado, impedido e, por isso, nunca hei de ser um anjo, mesmo que dotado de asas, muito embora para voar precisamos de muitas coisas. Precisamos da vida como ela é. Talvez uma chaminé, mas não existia isso na casa amarela da esquina, onde nascemos e fomos criados, no Sertão.

Fora uma espécie de desculpa, meu pai nunca entendeu o gesto de minha mãe, ele era mulato e gostava muito do erotismo, como todo mundo — e, para apagar esse liame ele sofreu e não me pergunte como fez para não ficar sem. Não ficou.

O sexo, o cheiro do sexo empesta uma vida toda, sentido no corpo, nas roupas, nos abraços eu sou exatamente assim, igual meu pai, nunca um paradoxo insistente, apenas possível na transição entre corpos e séculos de amor.

Conduzido por uma força, eu nasci. Meu pai disse que foi a última vez, com aquele seu estado de espírito a me fazer feliz e lembrar dessa cena pelo resto da vida.

Em tempos, na sua barriga, não sei de nada, se mexia ou se dava pinotes tamanha imperatividade que me acompanha até hoje e, claro, no escuro, às vezes, choro. Como tal, o fim de rama nascido como um diamante ao pequeno-espaço de vida, num Sertão que eu amava e amarei.

O conteúdo dessa história que sobrevive sobre minha viagem no caminho das pedradas ficou para trás, longe, bem longe e eu sequer me pareço comigo, mas simbolizo a última transa deles com todos os propósitos de elevado prazer de meu pai com minha mãe.

Eu sou um homem velho, mas tudo me parece semelhante a qualquer outra forma de transatlantismo. É, mas ninguém me ensinou a remar.

Enfim, o caçula envelheceu.

Kapetadas

1 – Sai: “Você está demitido!”; entra: “Você está deportado!”.

2 – Um benefício adicional ao planeta à noite traz: bilhões de pessoas de boca calada.



“Meu pai falava coisas bonitas do ‘Menino de Engenho’”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Relembrando valores pioneiros do cinema

O maior compromisso do cinema paraibano, até hoje, sempre foi com suas memórias e a nossa história. Desde os seus primórdios, essa tem sido a postura assumida pelas antigas instituições que o conceberam, além das que atualmente representam o nosso cinema. Esse é um fato deveras indiscutível, colocando-nos em destaque com uma certa margem de importância, diante de outros estados brasileiros.

Independentemente de algumas atuações pioneiramente isoladas, como as de Walfredo Rodriguez, por exemplo, o nosso cinema sempre teve uma forte representatividade. Quer

seja nas ações de organismos oficiais criados, como o Serviço de Cinema Educativo da Paraíba — posteriormente, apenas Cinema Educativo da Paraíba —, capitaneado pelo nem sempre lembrado fotógrafo e cineasta João Córdula, ou, também nos anos 50, pela Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), esta, que acaba de completar 80 anos, sendo hoje homenageada com a criação da Academia Paraibana de Cinema e cursos de Cinema, Comunicação Social e História das instituições de Ensino Superior do estado da Paraíba.

Costuma-se dizer que, enquanto existiu o abnegado Córdula, existiram

as ações do Cinema Educativo, órgão do Governo do Estado, criado por José Américo de Almeida e implantado por Pedro Moreno Gondim, em 1955. Essa é uma verdade incontestável, absoluta.

Pois bem, continuamos, hoje, a “respirar” cinema!

A prova existe, na recentemente criada Academia Paraibana de Cinema. Embora ainda jovem, a sua presença tem sido bastante ostensiva em muitas realizações no plano da arte cinematográfica. E quer se queira ou não, ela é, no presente, a entidade máxima e representativa da Sétima Arte, na Paraíba.

Por vezes desdenhada, a nossa Academia Paraibana de Cinema, agora sob nova presidência, tem retomado o mesmo compromisso social de antes, espelhando-se na ACCP e no Cinema Educativo, seguindo o positivo rumo que lhe cabe: o de promover e ajudar a promover o nosso cinema, até mesmo além-fronteiras. Exemplo clássico, a constante e expressiva participação da Academia, na criação e realização de novos cineclubes, também no exercício permanente da crítica cinematográfica, através da imprensa local. Ação essa, inclusive, bem representada por integrantes da APC. Para mais *Coisas de Cinema*, acesse o site: www.alexasantos.com.br.



Foto: Reprodução

O diretor Walfredo Rodriguez na câmera, um pioneiro do cinema paraibano



APC promove sua primeira reunião do ano

A Academia Paraibana de Cinema reuniu sua diretoria e conselho, na manhã da última quarta-feira (22), em seu primeiro encontro do ano. Na pauta foram avaliadas as propostas e atividades da gestão de 2024, bem como as ações de transferência da entidade e seus acervos para sua nova sede, agora em Tambaú, na Av. Nossa Senhora dos Navegantes, nº 122, em João Pessoa.

Entre os temas abordados no encontro, o da possibilidade de aquisição, por parte da APC, de um acervo de vídeo doado por uma entidade particular de João Pessoa. E a abertura do edital já publicado, para a ocupação das cadeiras 02 e 27, vagas deixadas por Vladimir Carvalho e Carlos Aranha.

HUMOR

Ítalo Sena apresenta stand up no Paulo Pontes

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Tu é leigo” e “Aguarde o processo” são dois dos bordões mais conhecidos do comediante pernambucano Ítalo Sena, sucesso na internet há alguns anos com seus vídeos de humor, gravados na rua, às escondidas. Outro dos jargões repetidos pelo artista dá nome ao seu show de comédia, em que ele promete fazer algo completamente diferente do que já produz para suas redes sociais — *Duas Conversas*, atração de hoje, a partir das 19h, do Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, João Pessoa).

Duas Conversas não se resume apenas a mais um show de “comédia em pé, segundo Ítalo: a apresentação deste domingo integra ao formato prévio elementos do teatro e de interação com a plateia.

“Temos um painel de LED que é interativo e a gente fala que é uma ‘máquina que lê pensamentos’. O público interage em tempo real, ali, junto comigo. Ficamos mais de um ano em desenvolvimento e me sinto muito mais pronto para estar no palco”, indica.

Com três milhões de seguidores no Instagram e quase dois milhões de inscritos no *Ti Gravando*, seu canal no YouTube, Ítalo atua há quase uma década com conteúdos humorísticos. Neles, atende por Alírio ou Machado 98, personagens que contatam pessoas comuns, na rua, com perguntas e ilações irracionais, de modo a produzir uma resposta inesperada: em um deles, grava, por exemplo,

um falso comercial de remédio para disfunção erétil, pegando como “casos de sucesso” homens desavisados que não parecem muito receptivos à proposta.

Formado em Educação Física, a carreira como *personal trainer* foi gradativamente abandonada quando Ítalo percebeu que poderia ganhar dinheiro com as pegadinhas criadas por ele. O público também lhe ajuda na roteirização de algumas propostas, enviando sugestões de abordagens, como “pergunta-se vai ser no crédito ou no débito a vergonha que você está passando” ou “leva um atestado médico até um lugar em que você não trabalha e espera a reação”.

Famoso dentro e fora do Nordeste, o artista afirma conservar o “elemento surpresa” e permanecer anônimo no momento da abordagem: “O pessoal que me conhece é uma ‘bolha’. Uma bolha de milhões de pessoas, mas ainda tem muita gente que não me acompanha, que não está tão ligada na internet”.

Ele ressalta que recorre ainda a “estratégias” para segurar a atenção das pessoas sem estragar seu disfarce, como trocar com frequência de cidade, quando grava suas pegadinhas. As ideias “mais manjadas” e os ambientes com público em potencial, como as academias de musculação, já são possibilidades descartadas.

A popularidade nas redes garantiu um espaço na TV, no *Programa Silvio Santos*: a partir de 2023, ele passou a fazer parte do elenco da *Câmera Escondi-*

da, quadro clássico da atração, contracenando com os icônicos atores Ivo Holanda e Gibi.

Diferentemente do conteúdo na internet, o roteiro chega pronto para Ítalo. “Foi muito gratificante receber esse convite, nunca tinha trabalhado com pegadinhas em TV aberta. E eu tenho muito essa liberdade de falar os meus bordões, botar a minha cara ali”, afirma.

As pegadinhas de seu canal levaram o humorista ao “Programa Silvio Santos”



Foto: Divulgação/Catuno Produções

ÍTALO SENA

■ Hoje, 19h.

■ No Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambaúzinho, João Pessoa).

■ Ingressos: R\$ 100 (inteira), R\$ 80 + 1 kg de alimento (solidário) e R\$ 50 (meia), antecipado na plataforma Ingresso Digital.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Livros que não releria!

Leitura e de tudo. Reler, todavia, nem tanto assim. Eis um lema que me guia na minha história de leitura. Procede, portanto, a pergunta que me fez uma aluna em plena sala de aula, nestes termos: “Que livros você não releria mais?”.

Ora, não indicarei precisamente este ou aquele, respondi a minha aluna, mas devo estabelecer alguns critérios de ordem geral que me anulam o desejo de voltar a certas páginas e a certos autores. Critérios que podem ser considerados vagos, precários, discutíveis, mas que, enfim, são os meus critérios.

Não releria, por exemplo, um livro mal escrito. Mas que seria um livro mal escrito? Um livro cuja linguagem não atende aos mínimos requisitos de correção da gramática normativa? Um livro que não corresponde aos modelos institucionais da norma padrão? Um livro de estilo mesclado em que o coloquial se projeta, com todos os vícios de linguagem, solecismos, barbarismos, cacofonias e cacoeses idiomáticas, no tecido da escrita?

Não sei. Não sei. Não sei.

Sempre considere o gramático insuficiente diante do arripio da língua. Ou melhor: do arripio da linguagem, sobretudo quando essa linguagem se pretende literária. A linguística textual e as licenças estéticas fecham os olhos para certos erros e construções gramaticais, quando o texto, além de alcançar o nível de compreensão desejável, consegue, por outro lado, formular sua mensagem com clareza, fluência, elegância e poeticidade.

Lima Barreto, Jorge Amado, José Lins do Rego foram acusados de escreverem mal por certos críticos presos aos ditames da gramatiquice. Nem por isso, deixo de voltar a eles. Digamos que eles escrevem errado, porém, naquele errado gostoso da fala do povo, como queria Manuel Bandeira. Às vezes, o livro é mal escrito exatamente porque sucumbe passivamente à rigidez das regras gramaticais; às vezes, porque o estilo não está em sintonia com o conteúdo, o que o torna

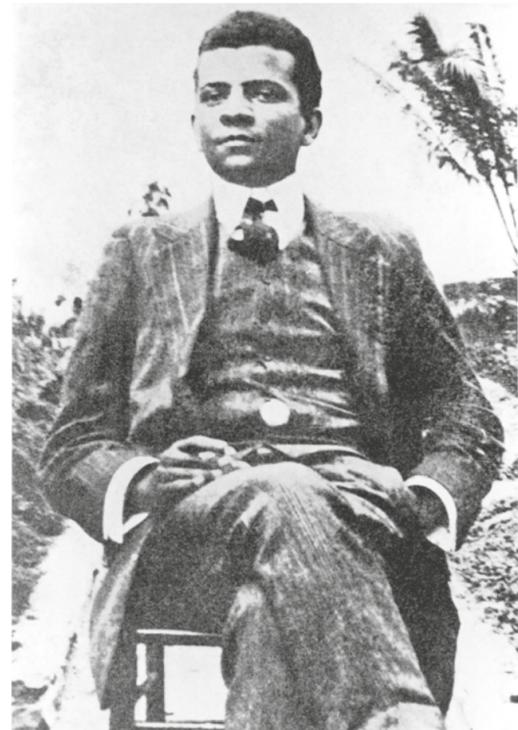
■ Não releria, por exemplo, um livro mal escrito. Mas que seria um livro mal escrito? Um livro que não corresponde aos modelos institucionais da norma padrão?

falso e artificial.

Não releria também um livro que não me comoveu, que não me ensinou nada, que não me alargou a percepção de mundo, que não me apontou, no silêncio dessa ou daquela página, um sinal qualquer de contato com a beleza. A comoção, o saber, o prazer constituem experiências seminais para o exercício da releitura.

Literários, filosóficos, científicos, históricos, ensaísticos, didáticos, referenciais, os livros, todos, devem ser lidos. Relidos, no entanto, só aqueles que educam e deleitam, conforme o mestre latino. Aqueles que não me possibilitam isso, com certeza não os relerei jamais.

Foto: Reprodução



Lima Barreto: acusado por alguns críticos de escrever mal

MÚSICA

Sandra Belê anima forrozeiros hoje

Cantora se apresenta no começo da noite, no Manga Rosa, no Bessa, com músicas próprias e clássicos

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

O Carnaval vem se aproximando, mas o chamego bom do forró nunca sai de moda na nossa terra. Sandra Belê, cantora paraibana do Cariri radicada em João Pessoa, leva toda sua energia hoje, a partir das 18h, ao Manga Rosa (Bessa, JP), com o show *Forró de Sandra Belê*. O *couvert* artístico custa R\$ 20.

Reconhecida por sua versatilidade na música nordestina, a artista coloca na pista um repertório que combina clássicos do gênero e adaptações autorais de canções de compositores paraibanos.

“O show é muito astral, todo mundo fala que é muito pra cima. É um show que a banda se diverte e o público também”, afirma Sandra. O trio para o esquentar do forró conta com Helinho Medeiros, Thiago Melo e Zi Ramos, mas Sandra afirma que o palco está sempre aberto para participações especiais.

O último show da artista na capital paraibana ocorreu no dia 10 de janei-

ro, com a abertura do 39º Salão do Artesanato Paraibano. Segundo ela, foi uma apresentação marcante. “Foi maravilhoso. Agora estamos preparando o show de São João, um show menor, mais intimista, e um EP autoral para o segundo semestre,” revelou.

De Zabelê para o mundo

No show do Manga Rosa, o público pode esperar uma seleção de grandes sucessos de sua trajetória no forró, incluindo faixas do álbum *Cantos de Cá*, que, apesar de não ser um disco exclusivamente de forró, traz versões no ritmo que dialogam com a tradição nordestina. Sandra destacou que o show será “basicamente de forró tradicional”, incluindo clássicos que o público

sempre canta junto.

Além do forró, Sandra Belê também percorre outros gêneros da música nordestina. “Sou uma artista de música popular regional, mas o forró sempre bate à minha porta. Ele abre muitas por-

tas para mim, inclusive fora do Brasil”, comentou, referindo-se à turnê pela Europa em 2024, que marcou sua presença no cenário internacional.

“Isso me fortaleceu bastante pra entender o quanto o forró é querido

lá fora e a gente meio que constrói uma rede pra que a Europa tenha mais forró em suas programações”, destaca.

A cantora revelou que está trabalhando paralelamente em dois projetos distintos para 2025. Enquanto o show de forró continua sendo seu carro-chefe, alcançando interiores e festividades juninas, ela prepara o lançamento de um EP, intitulado *Sussuarana*.

“O EP não é de forró, embora tenha elementos do forró nele. Será voltado para teatros, editais e salas de concerto, substituindo o projeto *Cantos de Cá*,” explica. Sandra,

que mora em João Pessoa há muitos anos, mas mantém um vínculo forte com suas raízes no Cariri paraibano, sobretudo Zabelê, onde a artista nasceu. “Fui abraçada por João Pessoa, mas carrego muito das minhas origens. É interessante como o forró me conecta ao público, tanto aqui quanto fora do país”, afirmou.

O show no Manga Rosa tem duração prevista de uma hora e meia. “Chamo todos para o show, para celebrar o forró, que é tão nosso”, convida.



Foto: Kate Joenne/Divulgação

Sandra Belê prepara dois projetos para 2025

Sou uma artista de música popular regional, mas o forró sempre bate à minha porta

Sandra Belê

Em Cartaz



Cinema

Programação de 23 a 29 de janeiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.
* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

AMEAÇA NO AR (*Flight Risk*). EUA, 2025. Dir.: Mel Gibson. Elenco: Michelle Dockery, Mark Wahlberg, Topher Grace. Policial. Em um avião sobre o Alasca que leva um prisioneiro até o julgamento, a tensão aumenta quando ninguém quem parece ser. 1h31. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h, 20h15. CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 18h50, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h50, 20h50.

ANORA (*Anora*). EUA, 2024. Dir.: Sean Baker. Elenco: Mikey Madison, Paul Weisman, Yura Borisov. Drama/ comédia. Prostituta se casa com oligarca russo, mas o contode fadas é ameaçado quando os pais dele chegam a Nova York. Indicado a 6 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. 2h19. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h15, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h50.

CONCLAVE (*Conclave*). Reino Unido/ EUA, 2024. Dir.: Edward Berger. Elenco: Ralph Fiennes, Stanley Tucci, John Lithgow, Isabella Rossellini. Drama. Cardeal se vê no centro de uma conspiração durante o processo de eleição do próximo papa. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme e atriz. 2h. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h15; leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 16h, 19h, 22h.

PADDINGTON – UMA AVENTURA NA FLORESTA (*Paddington in Peru*). Reino Unido/ França/ Japão/ EUA, 2024. Dir.: Dougal Wilson. Elenco: Bruno Gagliasso (voz na dublagem brasileira), Hugh Bonneville, Emily Mortimer, Olivia Colman, Hayley Atwell, Julie Walters, Jim Broadbent, Hugh Grant. Comédia/ aventura/ infantil. O urso Paddington, que vive em Londres, retorna ao Peru para visitar a tia, mas é envolvido em uma aventura e um mistério. 1h46. 10 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h, 16h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h 15h30. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 14h20, 16h25, 18h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 16h45.

CINE GUEDES 3: dub.: 19h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h30, 18h50. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 14h10.

ESPECIAL

(G) I-DLE WORLD TOUR – IDOL – IN CINEMAS. ((G) I-Dle World Tour – Idol – in Cinemas). Coreia do Sul, 2025. Dir.: não informado. Documentário/ show. Registro da turnê do *girlgroup* de k-pop (G) I-Dle. 1h43. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: leg.: 15h, 19h.

KASA BRANCA. Brasil, 2025. Dir.: Luciano Vidigal. Elenco: Daniel Braga, Gi Fernandes, Diego Francisco. Drama. Adolescente da periferia resolve aproveitar os últimos dias da avó com seus dois amigos. 1h35. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: ter.: 19h.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/ França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Seltón Mello, Valentina Herzog, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Mardila, Maeve Jinkings. Drama. Mulher precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura brasileira. Vencedor do Globo de Ouro de melhor atriz/drama (Fernanda Torres). Indicado aos Oscars de melhor filme, atriz e filme internacional. 2h16. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 15h, 18h15. CENTERPLEX MAG 4: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: 17h, 20h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: 18h20.

AQUI (*Here*). EUA, 2024. Dir.: Robert Zemeckis. Elenco: Tom Hanks, Robin Wright, Paul Bettany, Kelly Reilly. Drama. Uma família vive alegrias e dramas através dos anos na sala de sua casa. 1h44. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 17h15.

O AUTO DA COMPADECIDA 2. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Seltón Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto Martins, Luis Miranda, Enrique Diaz, Tais Araújo, Eduardo Sterblitch, Luísa Arraes, Juliano Cazarré. Comédia. Após 20 anos, João Grilo retorna a Taperoá e reencontra Chicó para viverem novas aventuras durante uma campanha eleitoral. 1h44. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 14h, 16h30, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h10, 15h45, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 15h15, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-xe): 14h, 16h45, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 21h45. CINESERCLA TAMBÁ 2: 16h10, 18h20, 20h30. CINESERCLA TAMBÁ 4: 16h25, 18h35, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: 16h25, 18h35, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 5: 14h.

Patos: CINE GUEDES 1: 21h. CINE GUEDES 2: dom.: 14h, 16h15, 18h45; seg. a qua.: 16h15, 18h45. MULTICINE PATOS 1: 15h, 17h35, 20h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: 16h20, 18h40, 21h10.

BABYGIRL (*Babygirl*). Holanda/EUA, 2024. Dir.: Halina Reijn. Elenco: Nicole Kidman, Harris Dickinson, Antonio Banderas. Drama/ erótico. CEO poderosa arrisca família e carreira por um tórrido caso com jovem estagiário. 1h54. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 22h20.

CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARAVIOSA. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Fraiha. Elenco: Isaac Amendoim, Anna Julia Dias, Luis Lobianco, Débora Falabella, Tais Araújo, Augusto Madeira. Comédia/ infantil. Chico Bento precisa enfrentar os interesses comerciais que querem derrubar sua querida goiabeira. 1h30. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 13h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 12h45, 17h45. CINESERCLA TAMBÁ 1: 16h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: 16h40. Patos: CINE GUEDES 1: dom.: 14h50. MULTICINE PATOS 4: 17h15. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 14h40.

LOBISOMEM (*Wolf Man*). EUA, 2025. Dir.: Leigh Whannell. Elenco: Christopher Abbott, Julia Garner, Matilda Firth. Terror. Família é atacada por um animal misterioso e, como resultado, o pai começa a se transformar em um monstro. 1h43. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 19h20; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 22h. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h15. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 21h. MULTICINE PATOS 3: dub.: 20h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 21h20.

MARIA CALLÁS (*Maria*). Itália/ Alemanha/ Chile/ EUA, 2024. Dir.: Pablo Larraín. Elenco: Angelina Jolie, Pierfrancesco Favino, Haluk Bilginer, Valeria Golino. Drama. Em 1970, a veterana Maria Callas, maior cantora de ópera do mundo, confronta sua história. Indicado ao Oscar de melhor fotografia. 2h04. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a seg. e qua.: leg.: 19h45.

MMA – MEU MELHOR AMIGO. Brasil, 2025. Dir.: José Alvarenga Jr. Elenco: Marcos Mion, Antônio Fagundes, Guilherme Tavares, Andréia Horta, Vanessa Gigliano, Lúcio Mauro Filho, Augusto Madeira. Drama/ comédia. Campeão de MMA em recuperação de uma contusão séria descobre que tem um filho de 8 anos autista. 2h. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 14h45. Patos: CINE GUEDES 3: dom.: 15h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 14h15.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/ musical/ animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 16h45. CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 14h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/ animação/ infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h, 16h, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 16h15, 19h. CINESERCLA TAMBÁ 5: dub.: 15h30, 17h50, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 17h50, 20h15. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 18h45. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 15h30, 18h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h50.

NOSFERATU (*Nosferatu*). EUA/ Reino Unido/ Hungria, 2024. Dir.: Robert Eggers. Elenco: Bill Skarsgård, Lily-Rose Depp, Nicholas Hoult, Willem Dafoe, Aaron-Taylor Johnson, Emma Corrin. Terror. Vampiro viaja ao encontro de sua amada reencarnada, causando horror a uma cidade. Indicado a 4 Oscars. 2h12. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 18h45, 21h50. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 21h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h.

SONIC 3 – O FILME (*Sonic the Hedgehog 3*). EUA/ Japão, 2024. Dir.: Jeff Fowler. Elenco: Manolo Rey (voz na dublagem brasileira), Jim Carrey, James Marsden. Aventura/ animação/ infantil. O ouriço veloz e seus amigos precisam enfrentar um poderoso novo adversário. 1h50. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h, 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h30, 16h, 18h50, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15, 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBÁ 6: dub.: 15h40, 17h50, 20h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h40, 17h50, 20h. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 17h. MULTICINE PATOS 4: dub.: 14h45, 19h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h10.

MARIA CALLÁS (*Maria*). Itália/ Alemanha/ Chile/ EUA, 2024. Dir.: Pablo Larraín. Elenco: Angelina Jolie, Pierfrancesco Favino, Haluk Bilginer, Valeria Golino. Drama. Em 1970, a veterana Maria Callas, maior cantora de ópera do mundo, confronta sua história. Indicado ao Oscar de melhor fotografia. 2h04. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a seg. e qua.: leg.: 19h45.

MMA – MEU MELHOR AMIGO. Brasil, 2025. Dir.: José Alvarenga Jr. Elenco: Marcos Mion, Antônio Fagundes, Guilherme Tavares, Andréia Horta, Vanessa Gigliano, Lúcio Mauro Filho, Augusto Madeira. Drama/ comédia. Campeão de MMA em recuperação de uma contusão séria descobre que tem um filho de 8 anos autista. 2h. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 14h45. Patos: CINE GUEDES 3: dom.: 15h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 14h15.

Teatro

HOJE

ÍTALO SENA. Humorista apresenta solo *Duas Conversas*.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, às 19h. Ingressos: R\$ 100 (inteira), R\$ 80 + 1 kg de alimento (solidário) e R\$ 50 (meia), antecipado na plataforma Ingresso Digital.

Música

HOJE

MATURAÊ. Banda faz show de tributo ao Rapca.
João Pessoa: DEPOIS DA ESQUINA (R. Antônio de Oliveira Moura, 283, Bessa). Domingo, 26/1, 17h. Ingressos: R\$ 15.

SANDRABELÊ. Show de forró da cantora.
João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 26/1, 18h. *Couvert*: R\$ 20.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Show com artistas paraibanos do samba.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 27/1, 20h. Ingressos: R\$ 30 (inteira), R\$ 20 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 15 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ANTONIO COUTINHO. Exposição *in memoriam* com obras do artista.
João Pessoa: CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO (Ladeira de São Francisco, s/nº, Centro). Visitação diária de terça a sábado, das 9h às 17h, e domingo, das 9h às 15h, até 9 de fevereiro. Entrada franca.

CAMPINA GRANDE, 160 ANOS – ARTE, HISTÓRIA, DEVOÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Coletiva com 20 artistas, abordando a história da cidade.
Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (R. Dr. Severino Cruz, s/nº, Centro). Visitação diária, das 8h às 18h. Entrada franca.

CADA CABEÇA, UM MUNDO. Coletiva com João Neto, Daniel da Hora, Odegine Graça e João Peregrino.
João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até março de 2025. Entrada franca.

ONDE O SOL NASCE PRIMEIRO. Coletiva de obras com paisagens de João Pessoa em aquarela, com sete artistas.
João Pessoa: CANOÁ DOS CAMARÕES (Av. João Maurício, 121, Manaíra). Visitação diária, das 11h às 23h, até 28 de fevereiro. Entrada franca.

NAS GRANDE CIDADES

Mobilidade é desafio para gestores

Crescimento populacional, aumento do turismo e grande número de veículos dificultam solução do problema

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O deslocamento de pessoas e serviços nas capitais e regiões metropolitanas do país ainda é um dos principais desafios para as gestões públicas. A capital paraibana tem experimentado um crescimento populacional que pressiona sua infraestrutura urbana. Segundo dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), João Pessoa foi a quarta capital do país com maior variação populacional. Em 12 anos, a capital paraibana aumentou 15,26%, saindo de 723.515 habitantes, em 2010, para 833.932, em 2022.

A Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP) é composta por 12 municípios sendo a capital seu principal polo. João Pessoa é a cidade mais populosa da RMJP, concentrando 1.304.266 habitantes e 452.173 domicílios. Entre 2019 e 2023, a frota de veículos teve um aumento de 12,80%, somente em João Pessoa, saindo de 404.613 para 456.413 veículos.

Como resposta a esses desafios, a administração municipal de João Pessoa tem previsto projetos para melhorar a mobilidade urbana em 2025. Uma das principais iniciativas previstas é a implementação do BRS (Bus Rapid System), com três novos corredores e dois terminais, totalizando 36 quilômetros de extensão, ampliando o acesso ao transporte público e aprimorando a acessibilidade, com impacto direto em cerca de 550 mil viagens diárias. A iniciativa contará com um investimento de R\$160 milhões da gestão municipal e mais de R\$200 milhões do governo estadual. Além disso, a introdução de ônibus elétricos na frota municipal, neste primeiro semestre, também é apontada como uma das soluções que buscam se alinhar às práticas de redução de emissões de gases poluentes.

“O projeto, feito em conjunto com o Governo do Estado, tem também a etapa dos ônibus elétricos [...] que inclusive já é aplicada em outros municípios brasileiros, onde temos a vontade de, em fevereiro ou março do ano que vem, poder ter a chance de conhecer eles funcionando na cidade de João Pessoa, para que a população também conheça os benefícios que ele pode trazer”, ressaltou o prefeito Cicero Lucena (PP) em visita à Tevx Motors Group, uma das principais fornecedoras de ônibus elétricos no Brasil, em novembro de 2024.

Em Bayeux, município que compõe a RMJP, a gestão pretende reduzir os congestionamentos e melhorar a circulação de veículos e pedestres, a partir de estudos para da eficiência ao sistema de gestão de tráfego, com a ampliação dos semáforos inteligentes e do sistema de monitoramento em tempo real.

Segundo a Prefeitura Municipal de Bayeux, “faremos um mapeamento das calçadas do município para torná-las menos irregulares e mais acces-



A intervenção do Poder Público, em busca de soluções para a mobilidade urbana, enfrenta dificuldades nas maiores cidades

síveis a todos os pedestres; da malha viária para entender a segurança e a trafegabilidade das vias, além de identificar pontos críticos que precisam de intervenções. Também serão realizados estudos com intuito de ampliar as ciclofaixas para incentivar o uso das bicicletas como meio de transporte sustentável”.

Em Cabedelo, outro importante município da RMJP, a gestão afirma que está realizando estudos para implantar o transporte público coletivo municipal, com a ideia de criar um trajeto circular que percorra todos os bairros e funcione como um alimentador do transporte coletivo intermunicipal.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Cabedelo, a secretaria municipal de mobilidade urbana (Semob) “deverá lançar edital para contratar consultoria especializada para tal fim [a implantação do transporte público coletivo municipal]. A ideia inicial é que isso seja feito através de um trajeto circular percorrendo todos os bairros e funcionando, também, como um alimentador do transporte coletivo intermunicipal que passa pela BR 230”.

Política pública

Apesar dos projetos anunciados, especialistas apontam que, para além de investimentos em infraestrutura, a viabilidade de um sistema de mobilidade urbana ocorre por meio de uma gestão integrada que considere as necessidades de todos os usuários, incluindo pedestres e ciclistas. A participação da sociedade civil no planejamento e monitoramento das políticas públicas de mobilidade é fundamental para garantir que as soluções implementadas atendam às demandas reais da população.

Para a professora do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Andreia Porto, o debate sobre mobilidade urbana no país “é algo muito novo no Brasil para os políticos”, na perspectiva de entender o transporte enquanto um direito. A professora salienta que o transporte é considerado um

direito social desde 2015, após a promulgação de uma emenda constitucional, mas que foi iniciado com a Política Nacional de Mobilidade Urbana, instituída em 2012.

Segundo a professora, “a lei da mobilidade urbana foi aprovada, em 2012, num contexto muito de crise climática, imputando ao combustível fóssil uma responsabilidade na emissão de gases de efeito estufa e o automóvel como o maior consumidor desse tipo

de combustível. Então, ela veio nesse bojo de discussões sobre mobilidade sustentável. [Em seguida,] a gente teve as jornadas de 2013, que colocou isso muito forte na agenda política. Era uma pauta de transporte público, mas culminou também com o transporte como direito. Em 2015, com a emenda constitucional, ele passa a ser um direito social, assim como habitação, meio ambiente e saúde”.

A professora ressaltava ainda

que antes da ideia de mobilidade urbana, a principal preocupação para a gestão pública era o modal, qual o tipo do veículo e qual a estrutura adequada para cada tipo. “Quando a gente começa a discutir mobilidade urbana se entende que não dá para ser só o modal porque eles só respondem como que eu vou, mas ‘por que eu vou, por que eu me desloco?’ Essa pergunta do porquê me desloco, ela tem muito a ver com o planejamento do uso e ocupa-

ção do solo na cidade”.

A professora resalta que João Pessoa, assim como outras capitais e metrópoles brasileiras, passa por uma “crise planejada” no transporte público. Para ela, a mudança na estrutura organizacional desse sistema, com um Conselho de Mobilidade com efetiva participação da sociedade civil, é apontada como solução. “A principal solução é mudança no Conselho de Mobilidade, ele precisa ser mais diverso, precisa ter vozes da sociedade de organizações que têm discutido isso e que já apresentam soluções para isso. [...] Mudar esse conselho a se tornar mais diverso e também atribuir outras funções a ele porque hoje, basicamente, a principal atribuição dele é o controle tarifário e ele precisa discutir mobilidade urbana para além da questão do transporte público”.

Campina espera modernização com VLT

Campina Grande, segunda maior cidade da Paraíba, também enfrenta desafios significativos em sua mobilidade urbana. Segundo dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Campina Grande teve um aumento populacional de 8,86%, saindo de 385.213 para 419.379 habitantes.

Segundo o IBGE, a Região Metropolitana de Campina Grande registrou 651.619 habitantes e 226.627 domicílios, distribuídos em 19 municípios. De acordo com dados do Ministério dos Transportes, entre 2019 e 2023, a frota de veículos teve um aumento de 9,49%, somente em João Pessoa, saindo de 89.086 para 97.543 veículos. O aumento no número de veículos particulares, resulta em congestionamentos e aumento da poluição, e as deficiências do sistema transporte coletivo geram uma maior dependência do transporte individual.

A assinatura do Termo de Cessão da linha férrea de Campina Grande, realizada em dezembro do ano passado, oficializou o início da implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). O projeto, desenvolvido pela Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos (STTP), prevê a concessão de linha férrea de 16,5 quilômetros com o objetivo de aprimorar a infraestrutura viária da cidade. Para a implantação do novo modal são previstos investimentos

estimados em R\$100 milhões.

Para Filipe Luna, pesquisador em Desenvolvimento Urbano e consultor em políticas públicas junto ao LabRua, apesar dos investimentos em infraestrutura, um dos principais desafios para a mobilidade urbana, em Campina Grande, é a integração dos modais de transporte utilizados. Contudo, a coleta de dados é apontada como o meio fundamental para a realização de um “planejamento integrado”.

“A gente não vai poder fazer uma melhoria do sistema enquanto não tiver uma captação de dados mais robustos. [...] Novas tecnologias, tanto de pagamento como de captação de dados para que a gente tenha um conhecimento melhor dos fluxos de origem e destino porque, da forma que é estruturado atualmente por exemplo, se você, enquanto usuário de ônibus, vai e passa o seu cartão, você só tem a coordenada capturada no momento do embarque, não sabe onde o usuário desembarca, onde o usuário mora, ou vai. A gente não tem como fazer esse planejamento integrado”.

Para o pesquisador, integrar os modais de transporte, especialmente os não motorizados como bicicleta, assim como promover o uso de meios de transporte com baixa emissão de carbono, como a eletrificação da frota de ônibus e a implantação do VLT são necessários para a melhoria no sistema de mo-

bilidade existente.

“Para a mobilidade urbana, o desafio que a gente tem é de cada vez mais integrar os modais de transporte, principalmente os não motorizados. Ou seja, bicicleta e o deslocamento a pé. [Precisamos] avançar na utilização dos meios de transporte com baixa emissão de carbono, o VLT seria uma boa opção, a gente pode levar à frente também a discussão da eletrificação da frota de ônibus, muitas cidades no Brasil já estão discutindo”, salientou.

O Laboratório de Rua é uma associação civil sem fins lucrativos, com fins educacionais e de pesquisa técnico-científica. Com sede na cidade de Campina Grande, na Paraíba, o LabRua tem como objetivo desenvolver estudos voltados aos espaços públicos, mobilidade de pessoas por qualquer meio de transporte, promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, entre outras finalidades.

A Política Nacional de Mobilidade Urbana (PNMU), instituída pela Lei nº 12.587/2012, estabeleceu diretrizes para o desenvolvimento de sistemas de transporte que priorizem a acessibilidade e a sustentabilidade. Entre seus objetivos estão a redução das desigualdades sociais e a promoção da inclusão por meio de serviços de transporte público de qualidade. A Emenda Constitucional nº 90 foi promulgada

em setembro de 2015 e reconhece o transporte como um direito social. A emenda teve origem na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 90/2011, de autoria da deputada Luiza Erundina (PsoL-SP).

O Conselho de Mobilidade Urbana de João Pessoa é composto por representantes de diversas pastas e entidades. Integram o colegiado a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (Semob-JP), a Secretaria Municipal de Planejamento (Seplan) e a Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seinfra), a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam), a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Sedec) e a Secretaria Executiva da Participação Popular (SEPP).

Também fazem parte do Conselho a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), o Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Trabalhadores em Transportes Urbanos de Passageiros, a Junta Governativa do Sindicato dos Motoristas o Sindicato de Transportes Urbanos de João Pessoa (Sintur), o Diretório Central dos Estudantes da UFPB (DCE/UFPB), o Conselho Universitário de Carteiras (CUC) um representante universitário da rede privada, o Conselho Metropolitan de Carteiras de Estudantes (CMCE) e um representante secundarista das redes pública e privada.

Foto: João Peçanha

■ Segundo dados do IBGE, João Pessoa foi a quarta capital do país com maior variação populacional

Memórias

A União

Gilson Renato

Da televisão ao jornal, o caminho de um profissional que aceitou desafios

A história de um jornalista, que começou com uma coluna semanal sobre memórias afetivas, chegou à direção técnica, não se opôs a mudanças e que ainda acredita no papel do impresso para informação da sociedade

Luiz Carlos Sousa
lnhlp@gmail.com

O jornalista Gilson Renato fez carreira em agências e na televisão e depois chegou ao impresso, exatamente em **A União**, que ele diz ser uma referência para todos os profissionais da área. Na Redação, ele chegou como colunista, escrevendo sobre suas relações afetivas. Nessa conversa com o Memórias A União, Gilson fala sobre os desafios que enfrentou na modernização de equipamentos e sobre as amizades que fez, além dos projetos executados, como a compra de mais um estúdio para possibilitar uma atualização da impressora rotativa Cottrell — que está completando 50 anos e que possibilitou a impressão de cadernos internos com cores. Ele também comenta a revolução que o computador trouxe às redações e diz que uma das alegrias “foi exatamente dar regularidade ao Correio das Artes, que tinha longevidade, mas não tinha uma periodicidade marcada”.

Entrevista

■ Como começou sua relação com **A União**?

Primeiro quero te agradecer pelo convite, por me dar essa oportunidade de voltar a essa casa. É sempre um prazer muito grande. Você tem uma longa história também n’**A União** e é inegável que qualquer pessoa que passa por aqui, por mais ou menos tempo, naturalmente desenvolve um carinho muito grande, principalmente pela história. Todos nós que somos jornalistas sempre tivemos **A União** como referência.

■ É a velha escola. Nesse painel do cenário, onde gravamos, tem José Américo dizendo que **A União** foi a primeira universidade dele.

Pois é. José Américo. Principalmente hoje, que a gente vê, depois de tanta história, **A União** resistindo bravamente e fazendo uma coisa que eu acho fundamental, nova e atual a todas as gestões, que passaram e que estão por vir, que é reconhecer a importância de **A União** para a Paraíba, não só histórica, mas como laboratório de comunicação, como uma instituição que pode promover a comunicação de interesse público.

■ Mas você chegou aqui quando?

Eu sempre tive uma ligação indireta com **A União**. Quando comecei a estudar, sempre via **A União** como visitante, bastante interessado. O primeiro vínculo foi exatamente como colunista, a convite de William Costa. Ele fazia um caderno bem diverso e eu fazia uma coluna que era publicada aos domingos.

■ Qual o tema da coluna?

O tema era livre. Eram crônicas. Lembro que eu buscava sempre escrever um pouco sobre as minhas memórias juvenis.

■ Tão cedo?

Já tinha um bocadinho de história para contar. Era exatamente isso. Nesse período, eu tinha aí 28, 29, 30 anos. Tenho até a curiosidade de rever esse material, que infelizmente eu não tenho.

de tempo mínimo. E aí você vê também a própria qualidade de impressão, que você tem hoje a história das cores, que também foi uma conquista importante d’**A União**, a reforma feita na Cottrell, que possibilitou essa quarta cor; foi também desse período, a partir de 2011, que foi feito esse trabalho de recuperação na velha máquina impressora, que até hoje roda e roda bem.

■ E aí a indústria gráfica, ela sempre foi muito dinâmica?

Sempre buscando mais soluções, melhor qualidade. Apesar do digital, que substitui muito quando as tiragens são em pequenos números. E, se são grandes tiragens, continua a impressão em *offset* sendo ainda a melhor alternativa, uma qualidade magnífica.

■ Você ficou ali, com suas memórias na coluna, falando das suas coisas da cidade e, de repente...?

Fui alçado à condição de diretor. Na realidade, no período, estava como diretor de rádio e TV na prefeitura, quando recebi o convite para vir para **A União**. Aí assumi junto com o próprio Fernando Moura, com Albiege, depois chegou Walter Galvão, e formamos a equipe, que realmente me dava muito prazer trabalhar. Até hoje, estar nesse espaço, para mim, é uma coisa emocionante e motivadora. Afetiva mesmo.

■ Pois é. Sentou nessa cadeira aí há uma semana.

Meu querido irmão. Inclusive está no local que tem tudo a ver com ele, que é a Fundação Casa de José Américo. Mas aí, retomando, no início do governo de Ricardo Coutinho, recebi o convite para assumir a diretoria técnica, em 2011. E aí a gente começou um período de muitas mudanças, até porque o governo, naquele momento, também mostrou a disposição de investir em **A União**. Então esse foi um momento muito bom tanto para mim como para todas as pessoas que trabalhavam lá em **A União**, e que trabalharam, a partir daquele momento, quando foram efetuadas as principais mudanças, que deram para **A União** essa puxança que ela tem — a parte de equipamentos, a parte inclusive de *layout* de produção. Muita coisa mudou. Ou seja, nós passamos, por exemplo, do PageMaker para o InDesign. Só isso aí já dá uma história grande, com a participação importante de alguns funcionários aqui d’**A União**.

■ Hoje senta no computador, já faz a pauta. O repórter redige e já vai para a página, depois direto para a oficina, passando longe do analógico.

É totalmente diferente, facilita. Naquele tempo, dava um texto, o editor dizia: “Você tem que escrever mais duas linhas aqui”.

■ Faça uma analogia só para citar: com a carta manuscrita, colocava naquele envelope com as bordas verdes e amarelas, e enviava. A pessoa ia receber uma semana, um mês depois. Hoje é on-line: onde você esteja, você consegue promover o encontro onde você estiver.

Então, veja que mudança radical, absurda, e assim, num período

de tempo mínimo. E aí você vê também a própria qualidade de impressão, que você tem hoje a história das cores, que também foi uma conquista importante d’**A União**, a reforma feita na Cottrell, que possibilitou essa quarta cor; foi também desse período, a partir de 2011, que foi feito esse trabalho de recuperação na velha máquina impressora, que até hoje roda e roda bem.

■ E aí a indústria gráfica, ela sempre foi muito dinâmica?

Sempre buscando mais soluções, melhor qualidade. Apesar do digital, que substitui muito quando as tiragens são em pequenos números. E, se são grandes tiragens, continua a impressão em *offset* sendo ainda a melhor alternativa, uma qualidade magnífica.

■ Você ficou ali, com suas memórias na coluna, falando das suas coisas da cidade e, de repente...?

Fui alçado à condição de diretor. Na realidade, no período, estava como diretor de rádio e TV na prefeitura, quando recebi o convite para vir para **A União**. Aí assumi junto com o próprio Fernando Moura, com Albiege, depois chegou Walter Galvão, e formamos a equipe, que realmente me dava muito prazer trabalhar. Até hoje, estar nesse espaço, para mim, é uma coisa emocionante e motivadora. Afetiva mesmo.

■ E o relacionamento com a Gráfica, você conseguiu desenvolver rapidamente?

A amizade que eu fiz aqui com os técnicos da área de impressão gerou os desafios, que a gente enfrentou além da própria máquina. A gente teve que trabalhar todo dia com as deficiências da máquina; problemas constantes aconteciam. Realmente foi uma escola muito interessante, a relação com Recife, como fornecedor de papel e de equipamentos, então foram várias vezes que, de repente, eu estava aqui e tinha que ir no Recife pegar, comprar uma peça, comprar um papel. E lá a gente teve muito apoio também da gráfica oficial de lá.

■ E quanto às mudanças a que você se referiu?

Mudança da Redação. A mudança física, o projeto arquitetônico, ergonômico; enfim, o trabalho para acomodar o jornalismo.

■ Mas qual foi a mudança? Porque, por exemplo, eu trabalhei n’**A União** em 90 até 96, não lembro agora o ano exato, mas eu fui editor, e a gente já editava a primeira página por foto colorida.

É, mas veja bem. Você tem a primeira página, e a dificuldade era grande porque você tinha três núcleos de impressão. Aí a gente implanta um quarto estúdio de impressão. O quarto estúdio exatamente para ter o colorido. Antes tinha que ter uma inversão na máquina, imprimindo o amarelo direto no papel, em vez de passar na blanqueta. Então, com esse quarto estúdio, veio a possibilidade de imprimir praticamente sem perda de nenhuma; deu tempo de rodar o jornal inteiro. Acho que até hoje o jornal não é todo colorido por questões econômicas, no caso. Mas não tecnicamente. Hoje há essa possibilidade de você rodar



Gilson Renato faz questão de destacar os desafios e a importância de **A União** na sua formação profissional, como motivadora

é a melhor forma?” e tal. “Como é que transmite?”. Então já entendia um pouco de como é que as coisas funcionavam. Mas um pouco mesmo. A escola foi de fato **A União**.

■ E o relacionamento com a Gráfica, você conseguiu desenvolver rapidamente?

A amizade que eu fiz aqui com os técnicos da área de impressão gerou os desafios, que a gente enfrentou além da própria máquina. A gente teve que trabalhar todo dia com as deficiências da máquina; problemas constantes aconteciam. Realmente foi uma escola muito interessante, a relação com Recife, como fornecedor de papel e de equipamentos, então foram várias vezes que, de repente, eu estava aqui e tinha que ir no Recife pegar, comprar uma peça, comprar um papel. E lá a gente teve muito apoio também da gráfica oficial de lá.

■ Você, quando chegou, tinha experiência de, por exemplo, edição? Ou só a coluna?

É o seguinte: eu sempre fui da área de TV, minha origem. Mas, aí como assessor de imprensa, tinha uma relação com gráficas. E, como sempre fui curioso, sempre quis e gosto de saber como é que as coisas acontecem. Lembro dos colegas e repórteres: não queriam nem saber de edição. Eu sempre fui muito curioso. “Como é que edita?”. “Como é que grava?”. “Qual

se referiu?”

Mudança da Redação. A mudança física, o projeto arquitetônico, ergonômico; enfim, o trabalho para acomodar o jornalismo.

■ Mas qual foi a mudança? Porque, por exemplo, eu trabalhei n’**A União** em 90 até 96, não lembro agora o ano exato, mas eu fui editor, e a gente já editava a primeira página por foto colorida.

É, mas veja bem. Você tem a primeira página, e a dificuldade era grande porque você tinha três núcleos de impressão. Aí a gente implanta um quarto estúdio de impressão. O quarto estúdio exatamente para ter o colorido. Antes tinha que ter uma inversão na máquina, imprimindo o amarelo direto no papel, em vez de passar na blanqueta. Então, com esse quarto estúdio, veio a possibilidade de imprimir praticamente sem perda de nenhuma; deu tempo de rodar o jornal inteiro. Acho que até hoje o jornal não é todo colorido por questões econômicas, no caso. Mas não tecnicamente. Hoje há essa possibilidade de você rodar

■ Mas qual foi a mudança? Porque, por exemplo, eu trabalhei n’**A União** em 90 até 96, não lembro agora o ano exato, mas eu fui editor, e a gente já editava a primeira página por foto colorida.

É, mas veja bem. Você tem a primeira página, e a dificuldade era grande porque você tinha três núcleos de impressão. Aí a gente implanta um quarto estúdio de impressão. O quarto estúdio exatamente para ter o colorido. Antes tinha que ter uma inversão na máquina, imprimindo o amarelo direto no papel, em vez de passar na blanqueta. Então, com esse quarto estúdio, veio a possibilidade de imprimir praticamente sem perda de nenhuma; deu tempo de rodar o jornal inteiro. Acho que até hoje o jornal não é todo colorido por questões econômicas, no caso. Mas não tecnicamente. Hoje há essa possibilidade de você rodar

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

■ Além do fato de que, com a tecnologia, com a internet, ficou mais fácil entrar em contato, localizar alguém...?

Você passou a ter um controle e a possibilidade da cooperação. Antigamente o trânsito entre o local da reportagem e a Redação era um vácuo de comunicação — não havia. Hoje em dia, é instantânea. As distâncias físicas foram diluídas. O desafio é você dominar a tecnologia, porque passou a ser um desafio para todos nós, porque, por mais que a gente corra, a tecnologia sempre está um pouco mais à frente.

■ Você sentiu alguma dificuldade? Na realidade, foi um desafio muito importante para mim, como jornalista, como um trabalhador na área de Comunicação. E principalmente o desafio foi maior pela equipe porque, quando eu vim para cá, o superintendente era Fernando Moura, que é um cara que não tem juízo, exatamente porque tem juízo demais. Foi muito interessante, um desafio muito grande, mas eu tive um apoio muito grande também do próprio Fernando, da Bia, que já estavam por aqui. Como eu sempre tive muita facilidade de perguntar e de aprender política, foi muito bom. A gente fez coisas importantes, como o projeto... chegamos a ir até o Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, para pesquisar, e recuperamos o número 1, a edição número 1 do jornal, uma coisa maravilhosa, no aniversário de **A União**, com a edição completa do jornal número 1, que a Paraíba não tinha e a gente recuperou. E, a partir daí, aqueles projetos semanais também em relação aos cadernos específicos, principalmente ligados na área de Cultura.

■ Além de **A União** sempre ter se preocupado em dar as melhores condições para o trabalho, com equipamentos modernos, como os computadores modernos...?

Essa coisa dos computadores... Naquele período, houve uma compra e a gente passou a ter todo o espaço de trabalho na Redação com os computadores. Cada ilha ou baía, ou gente chama, com quatro computadores. Então foi importante também buscar esses equipamentos de acordo com a demanda.

■ Como foi o desafio da modernização?

Essa coisa da modernização, como desafio, que é uma característica da nossa geração... nós saímos do completamente analógico para o computador, lembrando aqui que o computador era uma

coisa totalmente estranha. Passamos por tudo isso para vir para esse período que se apresenta aí com a inteligência artificial.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Editais ofertam vagas em Sergipe

Banco do Estado e Secretaria da Cidadania oferecem cargos de níveis médio e superior com salários de até R\$ 5,7 mil

Priseila Perez
priseilaperezcomunicacao@gmail.com

O ano de 2025 começa com boas notícias para os concurseiros paraibanos. A expectativa é grande para o próximo concurso da Secretaria de Estado da Educação (SEE), que deve abrir duas mil vagas ainda neste semestre, principalmente para o cargo de professor. Com salários que devem seguir o piso da categoria — atualmente em R\$ 4.420 —, a seleção promete ser uma ótima oportunidade para quem deseja ingressar no serviço público estadual. Enquanto o edital não é lançado, estados vizinhos como, Sergipe, também apresentam boas opções. Por lá, o Banco do Estado (Banese) e a Secretaria de Assistência Social (Seasic) oferecem, juntos, mais de 140 vagas, com salários que podem chegar a R\$ 5,7 mil.

Professores em destaque

Muito aguardado pelos profissionais da Educação, o próximo concurso da SEE-PB promete trazer um grande reforço para a rede estadual de ensino, com a abertura de mais de duas mil vagas. Entre os cargos previstos, estão os de professor, supervisor escolar, orientador educacional, diretor e orientador pedagógico, atendendo a diferentes áreas de conhecimento. De acordo com o secretário estadual de Administração, Tibério Limeira, o edital já está na fase de definição da banca organizadora e deverá ser lançado até março. A expectativa em torno da remuneração também é alta, especialmente após o governo paraibano reafirmar o compromisso de pagar o piso nacional da categoria.

O último certame da SEE foi realizado em 2019 e ofereceu mil vagas para profes-

sores de diversas áreas, como Matemática, Física, Geografia e História. Na ocasião, os profissionais cumpriam uma carga horária de 30 horas semanais. O processo seletivo incluiu uma prova objetiva com 50 questões, abordando Língua Portuguesa, conhecimentos pedagógicos, conhecimentos específicos e legislação básica em educação, além de avaliação de títulos. Para o novo concurso, espera-se que o formato seja semelhante, mas é necessário aguardar a publicação do edital para mais detalhes.

Banco do Estado de Sergipe

Já em Sergipe, o Banco do Estado (Banese) divulgou edital para o preenchimento de 55 vagas imediatas e formação de cadastro reserva, destinadas a cargos de níveis médio e superior. As oportunidades são para técnico bancário (35 vagas) e técnico bancário — desenvolvimento e

suporte (20 vagas), com remunerações que variam de R\$ 2.916,30 a R\$ 5.720,79 para uma carga horária de 30 horas semanais. Além dos salários, os aprovados terão direito a benefícios como vale-alimentação, vale-refeição, auxílio-reche e plano de saúde.

Para quem deseja participar, atenção aos prazos: as inscrições vão até 5 de fevereiro e devem ser feitas exclusivamente no site da Fundação Cesgranrio. A taxa de inscrição varia de R\$ 80 a R\$ 100, dependendo do cargo escolhido.



Confira o edital completo do Banese por meio do QR Code

Quanto ao processo seletivo, as provas objetiva e de redação estão marcadas para 6 de abril e abordarão conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, atualidades e conhecimentos específicos. Já os candidatos com deficiência terão uma etapa adicional, de avaliação biopsicossocial, como forma de reforçar a acessibilidade do certame.

Assistência Social

Ainda em Sergipe, a Secretaria de Estado da Assistência Social, Inclusão e Cidadania (Seasic) abriu edital para preencher 90 vagas em cargos de nível superior. Entre as funções disponíveis, estão as de assistente social, nutricionista, psicólogo, pedagogo, engenheiro agrônomo e tradutor/intérprete de libras. Os salários oferecidos variam de R\$ 3.060,00 a R\$ 5.457,10 por uma jornada de trabalho de 30 horas semanais.

As inscrições estarão abertas de 3 de fevereiro a 6 de março, exclusivamente pelo site da FGV Conhecimento, ligada à Fundação Getúlio Vargas, com taxa de inscrição de R\$ 120. As provas objetiva e discursiva estão marcadas para o dia 11 de maio e abrangerão questões de Língua Portuguesa, atualidades e conhecimentos específicos. Para algumas funções, haverá também uma etapa extra de avaliação de títulos.



Confira o edital completo do Seasic por meio do QR Code

Supervisor escolar é elo estratégico para uma educação efetiva

Por trás de uma boa escola, há sempre um supervisor escolar articulando processos para que o aprendizado seja mais do que uma promessa. Embora o trabalho desse profissional não seja tão visível quanto o de professores, ele tem um papel estratégico na educação: diagnosticar desafios, propor soluções e conectar a comunidade escolar, garantindo que o ensino seja realmente efetivo e humanizado. Quem faz o apontamento é Samara Wanderley Xavier Barbosa, supervisora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, em João Pessoa. “Promovemos o diálogo entre todos os segmentos. Isso ocorre no dia a dia da escola, durante o contato individual com alunos e famílias, nas reuniões pedagógicas e nos conselhos de classe”, resume.

Os desafios da profissão não são novos, considerando que as escolas são espaços que reúnem realidades e pessoas diversas, mas o contexto educacional pós-pandemia trouxe camadas adicionais de complexidade. Segundo a profissional, que é graduada em Pedagogia, além de doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o isolamento e o uso excessivo de telas afetaram não apenas o aprendizado dos alunos, mas também o equilíbrio emocional de toda a comunidade escolar. Em 2020, as escolas enfrentaram uma média de 279 dias de suspensão das atividades presenciais.

Desde o retorno às aulas presenciais, em 2021, o esforço tem sido intenso para retomar o aprendizado e enfrentar essas questões emocionais. Não à toa, para Samara, o papel do supervisor é indispensável nesse cenário desafiador. “Preci-



Samara Wanderley salienta os desafios de lidar com as demandas da comunidade e de aprimorar as práticas pedagógicas para acolher as necessidades dos alunos

samos trabalhar continuamente para apoiar todos os envolvidos”, destaca.

Além do planejamento

Além de planejar e avaliar os processos educacionais, o supervisor escolar também é responsável por diagnosticar os desafios enfrentados pela comunidade e propor soluções que atendam às necessidades dos alunos. Como destaca Samara, também cabe a esse profissional acompanhar e orientar os professores, promovendo formações que aprimorem suas práticas pedagógicas e incentivem a adoção de novas metodologias.

No dia a dia, o supervisor ainda lida com a mediação de conflitos, sejam eles entre alunos, professores ou famílias, e atua para garantir que a gestão da es-

cola esteja alinhada às exigências da legislação. “Ele é um mediador dos processos educacionais na escola, com competências teóricas que embasam a tomada de decisões e a proposição de práticas pedagógicas baseadas em diagnósticos”, pontua Samara.

Habilidades diversas

Com tantas responsabilidades, o supervisor escolar precisa ir além das competências técnicas para cumprir seu papel com excelência. É preciso dominar as metodologias educacionais, ter conhecimento profundo e atualizado sobre as normas e políticas da área, saber planejar e acompanhar o desenvolvimento pedagógico e ainda avaliar indicadores, como desempenho acadêmico e frequência.

Mas essas competências são apenas uma parte do trabalho. Para Samara, liderança, empatia e comunicação assertiva são habilidades igualmente importantes para inspirar as equipes e promover um ambiente de trabalho colaborativo. Além disso, ela considera essencial ter flexibilidade para adaptar-se às mudanças, resiliência para enfrentar os desafios que surgem no cotidiano e dedicação para incorporar tecnologias ao planejamento escolar.

Formação continuada

Por todos esses motivos, é necessário investir em formação para se manter atualizado. Em um cenário educacional em constante transformação, quem estuda pouco acaba ficando para trás. Com quali-

ficação, o profissional não só fica sabendo das principais novidades e demandas da área, mas também se prepara melhor para oferecer formações relevantes às equipes pedagógicas. “Ele deve focar na promoção de formações para os professores da escola, partindo do estudo dos problemas enfrentados pela instituição”, aponta Samara Wanderley. O resultado é uma escola mais preparada para enfrentar os desafios do presente e com conhecimento de sobra para construir o futuro.

A atuação de profissionais como Samara exemplifica bem o papel estratégico do supervisor escolar. Para quem já atua na função, vale ficar de olho no aguardado concurso da SEE-PB, previsto para este semestre. Com mais de duas mil

vagas esperadas, o certame será uma excelente oportunidade para quem deseja contribuir com a educação pública estadual.

■ Além de planejar e avaliar os processos educacionais, o supervisor escolar também é responsável por apontar as demandas da comunidade

Selic

Fixado em 11 de dezembro de 2024

12,25%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,13%
R\$ 5,918

Euro € Comercial

+0,57%
R\$ 6,210

Libra £ Esterlina

+0,96%
R\$ 7,402

Inflação

IPCA do IBGE (em %)
Dezembro/2024 0,52
Novembro/2024 0,39
Outubro/2024 0,56
Setembro/2024 0,44
Agosto/2024 -0,02

Ibovespa



ALTA DA GASOLINA

Reajuste nos preços exige adaptação de consumidores

Pesquisar postos mais em conta ou até mudar de combustível está entre opções

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

Equilibrar o orçamento familiar, após os aumentos recorrentes do preço dos combustíveis, é um desafio para grande parte dos cidadãos brasileiros. Em João Pessoa, por exemplo, os preços médios do etanol e da gasolina comum subiram, aproximadamente, R\$ 0,30 em um intervalo de duas semanas, de acordo com o levantamento da Petrobras. Entre 5 e 11 de janeiro, o litro do etanol custava R\$ 3,99, enquanto o derivado de petróleo custava R\$ 5,84 por litro. Já na semana seguinte, os valores passaram, respectivamente, a R\$ 4,29 e R\$ 6,17. Essa alta impacta não só as pessoas que têm veículos próprios e os utilizam no dia a dia, mas também aquelas que consomem bens e serviços dependentes do transporte rodoviário.

Quem abastece seu veículo com frequência tem recorrido a outras maneiras de adquirir o combustível. Juliana Santos, que trabalha como analista de Recursos Humanos, é cliente de um posto no bairro de Gramame e paga por um aplicativo da rede distribuidora. Nesse estabelecimento, um litro de gasolina saía a R\$ 5,87, caso a transação fosse feita pelo programa de celular, o que representa um desconto de R\$ 0,31 do valor regular. Apesar de pagar mais barato, Juliana lamentou o aumento de preços, já que usava o aplicativo antes da alta recente. "Isso muda todo o orçamento, porque você está acostumado a

pagar sempre aquele valor. Então, com o reajuste, a gente sente um impacto no nosso dia a dia", afirmou.

Outra mudança nas práticas de consumo foi mencionada pela vendedora Chrislayne Carvalho, que percorre a capital paraibana diariamente para entregar cintas pós-cirúrgicas a seus clientes. Com o aumento do preço da gasolina, ela priorizou o uso de outro combustível, até para evitar cortes nas despesas pessoais. "Eu estou usando mais o álcool porque, mesmo que ele consuma mais, pelo menos enche [o tanque]. Fora isso, até agora, não mudei mais nada e as contas estão balanceadas, mas a gente ainda sente no bolso", comentou.

De acordo com o economista Marcelo Freire, a alta nos preços dos combustíveis, especialmen-

te da gasolina, está relacionada a diferentes fatores. Globalmente, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia e as tensões políticas em torno do Irã afetaram o valor do barril de petróleo, já que os países envolvidos são grandes produtores do combustível fóssil. No Brasil, a escalada do câmbio também impactou a cotação da mercadoria. Ainda segundo o economista, o cenário tende a se agravar nos próximos meses. Isso porque a política do Governo Federal, que evita repassar aos consumidores do país os preços praticados internacionalmente, está próxima a um limite sustentável, o que deve forçar a Petrobras a divulgar novos aumentos.

Para se preparar para esses cenários, Marcelo sugere que os donos de veículos reorganizem suas despesas pessoais. "A

dica é procurar novas formas de transporte, como usar aplicativo de transporte que tenha um preço menor em determinados horários", sugere o economista.

Aumento

Para se preparar para esses cenários, o economista **Marcelo Freire** sugere que os donos de veículos reorganizem suas despesas pessoais

Tipos de veículos trazem impactos diferentes

Uma categoria profissional que sofre o impacto constante do aumento dos preços dos combustíveis é a dos motoristas de aplicativo. José Victor Aciole, por exemplo, passou a fazer mais viagens, depois que viu a porcentagem de seus gastos com gasolina subir de 20% para 45% do valor recebido por seu trabalho. Ele também mudou seu critério no abastecimento e na seleção dos trajetos. "Como a gente anda muito, consegue ver

qual posto está mais favorável e fica mesclando os combustíveis. Hoje, eu coloquei etanol, porque vi que está mais vantajoso nesse posto aqui [do bairro Cuiá]. Em outros, já não compensa. Por isso, tem que botar gasolina. E, quando os passageiros falam que está mais difícil pegar uma viagem no aplicativo, é justamente porque tem corrida que não compensa e a gente tem que escolher aquelas que pagam melhor no curto percurso", explica.

Entregadores que utilizam motocicletas também têm sofrido com a alta dos combustíveis. José Roberto Gomes atua como *motoboy*, vinculado a aplicativos de entregas, e optou por ampliar seus trabalhos, fazendo viagens para empresas que não estão nesses catálogos virtuais. "Hoje em dia, só o iFood paga melhorzinho; o restante [dos aplicativos] paga R\$ 1 por km ou menos. Assim ficava difícil para manter, porque a moto

também é alugada. Para ter uma ideia, eu gasto, em média, de R\$ 20 a R\$ 25 por dia com gasolina, e faço R\$ 150 por dia, no máximo. Quando tiro a despesa com o aluguel da moto, que é de quase R\$ 40 por dia, mais a gasolina e outros gastos que aparecem, como almoço e manutenção, sobra pouco", relata o entregador.

A alta dos derivados de petróleo também incide sobre o transporte de bens de consumo, o que pode resultar no aumento dos preços de itens vendidos em supermercados e farmácias. Segundo Marcelo, essa transferência ocorre principalmente com produtos cuja demanda é inelástica. "Isso significa que o preço pode aumentar que as pessoas vão continuar consumindo, porque é uma necessidade básica. Nisso, a gente fala de alimentos, remédios e outros bens de primeira necessidade, que não vão ter uma redução tão grande. Assim, as famílias fazem uma troca, procurando produtos em concorrentes mais baratos", esclarece o economista.



José Victor, motorista de aplicativo, escolhe bem antes de decidir onde abastecer o carro

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz@gmail.com | Colaborador

Equilíbrio multipolar e os desafios econômicos de 2025

A nova ordem mundial, em 2025, reflete uma transformação profunda nas relações econômicas e políticas globais. Diante de um cenário marcado por crises e tensões em diversas frentes, o equilíbrio de poder está se afastando do tradicional eixo Ocidente e se movendo para uma configuração mais multipolar. Esse redesenho é impulsionado por fatores como a ascensão da Ásia, o enfraquecimento das instituições europeias e as consequências de conflitos prolongados.

Nos Estados Unidos, a eleição e posse de Donald Trump consolidaram uma política econômica protecionista e nacionalista, exacerbando a fragmentação política interna e a polarização social. Essa postura isolacionista tem reflexos diretos nas disputas comerciais com a China e em alianças estratégicas tradicionais. Apesar das turbulências, o dólar ainda permanece como a principal moeda de reserva global, mas com um desafio crescente. Países como a China e a Rússia vêm promovendo alternativas ao sistema financeiro baseado no dólar, incentivando o uso de moedas locais e digitais para o comércio internacional.

Na Europa, a unidade da União Europeia enfrenta sérios desafios. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia revelou a fragilidade do continente em questões energéticas, levando ao aumento dos custos de energia e à aceleração da transição para fontes renováveis. Além disso, o crescimento de movimentos populistas e nacionalistas dificulta a criação de políticas econômicas unificadas. Enquanto isso, conflitos como o entre Israel e Hamas, além de suas repercussões humanitárias, afetam os mercados globais de petróleo e ampliam a volatilidade econômica.

A ascensão da Ásia é um dos elementos mais marcantes da nova ordem global. A China consolida sua posição como rival direto dos Estados Unidos, investindo em parcerias estratégicas, na ampliação da Nova Rota da Seda e na liderança de blocos econômicos, como o Brics. Nesse contexto, a Índia também emerge como uma potência em crescimento, atraindo investimentos e ganhando relevância geopolítica. Com uma economia dinâmica e reformas estruturais, o país se posiciona como peça-chave no futuro global.

Os blocos regionais e alianças econômicas tornam-se cada vez mais importantes. O Brics, por exemplo, fortalece sua influência ao buscar alternativas ao dólar, promovendo o uso de moedas digitais soberanas e parcerias comerciais bilaterais. Da mesma forma, regiões como América Latina e África destacam-se como fornecedoras de recursos estratégicos, como lítio e terras raras, fundamentais para a transição energética global.

A economia digital também desempenha um papel central nesta nova ordem. Tecnologias como inteligência artificial, *blockchain* e moedas digitais estão redesenhando o sistema financeiro global e as cadeias produtivas. Essas inovações criam novas dinâmicas econômicas e também desafiam os modelos tradicionais de governança.

Nesse contexto, o mundo enfrenta um futuro marcado por instabilidade, mas também por oportunidades. A transição para uma ordem multipolar não apenas redistribui o poder, mas redefine as regras econômicas globais, abrindo caminho para um equilíbrio mais diversificado e menos dependente dos atores tradicionais.

PREVIDÊNCIA

Brasileiro não planeja aposentadoria

A maioria dos brasileiros inicia o planejamento financeiro com apenas cinco anos de antecedência

Bruno Bocchini
Agência Brasil

Pesquisa nacional feita pelo Serasa mostra que a maioria dos brasileiros (60%) iniciam o planejamento financeiro para a aposentadoria com apenas cinco anos de antecedência. O levantamento, divulgado na sexta-feira (24), foi produzido pelo Instituto Opinion Box e ouviu 1.052 pessoas aposentadas ou prestes a se aposentar, em janeiro de 2025.

A pesquisa revelou também que 37% dos aposentados admitem que não se planejaram financeiramente para parar de trabalhar e 53% precisaram continuar trabalhando para complementar a renda. Dentre os que se planejaram, 70% passaram a complementar o salário com outra renda cinco anos antes de se aposentar.

Segundo o levantamento, entre os aposentados, 48% dizem sentir instabilidade financeira; 45%, ter grande receio de endividamento; e 64%, não considerar o valor da aposentadoria suficiente para manter o padrão de vida.

A pesquisa do Serasa mostra ainda que a alimentação é o maior gasto de quem já se aposentou, e os custos com a saúde estão em segundo lugar: 60% dos aposentados já precisaram buscar crédito ou empréstimo para auxiliar nessas despesas consideradas essenciais.

“É fundamental que o trabalhador prestes a se aposentar se planeje financeiramente, prevendo os possíveis ganhos e gastos que devem ocorrer ao lon-

go dos anos, principalmente, para aqueles que desejam parar de trabalhar logo após começarem a receber o benefício”, destaca o especialista da Serasa em educação financeira, Thiago Ramos.

“Para quem já se aposentou, mas ainda possui dificuldades, o ideal é criar um controle financeiro e estabelecer um fluxo de acordo com a sua realidade”, orientou.



Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

Segundo o levantamento, entre os aposentados, 64% dizem que não consideram o valor da aposentadoria suficiente para manter o padrão de vida

Maiores preocupações financeiras

Os brasileiros mostram-se otimistas e confiantes financeiramente para o ano que se inicia. Mesmo com algumas preocupações — sobretudo com gastos inesperados (27%) e falta de reserva de emergência (25%) —, há um foco crescente em organização e planejamento financeiro visando pagar

as dívidas e alcançar um ano melhor do que o anterior, é o que indica a pesquisa do Serasa em parceria com o instituto Opinion Box. O estudo revela, ainda, que 87% acreditam que conseguirão pagar as contas em dia em 2025.

Segundo os entrevistados, “planejamento” (35%) e

“organização” (28%) são as principais palavras que definem suas perspectivas para o período. Para atingir esses objetivos, nove em cada 10 brasileiros já estavam se planejando financeiramente no fim do ano passado, com destaque para a quitação de dívidas, mencionada por 40% dos respondentes.

■ Apesar de não se planejar para a aposentadoria, brasileiros temem gastos inesperados e falta de reserva

IMÓVEIS RURAIS

Programa de crédito fundiário aumenta teto para R\$ 293,5 mil

Agência Gov

O Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) tem garantido maior acesso à terra pelos agricultores familiares por meio de financiamento e condições facilitadas.

O Governo Federal avançou novamente no fortalecimento das políticas públicas voltadas à geração

de renda por meio da produção agropecuária: agora as famílias podem contar com a elevação do teto para compra de imóveis rurais, que passa a ser de R\$ 293.527,64. Até então, o limite era de R\$ 280 mil.

O programa pode ser acessado por trabalhadores rurais com idade entre 18 e 70 anos que comprovem, no mínimo, cinco anos de

experiência na atividade agropecuária e agricultores proprietários de imóveis rurais cuja área seja insuficiente para gerar renda capaz de lhes propiciar o próprio sustento e o de sua família.

O secretário de Governança Fundiária, Desenvolvimento Territorial e Socioambiental do Ministério do Desenvolvimento

Agrário e Agricultura Familiar (SFDTMDA), Moisés Savian, explica que o incremento do teto é uma reivindicação das famílias do campo e que o Governo Federal trabalhou para garantir o crédito com condições ainda melhores. “O Crédito Fundiário tem atingido resultados significativos na democratização do acesso à terra. É um programa

que fala por si só; o aumento de número de famílias e de recursos liberados é a prova de que estamos no caminho certo”, declara.

Setor produtivo

O PNCF desempenha um papel significativo no apoio às famílias do campo, melhorando a qualidade de vida e fortalecendo a agricultura familiar no país. Entre os anos de 2023 e 2024, o programa beneficiou mais de 3,2 mil famílias, com investimentos que ultrapassaram o valor de R\$ 487 milhões.

Para a diretora de Governança Fundiária, Shirley Abreu, o novo teto está em maior sintonia com o mercado de terras e aumentará o poder de atuação do Crédito Fundiário. “Em algumas regiões do país, a terra alcança valores para além do limite antigo, e é por isso que trabalhamos fortemente para continuar melhorando as condições do programa, em especial para os mais jovens”, afirma.

O programa Crédito Fundiário tem três anos de carência e prevê o paga-

mento integral em 22 anos. Tem direito ao programa agricultores familiares cuja renda seja oriunda exclusivamente da agricultura. O programa disponibiliza a menor taxa de juros do mercado, de 0,5% ao ano, podendo, em caso de pagamento das parcelas sem atraso, obter um desconto de até 40%.

“

Em algumas regiões, a terra alcança valores para além do limite antigo, por isso trabalhamos para continuar melhorando as condições do programa

Shirley Abreu



Foto: Divulgação/MDA

Famílias podem contar com a elevação do teto para compra de imóveis rurais, que passa a ser de R\$ 293.527,64

PRÓXIMOS DOIS ANOS

Serão R\$ 187 mi em investimentos

Recursos são oriundos do Governo do Estado da Paraíba em projetos e ações inovadoras e parcerias internacionais

Secties

A ciência e tecnologia da Paraíba receberá um impulso significativo com o investimento de R\$ 187,2 milhões para os anos de 2025 e 2026. Os recursos serão destinados a diversos projetos que visam fortalecer ainda mais a pesquisa, a inovação e a educação científica no estado.

O governador da Paraíba, João Azevêdo, comentou que a ciência e tecnologia têm sido uma das prioridades da sua gestão, desde 2019. Ele mencionou que foram investidos quase meio bilhão de reais até 2024, mesmo diante de um contexto de redução de recursos por parte do Governo Federal.

“Ciência e tecnologia é uma área que tem recebido investimentos importantes, tivemos uma época de um bloqueio em que não tinha recursos para financiar ciência e tecnologia. Mas a Paraíba manteve investimentos na ordem de mais de 400 milhões para financiar bolsas, financiar pesquisas e fazer com que os nossos cientistas continuassem tendo esse olhar”, comentou João Azevêdo, durante a solenidade de anúncio das ações do governo.

O secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, Claudio Furtado, ressaltou o planejamento para 2025, que envolve a inauguração da segunda etapa do Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, em João Pessoa, e a instalação do radiotelescópio Bingo, em Aguiar. “Também teremos neste ano o avanço na questão da internacionalização com o Paraíba sem Fronteiras, financiamento de pesquisas e um envolvimento maior no desenvolvimento de pesquisa em inteligência artificial”, explicou.

O governador da Paraíba, João Azevêdo, comentou que a ciência e tecnologia têm sido uma das prioridades da sua gestão, desde 2019. Ele mencionou que foram investidos quase meio bilhão de reais até 2024, mesmo diante de um contexto de redução de recursos por parte do Governo Federal.



Governador João Azevêdo falou que a ciência e a tecnologia são prioridades na sua gestão, lembrando o dinheiro já disponibilizado

Município de Carrapateira terá uma Cidade da Astronomia



A foto acima é da Maquete da Cidade da Astronomia em Carrapateira. A casa (à esquerda) abriga um museu histórico cultural na mesma cidade

Um dos principais projetos é a construção da Cidade da Astronomia, em Carrapateira.

Esse centro de pesquisa e turismo incluirá um planetário e exposições que abordarão a formação do universo. O objetivo é atrair visitantes e promover o conhecimento científico entre a população.

Laboratório 3D em JP

João Pessoa contará com a implantação de um Laboratório de Prototipagem 3D no Parque Tecnológico Horizontes da Inovação. Esse espaço será crucial para impulsionar startups e projetos tecnológicos no estado, fornecendo recursos para a criação de protótipos e o desenvolvimento de novas tecnologias.

Novos Caminhos

Localizado em Sousa, o programa também receberá mais investimentos. Ele reconhece a importância do geoturismo, geoconservação, educação e pesqui-

sa na região, ampliando seu impacto econômico, social e cultural. A iniciativa busca integrar ciência, educação, turismo e desenvolvimento sustentável, com ações que incluem identificação de recursos geológicos e paleontológicos, estudos e pesquisas, desenvolvimento de infraestrutura, educação e sensibilização, sustentabilidade e gestão, promoção e marketing.

Museu

Em Cajazeiras, será implantado o Museu Científico de Arqueologia, que terá como foco o resgate e a preservação da história arqueológica regional. Esse museu será um centro de excelência, proporcionando um espaço dedicado ao estudo e à valorização do patrimônio arqueológico da Paraíba.

As atividades incluirão pesquisas arqueológicas, conservação de artefatos históricos e promoção de exposições educativas e interativas. O museu será

um centro de excelência, fortalecendo a cooperação acadêmica e científica e contribuindo para o enriquecimento cultural e educacional da região.

A Paraíba possui um rico patrimônio arqueológico, com vestígios anteriores ao período colonial.

O Museu Científico de Arqueologia da Paraíba surge para integrar pesquisa, preservação, educação e divulgação do conhecimento arqueológico, tornando-se um centro de referência para a arqueologia do Nordeste.

Concessão de bolsas

Além das infraestruturas, o investimento inclui o Programa Estadual de Concessão de Bolsas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, apoio aos núcleos de excelência e participação em eventos e programas nacionais e internacionais. Essas ações visam fortalecer a formação de pesquisadores e a produção científica no estado.

China e Brasil farão parcerias em pesquisas avançadas

Os investimentos em Ciência e Tecnologia no Estado envolvem uma parceria estratégica estabelecida entre a Paraíba e instituições chinesas, por meio do Instituto Paraíba - China. Este instituto será um centro de excelência em altos estudos, fortalecendo a relação paradiplomática entre a Paraíba e a China, com foco em áreas como cosmologia, astronomia e outras ciências e tecnologias.

A iniciativa envolve pesquisa avançada, formação acadêmica, colaboração internacional, divulgação científica, desenvolvimento tecnológico e estudos interdisciplinares. A construção da sede do

Instituto Paraíba - China e seu programa de implantação terão um papel crucial no avanço do conhecimento científico e na consolidação da Paraíba como um polo de ciência e inovação.

A criação do Instituto Paraíba - China é resultado de um conjunto de ações que estão sendo desenvolvidas pelo Governo do Estado da Paraíba, a partir do projeto do radiotelescópio Bingo, relacionadas com a Cidade da Astronomia, localizada no município de Carrapateira.

Essa parceria se estendeu ainda mais na última semana, por meio da assinatura de um Memorando de Entendimen-

to entre o Governo da Paraíba, por meio da Secties, o 54º Instituto de Pesquisa do Grupo de Tecnologia Eletrônica da China (CETC 54 Institute) e o Centro de Inovação Industrial em Ciência e Tecnologia Quântica do Delta do Rio Yangtze. O evento on-line aconteceu na última quarta-feira (22) e reuniu lideranças científicas, acadêmicas e governamentais dos dois países.

O acordo consolida a cooperação internacional entre a Paraíba e a China, estabelecendo uma parceria para pesquisas avançadas em Radioastronomia e Tecnologia Quântica. “Com este Memorando, iniciamos uma nova

era de cooperação internacional, que permitirá a troca de conhecimento, o desenvolvimento de tecnologias inovadoras e o avanço de pesqui-

zas de ponta. Esta parceria não apenas atrai investimentos, mas também promove o desenvolvimento social e tecnológico, reforçando o papel

da Paraíba como polo de inovação no Brasil”, destacou o secretário de Estado da Secties, Claudio Furtado, durante a cerimônia.



Sede atual da Secties, em João Pessoa, ao lado da Basílica de Nossa Senhora das Neves

NA ANTÁRTIDA

Animais marinhos ingerem plástico

Pesquisa da USP revela que bichos oriundos de águas profundas do Oceano Austral são vítimas de poluição desde 1986

Herton Escobar
Jornal da USP

Animais marinhos estão ingerindo microplásticos nas profundezas da Antártida há pelo menos quatro décadas, segundo um estudo liderado por cientistas do Instituto Oceanográfico (IO) da USP. Os pesquisadores investigaram o conteúdo gastrointestinal de mais de uma centena de organismos coletados de águas profundas do Oceano Austral, entre 1986 e 2016, e encontraram microdetritos em quase um terço deles — incluindo fibras de diversos materiais plásticos, como poliamida, poliéster e polietileno.

Um dos achados do estudo é o registro mais antigo da presença de microplásticos no ambiente antártico: uma fibra azul de pouco mais de 2 mm, encontrada nas vísceras de um misidáceo (um crustáceo pequeno, parecido com um camarão), coletado em fevereiro de 1986, ao largo da Península Antártica. O fragmento era feito de polisulfona, um polímero plástico resistente a altas temperaturas e muito usado em revestimento de fiações elétricas e de encanamentos, o que levanta a hipótese de que ele seja oriundo de materiais usados na construção das várias estações de pesquisa que existem na região.

O trabalho, publicado em 20 de novembro, na revista científica *Environmental Science & Technology*, reforça uma percepção já bem caracterizada por outros estudos, de que a Antártida, apesar da baixa ocupação e da distância que a separa dos grandes centros urbanos do mundo, não está imune à poluição humana — nem mesmo no fundo do mar. “A ocorrência de fibras na margem continental mais remota do mundo renova as preocupações com a poluição em regiões aparentemente isoladas”, escrevem

os pesquisadores.

“A gente sempre esperava que fosse encontrar microplásticos, só não sabia quanto”, contou ao *Jornal da USP* o biólogo Gabriel Stefanelli Silva, que realizou a pesquisa como parte de seu doutorado no IO, sob orientação do professor Paulo Sumida, do Laboratório de Ecologia e Evolução de Mar Profundo (Lamp). As concentrações detectadas são equivalentes às encontradas por outros estudos em organismos do Ártico e de outras regiões com densidade populacional muito maior. “É uma preocupação muito grande porque a gente esperava que a Antártida fosse um ambiente um pouco mais livre desse tipo de contaminação, mas não é”, destacou Silva.

Os pesquisadores analisaram o conteúdo estomacal e/ou intestinal de 169 organismos bentônicos (que vivem fixados ou associados ao substrato marinho) de 15 espécies, incluindo pepinos-do-mar, estrelas-do-mar, ofiuroídeos (popularmente conhecidos como serpentes-do-mar, apesar de não serem serpentes), poliquetas (vermes) e camarões. Vários procedimentos de segurança fo-

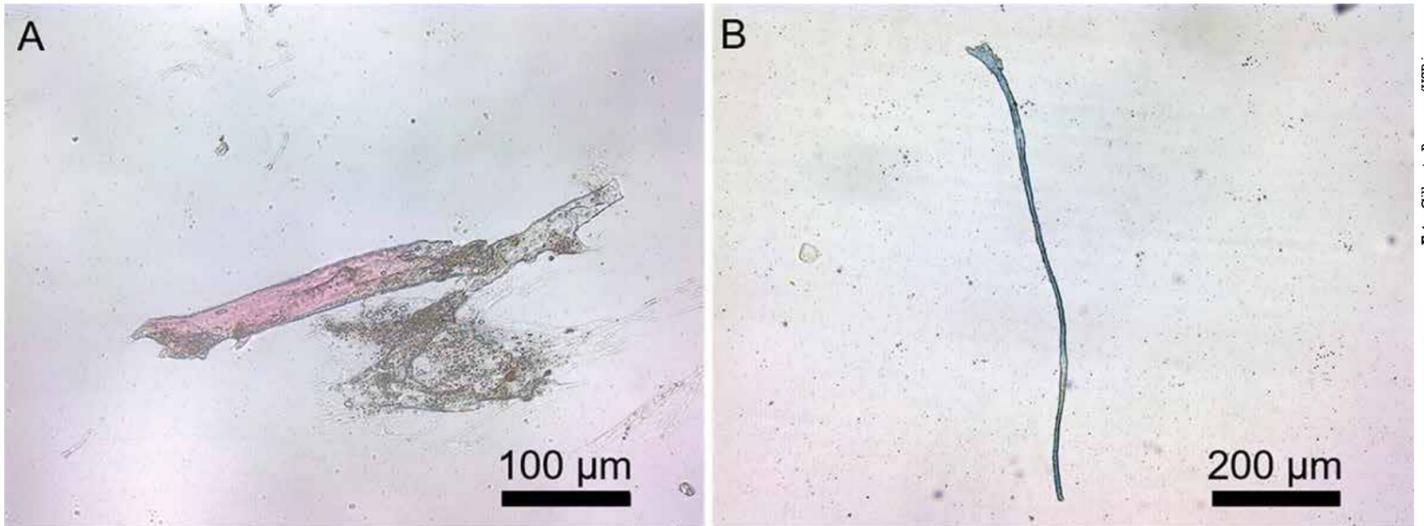
ram adotados para evitar a contaminação das amostras com microplásticos do ambiente externo — por exemplo, da roupa dos pesquisadores, dos instrumentos de pesquisa ou do próprio ar do laboratório, já que os microplásticos estão por toda parte. No final das contas, 53 dos 169 animais continham detritos dentro deles, totalizando 85 microfibras (fragmentos de fibras com menos de 5 milímetros de comprimento).

Essas fibras podem ser feitas de materiais orgânicos (algodão, seda ou lã), sintéticos (plásticos) ou semissintéticos (celulose). Fazer a caracterização precisa desse material é complicado. Apenas sete dos 85 fragmentos foram identificados como sintéticos por meio de técnicas de espectroscopia, que permitem investigar as características moleculares de um objeto; mas isso não significa que não haja mais plásticos entre as outras 78 amostras. “O equipamento tem limitações e não foi possível caracterizar todos os polímeros, principalmente em função do formato das fibras”, explicou Silva. “Mas é totalmente possível que haja mais plásticos nas amostras.

O que apresentamos no trabalho é uma estimativa bem conservadora”.

Um dos principais objetivos científicos da pesquisa era determinar como os diferentes métodos de alimentação influenciam a ingestão de microdetritos por animais bentônicos na Antártida. Os organismos com maior quantidade de fibras presentes foram os pepinos-do-mar e os ofiuroídeos, que podem capturar partículas de alimento tanto do sedimento quanto da água. Os pesquisadores levantam a possibilidade de que esses organismos possam ser usados como “sentinelas” da presença de microdetritos em ambientes de mar profundo da Antártida, assim como já é feito com mexilhões e outros moluscos filtradores para monitorar essa contaminação em águas rasas de regiões tropicais, por exemplo.

Outros estudos já encontraram fibras no sistema digestório de vários animais distintos da Antártida como pinguins, focas, peixes e moluscos, mas as espécies bentônicas seriam as melhores indicadoras da presença e da quantidade desses microdetritos no sedimento marinho.



Microplásticos encontrados em pepinos-do-mar coletados no ano 2000 na Ilha Anvers, na Península Antártica. A) Fibra de poliamida; B) Fibra de poliamida e poliéster

Foto: Gilberto Bergamo/USP Imagens

Poluição plástica afeta a vida em todo o planeta

■ Frente Polar dificulta a entrada de organismos de outras partes do oceano, mas parece não ser efetiva contra microdetritos

A poluição plástica é classificada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um dos maiores problemas ambientais do planeta atualmente. Todos os objetos de plástico decompõem-se fisicamente com o tempo, quebrando-se em fragmentos cada vez menores, que são chamados de microplásticos (quando têm menos de 5 mm) e nanoplásticos (quando se tornam microscópicos). Esses detritos plásticos — grandes ou pequenos — não são biodegradáveis e permanecem por séculos no ambiente, podendo liberar substâncias tóxicas, contaminar alimentos e ser ingeridos por animais, incluindo seres humanos. Microplásticos já foram encontrados em vários tecidos humanos, como sangue, placenta e cérebro (bulbo olfativo).

As fibras sintéticas são uma das formas mais comuns de microplástico. Elas são geradas, principalmente, nos processos de lavagem e degradação de tecidos sintéticos, como roupas de poliéster e poliamida — que são os polímeros mais comuns na Antártida.

Não há como saber exatamente de onde vieram os fragmentos encontrados no trato intestinal dos animais: se saíram da estação de pesquisa mais próxima ou viajaram milhares de quilômetros desde algum ponto distante do planeta, carregados por correntes oceânicas ou pelo vento. “É provável que estejam vindo tanto de atividades de turismo quanto de pesquisa na própria Antártida, porque muitas das bases não têm um sistema próprio para tratamento de efluentes”, avalia Silva. “Essa é uma

das origens possíveis, mas há trabalhos recentes que mostram que essas fibras podem ser carregadas por milhares de quilômetros na atmosfera”.

A baixa temperatura e a alta densidade das águas ao redor da Antártida criam uma espécie de barreira oceanográfica conhecida como Convergência Antártica, ou Frente Polar Antártica, que dificulta a entrada de organismos e detritos flutuantes de outras áreas do oceano, mas parece não ser muito efetiva contra os microdetritos (incluindo microplásticos) — que podem passar tanto por cima quanto por debaixo dessa barreira.

Considerando que a construção de estações de pesquisa na Antártida, e a produção global de plásticos, intensificou-se a partir da década de 1950, é provável que a contaminação do ambiente e da biodiversidade por microplásticos na região tenha começado bem antes de 1986, segundo os pesquisadores. A Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) do Brasil, que fica na Ilha do Rei George, ao largo da Península Antártica (dentro da área abrangida pela pesquisa), foi inaugurada em 1984. A base possui sistemas para reúso de água e tratamento de esgoto convencional, mas não existem tecnologias estabelecidas, ainda, para a filtragem de microplásticos e outros microdetritos.

Atualmente, há mais de 70 estações de pesquisa na Antártica, mantidas por mais de 50 países. A ocupação total varia entre mil pessoas, no inverno, e cinco mil pessoas, no verão. Apenas metade dessas estações, aproximadamente, possuem tratamento de esgoto, segundo um estudo publicado em setembro de 2024, por pesquisadores argentinos, na revista *Marine Pollution Bulletin*.

“Como profissionais que têm a sorte de trabalhar no campo da investigação polar, devemos humildemente considerar como a nossa própria pegada ecológica impacta o ecossistema antártico”, escrevem os pesquisadores brasileiros no estudo da *Environmental Science & Technology*.

Organismos são preservados em coleções

Todos os organismos analisados no estudo foram coletados abaixo de 200 m de profundidade (que é a definição técnica de “mar profundo”), no decorrer de oito expedições, realizadas entre 1986 e 2016, nos arredores da Península Antártica, todas foram financiadas pelo programa de pesquisa antártica do Brasil (Proantar) e dos Estados Unidos (Usap).

A pesquisa só pôde ser realizada porque esses organismos foram preservados em coleções biológicas, mantidas por instituições acadêmicas, incumbidas de resguardar não só a integridade física dos espécimes, como também as informações científicas associadas à ocorrência deles na natureza. Os espécimes coletados nas expedições americanas estão guardados na coleção de ciências marinhas da Universidade do Havaí, em Manoa, enquanto que os espécimes brasileiros fazem parte



Mônica Petti é curadora de uma coleção biológica

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

da Coleção Biológica Prof. Edmundo F. Nonato do Instituto Oceanográfico da USP (ColBIO).

Os pesquisadores destacam a importância dessas coleções e chamam atenção para a falta de recursos humanos e financeiros que muitas delas enfrentam atualmente. “Uma tendência preocupante é que, enquanto as publicações que usam coleções biológicas para ajudar a elucidar tendências temporais têm aumentado nas últimas três décadas, o suporte para a manutenção de tais coleções está enfrentando o financiamento decrescente. Portanto, nosso conjunto

de dados, além de constituir um testemunho da ampla escala de impactos antropogênicos em ecossistemas remotos, também demonstra o valor de arquivar e documentar amostras biológicas para a posteridade”, escrevem os cientistas, na conclusão do trabalho.

A ColBIO foi inaugurada em 2012 e preserva dezenas de milhares de organismos marinhos, coletados em centenas de expedições científicas realizadas por pesquisadores brasileiros ao longo das últimas seis décadas — incluindo todas as expedições do Proantar, que completou 40 anos em 2024.

“É uma responsabilidade muito grande você pensar em todos os esforços que diversas pessoas empreenderam para construir esse acervo e permitir que eu tivesse acesso a esse tipo de material, sem nem precisar ir até a Antártida”, pondera Silva — que nunca esteve no continente gelado. “Essas coleções têm um valor enorme e é muito importante reconhecer o esforço das pessoas que fazem a coleta e a curadoria desse material.” A curadora da ColBIO é a pesquisadora Mônica Petti, do IO-USP.

Além de Silva e Sumida, assinam o trabalho na *Environmental Science & Technology* outros seis pesquisadores vinculados ao Instituto de Química (IQ) da USP, ao Instituto de Biociências (IB) da USP, ao Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Departamento de Oceanografia da Universidade do Havaí em Manoa.

Foto: Weberson Leitão/Esporte de Patos

Foto: Eder Souza/Nacional de Patos



Esporte e Nacional voltam a duelar pelo Paraibano após cinco anos. Partida acontece, às 17h, no Estádio José Cavalcanti

CAMPEONATO PARAIBANO

Clássico patoense movimentará o Sertão

Última vez que os dois clubes da cidade de Patos se enfrentaram na elite estadual foi em 10 de fevereiro de 2019

Damrley Pascoal
damrleyp.c@gmail.com

Nacional e Esporte voltam a duelar pelo Campeonato Paraibano após cinco anos. As equipes fazem, hoje, o clássico patoense, às 17h, no Estádio José Cavalcanti, em Patos. A última vez que os dois clubes da cidade do Sertão da Paraíba se enfrentaram na elite estadual foi em 10 de fevereiro de 2019, em jogo válido pela quinta rodada da fase classificatória. Naquela oportunidade, o Canário venceu o Patinho por 2 a 1.

O clássico patoense, de acordo com o site Acervo do Futebol Paraibano, acontece desde 1965. Durante esse período, foram registradas pouco mais de 20 partidas oficiais. Os números são incertos porque houve épocas em que ambos interromperam suas ativi-

dades. Além disso, em muitos anos, os dois estiveram em divisões diferentes. Uma das maiores goleadas do confronto ocorreu em 1976, quando o Nacional venceu por 7 a 1.

No Paraibano de 2025, os dois times estão brigando por uma vaga no G4. A quarta rodada se iniciou com as equipes coladas na tabela de classificação. O Nacional é o quinto colocado, com quatro pontos, contabilizando uma derrota, um empate e uma vitória. Já o Esporte ocupa a sexta posição, com três pontos, tendo um triunfo e duas derrotas.

Ruthyanna Camila Medeiros da Silva é quem comanda o apito no clássico. Ela será auxiliada por Rafael Guedes de Lima e Arlindo Nascimento dos Santos Júnior. O quarto árbitro será Bruno Monteiro Cunha.

Auto Esporte pega o Sousa no Almeidão

O Macaco Autino e o Dinossauro se enfrentam no Estádio Almeidão, às 16h. O site ogol.com.br registra 35 jogos oficiais entre as duas equipes, com nove vitórias do Auto Esporte, 10 empates e 16 triunfos do Sousa. Em João Pessoa, foram disputados 17 jogos, com sete vitórias do Alvirrubro, seis empates e quatro triunfos do time do Sertão da Paraíba.

O Sousa busca a quarta vitória no Estadual. A equipe de Paulo Foiani iniciou a rodada dividindo a liderança com o Botafogo-PB. Nos seus três primeiros jogos, venceu a Picuiense por 2 a 0, o Serra Branca por 2 a 0 e o Esporte de Patos por 3 a 1. O

Dino tem a melhor defesa da competição, com apenas um gol sofrido. Além disso, chega embalado pela vitória por 2 a 1 contra o Altos-PI, na estreia na Copa do Nordeste.

Já o Auto Esporte ainda busca sua primeira vitória no Campeonato Paraibano. A equipe acumula dois empates, contra Treze e Campinense, e uma derrota, contra o Botafogo-PB, na última rodada, diante da Raposa, no Almeidão, o Macaco Autino deixou o triunfo escapar nos minutos finais. Agora, mais uma vez com o apoio de seu torcedor, o clube tenta conquistar os três pontos.

Romário Medeiros Soares de Souza apita a partida

entre Auto Esporte e Sousa. Os assistentes são Paccelli Thiago de Vasconcelos e Rogério Carlos da Silva. O quarto árbitro será Carlos Wesley Araujo da Silva.

Campinense x Picuiense

Campinense e Picuiense jogam no Estádio Amigão, às 16h. Debutante no Estadual, o Papagaio enfrenta a Raposa pela primeira vez, quando se consideram partidas oficiais. A agremiação da cidade de Picuí é uma das equipes que ainda não venceram após três rodadas, tendo somando seu primeiro ponto no jogo passado, diante do Nacional, ao empatar por 2 a 2, em Patos. An-

tes, o time acumulava duas derrotas.

O Campinense necessita da vitória para terminar a rodada no G4. O time somou quatro pontos após três partidas, nas quais teve uma vitória, uma derrota e um empate. Em 2025, a grande meta do clube de Campina Grande é conquistar uma vaga na Série D de 2026.

Arbitragem

Douglas Magno de Melo Pereira é o comandante do apito na partida entre a Raposa e o Papagaio. Adailton Anacleto Gomes e Paulo André Andrade Silva são os assistentes. O quarto árbitro é Gilberto Pereira de Sobral.

PAULISTA 2025

Jogo entre São Paulo e Corinthians é destaque da rodada

Da Redação

São Paulo e Corinthians jogam, hoje, pelo Campeonato Paulista. O confronto, destaque da rodada da competição, está marcado para as 18h30, no Estádio Morumbi, na capital paulista. Com 362 partidas disputadas, o histórico entre os clubes aponta uma vantagem alvinegra. O duelo atualmente conta com 133 vitórias do Timão, 116 empates e 113 triunfos do Tricolor.

O último confronto entre Corinthians e São Paulo ocorreu em 29 de setembro de 2024, pelo Brasileiro. Na ocasião, os comandados de Luis Zubeldía venceram por 3 a 1, em partida que aconteceu no Estádio Mané Garrincha, em Brasília (DF).

As 10 vitórias consecutivas do Corinthians e os 100% de aproveitamento até aqui no Campeona-

to Paulista não foram suficientes para contentar o comando técnico corinthiano. Após o triunfo da última quarta-feira (22), sobre o Água Santa, na Neo Química, o que ficou claro na entrevista coletiva foi que o time tem muito o que melhorar. Emiliano Díaz, auxiliar do técnico argentino Ramón Díaz, deu o tom do pensamento da comissão técnica sobre o trabalho que vem sendo feito neste início de temporada. "Ainda não fizemos uma avaliação. Isso acontece quando acaba o ano. Na verdade, nunca estamos contentes com o que estamos fazendo. Temos muito para melhorar e muita coisa para conquistar. Espero que Deus nos ajude para conseguir fazer o ano que esperamos. A exigência é alta, mas estou contente pelo grupo", afirmou o auxiliar.

Também presente na coletiva,

Ramón Díaz exaltou o aproveitamento da equipe no Estadual, mas fez um alerta em relação ao desempenho do fim do ano passado, que caracterizou a virada de chave do time. "Ganhar os três jogos no ano é importante porque dá confiança ao nosso trabalho. Mas o que fizemos no ano passado está esquecido. Para nós é importante que a equipe esteja em uma crescente para o restante da temporada. Com confiança", disse o treinador.

Campeonato Carioca

Hoje, pela quinta rodada do Campeonato Carioca, o Fluminense joga às 16h, contra o Madureira, no Estádio Kleber Andrade. No Nilton Santos, às 18h, o Botafogo enfrenta o Bangu. Às 21h, em São Januário, o Vasco recebe a Portuguesa-RJ.

Foto: Rubens Chiri/São Paulo FC



Último confronto entre Timão e Tricolor ocorreu em 29 de setembro de 2024

FUTEBOL FEMININO

CBF anuncia mudanças para 2025

Principal novidade no calendário é a criação da nova Copa do Brasil Feminina, com a participação de 64 equipes

A CBF promoveu uma reunião histórica com os representantes de todos os clubes das três competições nacionais femininas (Brasileirão A1, A2 e A3) e das Federações Estaduais. No encontro virtual de cerca de seis horas, o presidente Ednaldo Rodrigues debateu com os participantes todos os pontos do calendário de 2025. Ao fim, a CBF apresentou as novidades para o futebol feminino não só para o ano de 2025, mas para os próximos anos.

“A CBF reforça seu compromisso com o diálogo. Conversamos muito e encontramos o melhor modelo para o futebol feminino crescer ainda mais. O mais importante é que essa reunião gerou resultados significativos. Os Brasileiros A1 e A2 serão ampliados nas próximas temporadas. O A1 terá 20 clubes até 2027. Já o A2 estará completo com 20 equipes até 2028. Além disso, aumentamos consideravelmente o número de partidas ao longo do ano, crescemos as competições de base, além de criar nova Copa do Brasil Feminina, com 64 equipes”, afirmou o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues.

As principais novidades

Copa do Brasil Feminina

A CBF cria já para este ano de 2025 a Copa do Brasil Feminina, competição que contará com a participação de 64 equipes das três divisões do Campeonato Brasileiro Feminino.

■ Número de participantes: 64 clubes

■ Critério de participação:

- 16 clubes – Brasileiro Feminino A1 2025
- 16 clubes – Brasileiro Feminino A2 2025
- 32 clubes – Brasileiro Feminino A3 2025
- Total de datas: sete datas
- Total de jogos: 63 jogos

■ Formato de disputa:

- 1ª fase – 32 clubes – 16 grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ 32 clubes do Brasileiro Feminino A3
- 2ª fase – 32 clubes – 16 grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ 16 clubes da 1ª fase + 16 clubes do Brasileiro Feminino A2
- 3ª fase – 32 clubes – 16 grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ 16 clubes da 2ª fase + 16 clubes do Brasileiro Feminino A1
- 4ª fase – 16 clubes – oito grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ 16 clubes da 3ª fase
- 5ª fase (QF) – oito clubes – quatro grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ oito clubes da 4ª fase
- 6ª Fase (SF) – quatro clubes – dois grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ quatro clubes da 5ª fase
- 7ª Fase (F) – dois clubes – dois grupos de dois clubes – Jogo único
 - ◆ dois clubes da 6ª fase

Supercopa Feminina

Em 2025, a competição seguirá o mesmo formato do ano de 2024. Porém, com a criação da Copa do Brasil 2025, para o ano de 2026 a Supercopa passará a ser disputada, em jogo único, pelo campeão do Brasileiro Feminino A1 2025 versus o campeão da Copa do Brasil Feminina 2025.

Brasileiro Feminino A1

Para o ano de 2025, o Brasileiro A1 permanecerá com 16 clubes e terá uma ampliação progressiva para 20 clubes até 2027. A partir da edição deste ano, os dois últimos serão rebaixados para o A2 e os quatro primeiros do A2 vão subir para o A1. O mesmo acontecerá na temporada 2026, atingindo assim em 2027 o total de 20 clubes na principal divisão do futebol feminino.

Brasileiro Feminino A2

Em linha com o observado para o Brasileiro Feminino A1, o Brasileiro A2 também terá um crescimento gradual para 20 clubes até 2028. Para o ano de 2025, o Brasileiro A2 permanecerá com 16 clubes, onde os quatro primeiros ascenderão para a A1, e, ao fim da primeira fase, os dois clubes últimos colocados na classificação final da A2 disputarão a A3 de 2026. Foi confirmado também que, a partir de 2026, o Brasileiro Feminino A2 seguirá o mesmo modelo de disputa que o Brasileiro Feminino A1.

Brasileiro Feminino A3

A divisão de acesso ao futebol feminino nacional, já neste ano, contará com uma mudança em sua primeira fase, onde os 32 clubes passarão a ser distribuídos em oito grupos de quatro, e jogarão em turno único, aumentando assim a competição de 62 para 78 jogos. Para o ano de 2026, os jogos da primeira fase serão disputados em turno e retorno.



No encontro virtual de cerca de seis horas, o presidente Ednaldo Rodrigues debateu com os participantes todos os pontos do calendário de 2025

Presidente do Mixto-PB elogia calendário

Damrley Pascoal
damrleypc@gmail.com

Marconi Silva, presidente do Mixto-PB, elogiou o novo calendário do futebol feminino, anunciado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no dia 17 de janeiro. A principal novidade para 2025 é a volta da Copa do Brasil. Além disso, a Série A3 passará a ter fase de grupos, só depois seguindo para o mata-mata. O Tigre é a única equipe da Paraíba garantida nas duas competições. O VF4 teria direito a participar dos torneios, mas encerrou as atividades do futebol feminino no meio

de 2024, antes do início do Campeonato Paraibano.

“Esse novo calendário da CBF é muito importante para o crescimento do futebol feminino e para nós, principalmente porque já tínhamos a vaga no Campeonato Brasileiro e, agora, chega a Copa do Brasil, a qual só vem a valorizar ainda mais a modalidade. O nível da competição deve ser muito alto, será muito especial para o Mixto-PB jogar o torneio. Agora, é trabalhar e focar para fazer uma boa competição”, afirmou Marconi.

O dirigente também comentou o novo formato do Campeonato Brasileiro Sé-

rie A3. Em 2025, a primeira fase terá os 32 clubes distribuídos em oito grupos de quatro times, que jogarão em turno único, aumentando a competição de 62 para 78 jogos. Antes, todas as fases eram mata-mata, com partidas de ida e volta. As mudanças foram anunciadas pelo presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, em reunião com os representantes de todas as agremiações das três competições nacionais femininas.

“Isso era um sonho de todos os clubes, que a competição fosse disputada por chaves, porque valoriza mais o campeonato. O torneio é de tiro curto, sen-

do muito caro para nós do clube colocar as meninas em campo. Essa mudança foi de grande importância para alterar um pouco desse panorama. É parabenizar a CBF pela melhoria e evolução do futebol feminino, principalmente se tratando da Série A3”, ressaltou o presidente do clube.

O Mixto-PB é um clube paraibano de futebol amador que trabalha com categorias de base e futebol feminino, sediado na cidade de João Pessoa. Fundada em 2004, a equipe é a atual bi-campeã do Estadual Feminino e foi campeã paraibana sub-15 no masculino, em 2024.



O Tigre é a única equipe feminina da Paraíba garantida nas duas competições da Confederação Brasileira de Futebol

ENTREVISTA

Bebeto: Estêvão vai brilhar pelo Brasil

Ex-jogador brasileiro, que conquistou a Copa do Mundo de 1994, destaca o talento do atleta palmeirense para o futebol

Com apenas 17 anos, Estêvão Willian tem apenas um ano de experiência como jogador profissional de futebol em tempo integral. Mas seu tempo de jogo no Palmeiras o fez pular várias etapas em sua trajetória de desenvolvimento e cumprir seu papel como um dos principais prospectos nesse curto período.

Seu talento é reconhecido há muito tempo além das arquibancadas do time paulista, com o Chelsea aguardando ansiosamente sua chegada no segundo semestre deste ano, depois que o clube londrino garantiu sua assinatura em um acordo que pode valer até 61,5 milhões de euros.

Entre os mais recentes admiradores, está a lenda brasileira Bebeto, um dos heróis da seleção de 1994 que conquistou o quarto título da Copa do Mundo da Fifa para o país.

Em uma entrevista com a Fifa, o ícone brasileiro foi questionado sobre o que a Seleção poderia esperar de sua safra emergente de talentos ofensivos, especialmente a

abundância de jogadores de ponta surgindo. E, quando se tratava de Estêvão, o ex-atacante estava cheio de elogios.

“Como vocês sabem, o Brasil produz grandes jogadores repetidamente”, disse Bebeto. “Nasce um todo dia, é impressionante. Estou realmente confiante sobre Estêvão, que é um rapaz especial. Ele tem tudo o que é preciso para brilhar pelo Brasil”.

“É como quando Ronaldo era jovem. Quando ele estava conosco em 1994, comigo, Muller e Romário, que éramos os atacantes, foi uma grande curva de aprendizado para ele, e já podíamos dizer que ele era diferente. Estêvão também é diferente, você verá”.

Principal estrela do Palmeiras, vice-campeão do Brasileiro de 2024, Estêvão terminou o ano com o maior número de contribuições de gols na liga, tendo encontrado a rede 13 vezes e fornecido nove assistências em 31 partidas, o que lhe rendeu o prêmio de Jogador Revelação e um lugar no time da tempo-

rada. Mais impressionante ainda, o jovem de 17 anos só se estabeleceu no time principal no meio da campanha, em junho.

“É de cortar o coração perder o título, que era a coisa mais importante”, disse Estêvão depois que o Palmeiras ficou seis pontos atrás do campeão Botafogo. “Estou sempre buscando honrarias individuais também. Precisamos continuar; tem mais por vir no ano que vem. Aos 17 anos, estou vivenciando algo inesquecível para mim. Estou ficando cada vez mais maduro, então só tenho que ser grato”.

Suas atuações e maturidade lhe renderam sua primeira convocação para a Seleção para as partidas de setembro, contra Equador e Paraguai pelas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo Fifa 2026, antes de o técnico brasileiro Dorival Júnior chamá-lo novamente para as últimas partidas das Eliminatórias, em novembro do ano passado, contra Venezuela e Uruguai.



Foto: Divulgação/Palmeiras

Ainda no Palmeiras, Estêvão foi contratado pelo Chelsea, onde se apresenta no segundo semestre

“Estamos passando por um período de mudança e temos que ter paciência”

Em campo, o Brasil tem feito uma série de atuações inconsistentes. Com seis rodadas de qualificação restantes para jogar, a Seleção se encontra em quinto lugar com 18 pontos, sete atrás da líder Argentina.

Para Bebeto, a forma mista do time é natural, dado o atual período de transição,

mas ele acredita que a Seleção tem o ingrediente mais importante: as matérias-primas. “Temos grandes jogadores, como Vini Jr. e Rodrygo, dois jogadores que eu realmente gosto e tenho certeza que vão florescer com a Seleção nacional”, disse Bebeto. “Estamos passando por um período de mudança. Temos que

ter paciência. Podemos não estar bem na classificação, estamos em quinto, e isso não é legal, mas leva tempo. O técnico praticamente acabou de chegar, e Dorival é um ótimo técnico. Temos que ter paciência. O problema com os brasileiros, ou talvez com o mundo inteiro, é que eles querem tudo ali e na hora”, ressaltou.

Jogador tem sido escalado como ponta-direito no Palmeiras

No Palmeiras, Estêvão tem sido escalado principalmente como ponta-direito, não só pela sua velocidade e capacidade de escapar do lateral, mas também como uma espécie de medida de proteção concebida pelo técnico Abel Ferreira. Em áreas abertas, o prodígio franzino e esguio é submetido a menos *tackles*.

Agora, com os olhos firmemente voltados para o futuro, o virtuoso acredita que deve avançar para o meio-campo para ter mais liberdade para mostrar seu talento criativo e realizar ataques.

“Comecei a jogar como ponta no final dos meus dias de Academia, para evitar tanto contato físico e me dar

mais 1x1s”, disse Estêvão. “Foi assim que ganhei meu lugar no Palmeiras, onde há muita competição por lugares no meio do campo, mas, na verdade, sou mais um meio-campista. É onde estou no meu elemento. Em alguns anos, gostaria de voltar a jogar na minha posição original”.

Estêvão completará 18

anos no dia 24 de abril e ficará no Palmeiras até depois do Mundial de Clubes da Fifa 2025, onde o gigante brasileiro enfrentará Al Ahly, Inter Miami e Porto no Grupo A. Após o torneio, ele se juntará ao Chelsea, que também participará da competição nos EUA e enfrentará Flamengo, Espérance e Club León na fase

de grupos.

Embora Bebeto entenda que o clube inglês foi o que mais ofereceu e esteja ciente da realidade do mercado brasileiro, em que jovens talentos acabam indo embora cedo para a Europa, ele teria preferido um destino diferente para Estêvão.

“Eu adoraria que ele tivesse ido para a Espanha,

porque o futebol espanhol é todo sobre técnica e velocidade, que é o jogo dele”, disse o ex-atacante do Deportivo La Coruña e do Sevilla. “Ele vai para a Inglaterra, para o Chelsea, e, embora essa também seja uma ótima liga, a La Liga seria melhor para Estêvão. Seria melhor para ele. Mas vamos torcer para que tudo dê certo”.



Foto: Divulgação/Fifa

Estêvão completará 18 anos no dia 24 de abril e ficará no Palmeiras até depois do Mundial de Clubes da Fifa 2025, onde o gigante brasileiro enfrentará Al Ahly, Inter Miami e Porto, no Grupo A

JIU-JÍTSU

Paraibana vai estreiar em nova categoria

Atleta Rayra Mendes participará do Pan-Americano de 2025, que será realizado em março, na Flórida, nos EUA

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A atleta pessoense Rayra Mendes está se preparando para dar o pontapé inicial em uma nova fase em sua trajetória esportiva. Aos 15 anos, a jiu-jiteira fará sua estreia internacional na categoria Juvenil no Pan-Americano de Jiu-Jitsu IBJJF de 2025, que será realizado entre os dias 18 e 23 de março, na Silver Spurs Arena, em Kissimmee, na Flórida, em solo estadunidense.

Apesar da pouca idade, Rayra já acumula diversas experiências nos tatames do Brasil e do mundo afora. Em julho do ano passado, por exemplo, ela conquistou, em São Paulo, o pentacampeonato brasileiro da categoria Kids, competição que engloba atletas de quatro a 15 anos de idade, da qual voltou, também, como a paraibana com mais títulos brasileiros.

A jovem é treinada, desde seus quatro anos de idade, pelo professor e pai Valdênio Mendes. Ele explica como tem sido a rotina de treinamentos e a importância dos investimentos estaduais no esporte pelos quais a filha tem sido beneficiada.

“A gente começou a preparação dela, para essa competição, em novembro, porque foi quando a gente decidiu que teria condições de ir. Como ela recebe a Bolsa Esporte do Governo do Estado — ela recebeu todas as edições da Bolsa do Governo do Estado —, ajudou bastante para isso. Então, a gente vem sempre separando alguma coisa, juntando, como eu sou o professor dela também, a gente vem tirando algum dinheiro das academias, eu sou funcionário público também, venho tirando também dinheiro do salário para poder fazer essa viagem. Então, a preparação vem sendo feita todos os dias até a data do evento, que acontece em março”, diz ele.

“

Como ela recebe Bolsa Esporte do Governo do Estado — ela recebeu todas as edições —, ajudou bastante para isso

Valdênio Mendes

A relação entre a paraibana e o jiu-jitsu ultrapassa os limites do âmbito esportivo, tornando-se algo intrínseco ao seu ser. Segundo Valdênio, tudo isso converge para que ela chegue às competições bem preparada física, técnica e mentalmente.

“Ela iniciou a trajetória dentro do jiu-jitsu desde os quatro anos, tentou fazer balé, tentou fazer natação, mas não deu certo, então foi para o jiu-jitsu, treina até hoje; quando passa um dia, uma semana sem treinar, fica com raiva, fica nervosa. Então, o jiu-jitsu nas nossas vidas é um instrumento para trazer hierarquia, disciplina, respeito dentro da sociedade, dentro do nosso convívio. Ela está muito empolgada, a gente está trabalhando ela mentalmente muito bem para isso, apesar da pouca idade, ela já é, vou dizer assim, muito rodada dentro do jiu-jitsu e, quando ainda estava na categoria Kids, já estava lutando nas categorias com adultos, em nível regional, isso só mostra o potencial que ela tem”, afirma o treinador.

A mudança de categoria traz também novos desafios, que poderão ser superados mediante a preparação diária e ajustes necessários, defende o técnico. “Têm sido boas as conversas, porque a gente



Foto: Arquivo Pessoal

Apesar da pouca idade, Rayra já acumula diversas experiências nos tatames do Brasil e do mundo. Em julho do ano passado, por exemplo, ela conquistou, em São Paulo, o pentacampeonato brasileiro da categoria Kids

convive diuturnamente conversando muito, pois, quando entra na Juvenil, existem técnicas que não podiam ser usadas na categoria Kids e que passam a ser usadas. Então, a gente está começando a implementar, a trabalhar essas técnicas para colocar dentro do jogo dela, do caminho que ela traça do início até o fim da luta. São muitas con-

versas e muito treino em relação a isso”, explica.

Mesmo ainda não tendo entrado no tatame, Rayra terá pela frente, neste ano, um calendário recheado de competições importantes, tanto internacionais como nacionais.

“Este ano será bastante corrido, porque ela está estreando nessa categoria em

várias competições. Ainda tem um mundial que vai acontecer em Los Angeles, também nos Estados Unidos, no mês de maio, e a gente já está buscando as formas para ela também participar desse mundial, em relação às passagens, em relação à hospedagem, porque a gente já fez muita coisa para ir para esse Pan Americano, já esta-

mos com passagens compradas, já estamos com inscrição feita e, quando a gente pensa que tudo isso é feito em dólar, a gente sente uma grande dificuldade. O próximo objetivo dela é o Brasileiro de Jiu-jitsu que acontece agora em abril e, no mês seguinte, o mundial que acontece nos Estados Unidos, no mês de maio”, enumera Valdênio.

EM CAMPINA GRANDE

Fórum de Formação Esportiva acontece na próxima quarta-feira

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Os amantes do esporte têm um encontro marcado na próxima quarta-feira (29), em Campina Grande, onde acontece o Fórum Estadual de Formação Esportiva.

O evento, que é promovido pela Confederação Brasileira de Clubes (CBC) em parceria com o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel), será realizado no auditório do Garden Hotel.

O início da programação está previsto para as 9h30 e deve se estender até as 16h30, contando com um intervalo para o almoço. Com o tema “Universalizar a Formação Esportiva no País por Meio do Programa de Formação de Atletas como apoio dos Municípios e Estados”, são esperadas mais de 700 pessoas ligadas ao esporte, como gestores, presidentes e representantes de federações esportivas e paradesportivas, além de desportistas em geral, como atletas e técnicos de diversas modalidades.

Três medalhistas olímpicos ministrarão palestras no evento na Rainha da Borborema: André Heller (ouro em Atenas 2004 e prata em Pequim 2008 pela Seleção Brasileira de Vôlei), Lars Graef (bronze em Seul 88 e Atlanta 96, na modalidade de vela) e Magic Paula (prata em Atlanta 96, pela Seleção Brasileira de Basquete). Além deles, o gerente de Esportes de Relações Institucionais do CBC, Emerson Appel, também fará uma exposição seguindo o tema proposto para o fórum.

Evento

São esperadas mais de 700 pessoas ligadas ao esporte, como gestores, presidentes e representantes de federações esportivas e paradesportivas, além de desportistas em geral

Conforme explicita o Comitê Brasileiro de Clube em seu site (<https://www.cbclubes.org.br/>), o objetivo dos Fóruns Estaduais é “levar para todas as regiões do Brasil informações do Programa de Formação de Atletas do CBC, mostrando a importância do Comitê Brasileiro de Clubes e da Rede Nacional de Clubes Formadores na formação de atletas em nosso país. Além disso, proporcionar para que outros clubes, associações ou institutos possam se integrar ao programa e, assim,

receber os benefícios, em um primeiro momento, de passagens aéreas para participação com atletas e membros de comissão técnica em Campeonatos Brasileiros Interclubes (CBI)”.
De acordo com o calendário dos fóruns programados para 2025, a Paraíba será a primeira sede neste ano. Em seguida, em fevereiro, será a vez de Sergipe; Alagoas, em abril; Rio de Janeiro, em maio; Santa Catarina sediará em junho, Roraima, em julho; e o Amapá, em agosto.



Imagens: Reprodução/Museo del Prado

GULA

Do pecado ao transtorno

No Dia da Gula, fizemos uma análise do comportamento pelo ponto de vista social, psicológico, histórico e religioso

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O monge Evágrio Pôntico (346 d.C.-399 d.C.) chamava a gula de gastrimargia e a considerava como a origem das paixões. “Assim como a lenha é alimento do fogo, a comida é o alimento do estômago. Muita lenha proporciona uma grande chama e a abundância da comida nutre a concupiscência”, escreveu o asceta cristão. Ao propor a prudência em relação ao modo de comer, o religioso pretendia disciplinar espiritualmente a prática da contemplação. Evitar os excessos alimentares passou a ser visto como caminho para alcançar a elevação da alma, e a gula foi incorporada, no início da Idade Média, à lista dos chamados pecados capitais, isto é, dos pecados capazes de dar origem a outros. Ao longo do tempo, o mau hábito (ou vício) passou de pecado a transtorno obsessivo-compulsivo e ganhou até dia no calendário: 26 de janeiro.

Para a Igreja Católica, o pecado da gula significa comer ou beber a ponto de ficar doente ou alterado fisicamente, como ficar bêbado ou com dor de barriga. O papa Francisco, em uma de suas catequeses, traduziu o termo gastrimargia como a “loucura do ventre” e associou a gula a um relacionamento desordenado com a comida, como quando uma pessoa come apressadamente, com vontade de se saciar, mas nunca se sacia. Ele lembrou-se ainda de outros distúrbios alimentares, como anorexia, bulimia e obesidade.

A psicóloga clínica paraibana Lívia Rodrigues, especialista em terapia alimentar, esclarece que a gula nada mais é do que um comportamento impulsivo e compulsivo por comer. “É aquele comportamento desenfreado frente à comida, a ponto de o indivíduo não distinguir os sinais de fome e saciedade”, traduz. Foi a demanda crescente de famílias que se queixavam de que as crianças não comiam que despertou o interesse da profissio-

nal em compreender as diferentes causas que podem impactar e influenciar os hábitos alimentares desde a infância.

Lívia Rodrigues explica que o desejo de comer deve ser entendido como uma necessidade de sobrevivência humana, mas que, além dos fatores fisiológicos, envolve também dimensões sociais e culturais. A gula surge quando não se compreende a completude do ato de comer, e traços ou ambientes ansiogênicos acabam por gerar comportamentos impulsivos na realização dessa tarefa elementar. Ela alerta que transtornos psiquiátricos, como impulsividade, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ou problemas neurológicos e doenças orgânicas, podem também contribuir para esse comportamento disfuncional. “A gula pode ser evitada psicoeducando sobre o comer, sobre respeitar os sinais de saciedade e desenvolver uma autorregulação emocional, de modo a compreender que não é comendo ou comendo muito que vai passar a raiva ou a tristeza, por exemplo. Quando isso acontece, a melhor forma de tratar é com a psicoterapia, muitas vezes associada ao tratamento medicamentoso”, recomenda a psicóloga.

A terapeuta lembra que, ao longo do tempo, a sociedade passou por várias mudanças em relação à alimentação e uma delas tem origem na industrialização e repercutiu ainda hoje na geração de maus hábitos do ato de comer. “A chegada dos embalados e dos *fast-foods* tem contribuído de forma negativa para pessoas mais compulsivas na alimentação, pois já se sabe o quanto o açúcar e os alimentos industrializados são mais palatáveis e, conseqüentemente, mais viciantes”, argumenta. Lívia Rodrigues lembra ainda que os padrões de beleza e a busca pelo corpo perfeito, quase sempre associados à magreza, podem gerar comportamentos compulsivos e ansiedade quanto à alimentação.

Comedores Compulsivos Anônimos

Os Comedores Compulsivos Anônimos (CCA) organizam-se em grupos por todo o Brasil para dar suporte a quem deseja abster-se dos comportamentos alimentares compulsivos. Seguindo dinâmicas semelhantes às dos Alcoólicos Anônimos (AA), os participantes compartilham experiências em reuniões e se apoiam mutuamente na prática de instrumentos de recuperação, tais como o plano alimentar, a leitura de livros e folhetos informativos e o cumprimento de 12 passos, prescritos pela organização.

A carioca Fernanda (nome fictício), 52 anos, recorda que, ainda jovem, quando par-

ticipou do grupo do CCA pela primeira vez, achava os participantes muito malucos, que não seguiam as recomendações. Interpretou o lema do grupo — “Só por hoje” — ao contrário: dizia que só comeria um pouquinho a mais naquele dia e que, no dia seguinte, pararia, mas nunca parava. A maior dificuldade era admitir a compulsão. Deixou o grupo e só retornou 20 anos depois, quando conseguiu parar de vez o consumo do açúcar, que ela chama de seu maior mortífero, isto é, o alimento que desperta a compulsão alimentar.

“Mesmo assim, eu não consegui emagrecer, porque não fazia nada que o programa indicava. Mas consegui a serenidade para tomar a decisão de fazer a cirurgia bariátrica. Essa foi uma decisão minha, pois o CCA não endossa ou indica nenhum tipo de tratamento”, relata. Após eliminar 30 kg, achou que estava curada e deixou novamente o grupo. Em pouco tempo, passou a ganhar peso. Foi então que entendeu a importância de participar das reuniões.

Foi no grupo do CCA do bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, do qual participa, que Fernanda aprendeu também a lidar com a culpa e o preconceito. “As pessoas diziam que eu não tinha vergonha na cara, que não tinha força de vontade, que era esganada, fofinha e gulosa. No CCA, encontrei pessoas como eu, que jogam na comida suas frustrações, tristezas, raivas e alegrias, e me senti acolhida porque, mesmo quem nunca fez o que eu fiz, tem o mesmo sentimento em relação à comida. Lá não há julgamento, só acolhimento e apoio”, destaca. Ela lista alguns dos comportamentos compulsivos que já teve, a exemplo de provocar vômito para voltar a comer, comer um pote de sorvete sozinha e até esconder a comida da família para não ter que dividir. Dos companheiros do grupo, já ouviu histórias de quem come o que cai no chão, ingere comida vencida ou do lixo e até rouba para comer ou trapaceia para ficar com o maior pedaço.

“Todos os dias, eu tenho vontade de repetir o prato, de comer um docinho, de me alimentar do que não devo, de chutar o pau da barraca. E todos os dias, eu digo: ‘Só por hoje, não!’. É como a mãe que fala para o filho que pede o brinquedo: ‘Amanhã eu como!’. E, no dia seguinte, graças a Deus e ao CCA, eu começo tudo de novo, porque aprendi que sou capaz de fazer por 24 horas o que eu não faria por uma vida inteira”, confessa Fernanda.

Detalhe da representação da gula na obra “Os sete pecados capitais e as Quatro Últimas Coisas”, arte sacra pintada pelo artista holandês Hieronymus Bosch, entre 1505 e 1510: um homem bebe vinho e outro come avidamente, sem atender ao apelo do filho, enquanto a esposa relutantemente traz um peru

Os primeiros grupos de CCA no Brasil datam de 1987. Na capital paraibana, já chegou a existir um CCA, mas, atualmente, o único grupo ligado à organização no Nordeste que se reúne presencialmente está localizado em Recife, Pernambuco. Apesar disso, é possível participar das reuniões on-line realizadas em aplicativos como Zoom ou WhatsApp. Os endereços e horários podem ser encontrados no perfil oficial do CCA no Instagram (@comedores_compulsivos_brasil).

História da gula

Segundo o historiador francês Florent Quellier, a gula precisa ser entendida para além de sua matriz religiosa. Recorrendo a fontes da Filosofia, do Renascimento e das artes, o autor aborda, no livro *Gula: história de um pecado capital*, as origens e transformações do vício que se tornou, na sociedade moderna, um crime nutricional. Mas nem tudo são condenações. Quellier recupera, por exemplo, o pensamento utópico da Cocanha, terra mágica de fartura, ociosidade, juventude e liberdade, que marcou o imaginário de muitos povos e exaltava a satisfação dos desejos corporais, invertendo as restrições impostas pelo cristianismo.

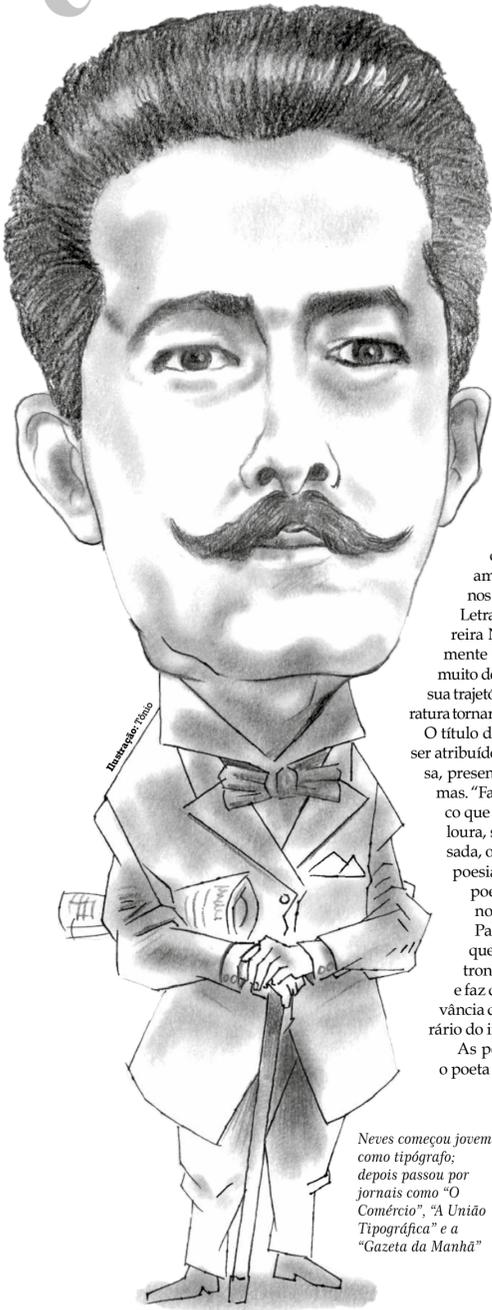
O historiador argumenta que, mesmo com prescrições contrárias ao pecado da gula, o catolicismo sempre foi receptivo à boa comida, ao contrário dos reformadores protestantes, que propuseram um jejum mais severo e baseado numa ética utilitária do trabalho. Com isso, Quellier postula que a influência religiosa nos hábitos alimentares traduziu-se, ao longo da história, em uma pedagogia do corpo, que ensinava os indivíduos a se comportar e dominar os instintos na hora das refeições. Esse modo viria a tornar-se, a partir do século 17, sinônimo de distinção social, moldando a ideia do glutão, um ser doentio, vil e anormal, em oposição ao *gourmet*, alguém de boa educação e de excelentes costumes à mesa.

Ao aproximar o universo da alimentação às práticas médicas e ao discurso da saúde, Quellier sugere que o pecado da gula foi secularizado e passou a ser visto como um “mal” social. As regras e padrões sobre a arte alimentar impostos pela pedagogia e pela medicina do século 19, por meio de almanaques, sermões, na verdade, uma espécie de “catecismo da alimentação”, que faziam do guloso um criminoso nutricional.

Imagem: Reprodução/Directmedia



Obra “Terra da Cocanha” (1567), pintada pelo holandês Pieter Bruegel, o Velho



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Poucos dias depois da Festa das Neves de 1875, mais precisamente em 14 de agosto, nascia, na então Cidade da Paraíba, capital da província (atual João Pessoa), aquele que ficou conhecido como o poeta amargurado e um dos patronos da Academia Paraibana de Letras (APL): Theodomiro Ferreira Neves Júnior, ou simplesmente Neves Júnior. Apesar de muito de sua obra ter se perdido, a sua trajetória no jornalismo e na literatura tornaram a sua memória imortal. O título de “amargurado” costuma ser atribuído a uma desilusão amorosa, presente também em seus poemas. “Fala-se de um amor platônico que ele sentia por uma jovem loura, sua grande paixão fracassada, o que se faz sentir em suas poesias”, relatou o advogado e poeta Boisbaudran Imperiano, membro da Academia Paraibana de Poesia (APP) que ocupa a cadeira cujo patrono também é Neves Júnior, e faz questão de destacar a relevância do seu tutor no campo literário do início do século 20.

As poucas informações sobre o poeta que chegaram até nós são de Álvaro de Carvalho, seu amigo e um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras, onde ocupou a cadeira 23, dedicada a Neves Júnior. Álvaro conta que o

Neves começou jovem como tipógrafo; depois passou por jornais como “O Comércio”, “A União Tipográfica” e a “Gazeta da Manhã”

Neves Júnior

“O poeta (amargurado) que a Paraíba esqueceu”

conheceu em 1903, quando recebeu, por meio do próprio, o convite feito por Artur Aquiles para gerir o jornal *O Comércio*. “Neves Júnior, a esse tempo, já tinha enveredado pelo magistério particular e dava aulas na sala da modesta casa, situada à Rua 13 de Maio, onde residia com sua família; casa antiga, de postigos gradeados. Os dias, passava-os entregue aos trabalhos escolares e, às noites, desidia para cavaquear na redação de *O Comércio*, com Artur, Coriolano de Medeiros, Oscar Soares e Antônio Pereira, que eram redatores, os primeiros, e o último, íntimo amigo de Artur e frequentador assíduo do jornal”, relatou o acadêmico.

Cabe esclarecer, no entanto, que aquela não era a primeira experiência de Neves Júnior na imprensa. Segundo Álvaro, começou ainda jovem no ramo como tipógrafo, aprendendo, tanto a compor como a redigir. Também chegou a matricular-se na Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco, mas desistiu do bacharelado e retornou à sua terra, onde dedicou-se às aulas particulares. Chegou, inclusive, a fundar, em 1905, com Ascendino Cunha, o Instituto Maciel Pinheiro, um externato que ficava localizado à Rua Barão de Triunfo, mas que, “depois de dois anos de esplendor, fracassou com a concorrência do Pio X, equiparado ao Colégio Pedro II”. Apesar de não gostar da vida comercial, o jeito foi buscar uma vaga como empregado de escritório.

A passagem de Neves Júnior pelo jornalismo não foi tão tranquila como aparenta. Apesar de escrever pouco, razão pela qual Álvaro afirma que “não era propriamente jornalista”, seus artigos mostravam um homem preocupado com ideias mais gerais, sociológicas, políticas e literárias. “Neves Júnior falava pouco; mas era discursivo pertinaz e, por vezes, arrebatado, dentro das normas de polidez, que lhe eram naturais. Era socialista, com tendências anárqui-

cas; tudo, porém, em pleno domínio do espírito, longe de sociedades operárias ou ajuntamentos que lhe contrariassem o natural retraimento ou lhes ferissem os apurados sentimentos estéticos. Era socialista a Antero de Quental, a Emílio Zola e a Tolstói, escritores dos quais nunca se apartava”, escreveu Álvaro de Carvalho. O acadêmico destaca que a aspiração do poeta-jornalista era ver uma humanidade melhor, redimida da condição de vaidade e miséria, tarefa que acreditava ser alcançada pela educação e pelo trabalho social, científico e industrialmente organizado.

Essas convicções mostram-se durante um protesto dos profissionais de imprensa contra o empastelamento dos jornais *O Comércio* e *O Combate*, ocorrido na madrugada de 26 de julho de 1904. Ao marcharem para o palácio do governo, manifestando-se contra “aquele atentado à liberdade de pensamento e de crítica, cometido à sombra do poder público”, os jornalistas encontraram a guarda de espadas desembainhadas e um piquete de cavalaria, que dispersaram a multidão. “A mocidade reagiu como pôde. Enquanto se trocavam tiros, Neves Júnior, desarmado, discutia com um dos redatores do jornal oficial, profligando a situação, por aquele ato de ‘covardia’ e ‘abuso de força’. Em dado momento, o moço arrebatado, com quem discutia, puxou de um revólver e gritou, para o major Vitorino, que estava sendo agredido. — Não seja covarde, Sr. Doutor!, exclamou Neves, com sua voz ligeiramente anasalada. Se alguém está sendo agredido sou eu! Guarde o seu revólver!”, relatou Álvaro.

Da passagem pela imprensa, Neves Júnior recolheu alguns de seus poemas, inclusive os primeiros, publicados em *A União Tipográfica* e na *Gazeta da Manhã*, em um único livro que conseguiu lançar, *Arestas*, um pequeno volume de cerca de 90 páginas, impresso pela editora

H. Garnier. Álvaro de Carvalho dedicava a analisar alguns dos versos do poeta, colhidos do exemplar que o próprio Neves Júnior lhe entregou e do qual fez desaparecer algumas páginas, colando-as, deixando quase somente a metade, pois nunca estava satisfeito com o que escrevia.

“O poeta de Neves Júnior não trai exuberância de imaginação nem temperamento apaixonado. Sua musa não busca a popularidade, a que ele era avesso, por temperamento. Expressa sempre uma poesia íntima, comedida, desalentada, quase sempre triste e, por vezes, suavemente irônica, lembrando influências de Heine e de Antero de Quental. Fala de amor, revela, a meio, umas coisas íntimas, mostra inclinações sentimentais discretas. Nunca, porém, é comum em coisas de sentimento ou faz dos assuntos que aflora revelações sentimentais egóticas, como era moda entre os jovens poetas de seu tempo. Era contemplativo em matéria de amor. Amava mais com os olhos do que com o coração, admirando, entre abstraita e enleado, as perfeições plásticas das criaturas que o atraíam”, descreve Álvaro.

No poema *Harmonias Perdidas*, é possível perceber o poeta perdidamente apaixonado: “Mulheres encontrei-as, várias no meu caminho, / Parecendo quererem alentar-me e seguir: / Mas logo outro bus-

cavam — volúveis passarinhos / Que entre o luxo pudessem trazê-las sempre a rir. // Havia uma que de tal maneira me encantava, / Que me enchera de tanta incontinida ternura, / Que eu comigo dizia: Eis enfim, encontrara / O que buscava em vão — toda a minha ventura”.

Já em *Funda Mudez*, predominam temas como tristeza e morte, em versos de rimas precisas: “Aqui, no vácuo deste campo aberto / Semelha a noite um maldadado porto, / Em que tudo parece envolto e incerto, / Nas cores funerais de um mundo morto”.

A explicação de Álvaro de Carvalho para o amor fracassado, cristalizado em Neves Júnior e na delicadeza de seus versos está nas profissões que assumiu — de poeta, jornalista e professor particular — que, em sua opinião, era “refúgio precário, mas livre, dos intelectuais que, por temperamento, ou por princípios, evitavam os empregos públicos, quase sempre atreitos à servidão polícia”. Carvalho argumenta que, “versos, artigos de imprensa e magistério particular, não eram, na Paraíba de então, lastro econômico para a posse das deidades, quase sempre disputadas por moços casamenteiros”.

Insulto congestivo

Em seu artigo biográfico, Álvaro de Carvalho relata que Neves partiu para

tentar a vida no Rio de Janeiro, em agosto de 1913, dedicando-se ao magistério e à indústria química, e de lá só voltou no fim da vida. Recusou até mesmo um convite do então presidente da província, Solon de Lucena, feito em 1920. Longe de sua terra, o retraimento característico da personalidade do poeta só se aprofundava, a ponto de Álvaro ter que se empenhar para vê-lo quando de sua estadia na então capital federal. Relata o amigo que, entre 1927 e 1929, tornaram-se companheiros frequentes de passeios noturnos.

“Em 1935, fui encontrá-lo, congestionado, em uma casa de saúde, na capital federal. Estivera, conforme me disse o médico, em estado de coma, entre a vida e a morte. (...) E qual foi minha surpresa ao ouvir de sua boca, a muito custoso, como num grito encontrado, em voz quase inarticulada, a longa exclamação: Alva... ro de... Car... va... lho! Julguei-o definitivamente perdido. (...) Ao voltar a vê-lo, no dia seguinte, vi-o sentar-se na cama, com esforço e falar-me com algum desembaraço. No quinto dia conversou, por algum tempo, falando com equilíbrio e contando-me a história do insulto congestivo”, narrou o companheiro.

Neves Júnior retornou à Paraíba em 1937, com a família do jornalista político Agripino Narazeth, que assumiu seus cuidados e o tratava com carinho

e dedicação na fase derradeira da vida. Depois retornou, com a família amiga, para Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, onde veio a falecer no dia 30 de dezembro de 1940.

Neves Júnior poderia ser chamado de o homem da desilusão e não somente pela sua poesia, marcada pelo desencanto do amor não correspondido da pessoa amada. Desiluiu-se também com o Jornalismo e com o Direito, com o magistério, missão-ofício que não lhe deu o retorno esperado, com o comércio, atividade que não gostava, mas da qual guardava ao menos lucrar com seus investimentos, e até mesmo de seus escritos, que considerava imperfeitos.

Como parece ter sido sua vida, também foi sua morte, cuja cena final, descrita por Agripino Narazeth em carta enviada a Álvaro de Carvalho comunicando seu falecimento, assim conclui: “Como viveu, os últimos anos, afastado de tudo e de todos, lembrando com saudade apenas a ti e a uma irmã, não comuniquei o ocorrido senão a um neto do Artur, o qual pela incerteza da hora do enterro, não compareceu. Conduzi-o ao cemitério com dois cunhados meus e um operário da construção civil que, para isso, afastei do trabalho. E lá ficou, numa suave eminência, entre árvores sobre o mar, o poeta que a Paraíba esqueceu, sem que, no entanto, ele a esquecesse”.

Angélica Lúcio

Leitura ampla e crítica é o primeiro passo para uma boa redação

No livro *Jornalismo Online*, Mike Ward afirma que o passo inicial para ter uma boa redação é uma leitura ampla e crítica. O autor defende que o jornalista leia vários jornais diferentes, bem como textos de colunistas com estilos e opiniões diversas. Ao fazer isso, defende o escritor, você terá “um olhar aguçado, entendimento rápido e intelecto afiado, associados a uma clara compreensão e respeito pelo poder da linguagem simples”.

Mais à frente, ele relembra algo básico, mas muitas vezes ignorado por muita gente: escreva na ordem direta. Do jeito que você aprendeu com sua professora de português: sujeito + verbo + complemento(s).

Em seu livro, ele também cita uma frase genial do jornalista Harold Evans sobre como escrever bem: “nada redija tanto um bom texto como a economia intensa”. Segundo Ward, há três razões para que a frase de Evans seja um exemplo de boa escrita, e eu as cito, a seguir, na íntegra:

1. A ideia que ela comunica é clara e apropriada;
2. A linguagem usada é simples e direta. Porém, dentro dessa frase curta, Evans



Keith Waterhouse (1929-2009): “Toda palavra que é assentada por escrito tem algo a dizer”

incluiu a justaposição de dois termos aparentemente opostos, em intensa e economia. O efeito é, ao mesmo tempo, atrativo e provocativo;

3. Coloca as duas qualidades juntas, a simplicidade direta da mensagem e da linguagem, com a arrasadora expressão no

final, e a frase — e é aí que está a beleza disso — faz exatamente o que diz.

Ao propor regras de como escrever melhor, Mike Ward ainda recorre ao jornalista e escritor de várias séries de TV, Keith Waterhouse, para quem “toda palavra que é assentada por escrito tem

algo a dizer”. Então, não despeje em seu texto palavras desnecessárias. Escreva menos com mais. Redija de forma simples e precisa.

Conforme as orientações de Ward, não use mais palavras do que o necessário; evite palavras extensas se houver alternativas mais curtas disponíveis; evite palavras com significado complexo e adote alternativas mais simples, caso haja; use palavras em sentido concreto, não em sentido abstrato, sempre que possível; seja específico em vez de utilizar generalizações; dê às palavras o seu significado correto.

Além disso, os jornalistas devem evitar o uso excessivo de adjetivos, advérbios e clichês. Também é interessante fugir de redundâncias, como “consenso geral”, “acordo mútuo”, “fenômeno estranho”, “continua a persistir”.

Todas as dicas que eu trouxe neste texto foram propostas por Mike Ward para o jornalismo on-line, mas podem ser adotadas para o rádio, a TV e para as publicações impressas. Escrever bem é processo; exige leitura, reescrita e revisão. Pense nisso quando for redigir suas próximas linhas.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — XXI A saga dos Gonzaga — parte 4 (conclusão)

Logo que regressou ao Rio de Janeiro, Gonzaga, durante um show, conheceu a professora pernambucana Helena Cavalcanti, e entabularam um namoro sério. Como ele precisava de uma secretária para cuidar de sua agenda e do já crescente patrimônio financeiro, e como ela era solteira e vivia com os pais, acordaram uma espécie de casamento de conveniência que duraria cerca de quatro décadas, portanto, até o fim da vida dele. Como ela não conseguia engravidar, o que foi constatado por comprovada infertilidade dele, o casal adotou uma menina a quem batizaram com o nome de Rosa Cavalcanti Gonzaga do Nascimento.

Em 1947, já casado com Helena, Luiz Gonzaga recebeu a notícia da morte por tuberculose de sua primeira companheira Léia. Por essa época, ele propôs a Helena levar o garoto Luizinho para morar com eles, mas a ideia foi logo posta de lado, em vista de ela não aceitar nenhuma ligação com o passado dele. A criação do garoto foi então confiada aos seus padrinhos, Dina (Alexandrina) e Xavier (Henrique Xavier Pinheiro) que o criaram junto a outros seus filhos, no Morro de São Carlos (RJ). Lá, o casal recebia de Luiz Gonzaga a ajuda financeira necessária ao sustento da criança. Foi Xavier quem iniciou o menino adotado no manejo do violão. Gonzaguinha, assim, foi criado, vivendo a duvidade de “dois pais”, embora não conhecesse o verdadeiro.

Com o passar dos anos, Gonzaguinha foi se distanciando de Gonzagão, certamente magoado por não o ter sido criado como filho legítimo e, por isso mesmo, já não o considerando pai... Este, então, foi se afastando daquele, uma vez que as raras visitas sempre terminavam em desavenças. A pressão para que as visitas cessassem partiam também de Helena, que ameaçava deixá-lo se assim fosse necessário. Gonzagão sentia uma pressão cada vez maior para se afastar de



Cantor e compositor Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, o Gonzaguinha, em 1989

Luizinho, como ele o chamava, pois sempre alimentava a ideia de que ninguém soubesse que “o filho não era seu”. Sempre o amava, como se filho legítimo fosse...

Luizinho foi assim criado num ambiente de desconfinança e, algumas vezes, até de hostilidade, o que o levou a revoltar-se ainda mais a ponto de evitar falar com o “pai”... Talvez por “herança” da mãe, o garoto, aos quatorze anos, apanhou uma tuberculose que quase o levou a óbito. Forçado pelas circunstâncias, houve um acordo e uma reaproximação dos dois, “pai titular” e filho. O pai, mesmo de maneira forçada, levou o filho a morar consi-

go, aos 16 anos, na Ilha do Governador, uma vez que o ar oferecia melhores condições de recuperação. As desavenças com a madrastra Helena dominavam o ambiente familiar, o que levou Gonzaguinha a colocar o filho num internato, onde ele permaneceu até os 18 anos. Recuperado, Gonzaguinha, mais por necessidade que por vontade, resolveu abandonar o álcool e outros vícios mais de que se havia tornado dependente e conseguiu cursar uma universidade, tornar-se músico como o pai, e os dois, “para alegria geral da Nação”, tornaram-se amigos, mais unidos, chegando a viajar pelo Brasil, em 1979, e a compor juntos.

Por inspiração dos dois, Hervé Cordovil criou a letra para “A Vida de Viajante”: “Minha vida é andar por esse país / pra ver se um dia descanço feliz, / guardando as recordações / das terras onde passei, / andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei”.

De espírito rebelde por natureza e instinto, Gonzaguinha encaminhou a sua criação poética pelos caminhos do protesto político, tomando-se conhecido cultivador de ideias comunistas, o que, segundo os entendidos, teria afastado o filho Daniel de sua convivência.

Sua grande fase musical produtiva ocorre na década de 1980, já próximo de seu deslanche em acidente automobilístico, com destaque para os seguintes: “Grito de Alerta” e “Explode Coração”, com temática direcionada aos entretornos sentimentais; “Vamos à luta”, um choro que diz ao que veio: “Eu acredito é na rapaziada...”; e o louvado e decantado samba, que “apesar de tudo” é um hino ao otimismo: “O que é, o que é? / Eu fico com a pureza / da resposta das crianças / É a vida, é bonita e é bonita [...] Ah meu Deus! / mas isso não impede / que eu repita / é bonita, é bonita e é bonita”.

Daniel (Porto Carneiro, sobrenome da mãe, desconhecida) Gonzaga do Nascimento (Rio, 1975), também cantor, compositor e instrumentista, certamente bebeu na fonte musical do pai Gonzaguinha, com quem vivia em constantes atribuições e de Gonzagão, que ele considerava seu avô legítimo.

Luiz “Luca” Gonzaga, o Rei do Baixo, sofreu de osteoporose por anos, mas o que o levou a óbito, em agosto de 1989, segundo versões, foi um CA de próstata.

Para maiores detalhes e conhecimento mais aprofundado sobre o Rei do Baixo, recomendamos a biografia *Um completo perfil — humano e musical*, texto acadêmico transformado em livro pela jornalista francesa Dominique Dreyfus.



Eita!!!!

TECNOLOGIA

ChatGPT agora pode agendar as tarefas

Recurso deixa o usuário programar lembretes ou solicitações feitas com frequência

João Pedro Adania
Agência Estado

A OpenAI liberou, nesta semana, uma nova funcionalidade para o ChatGPT. O “Tarefas” deixa o usuário programar lembretes ou solicitações feitas com frequência. Por enquanto, a novidade está disponível para assinantes Plus, Team ou Pro.

O recurso ainda está em versão beta, isso significa que ele vai ficar um período em testes antes do lançamento definitivo. Até lá, os desenvolvedores identificam problemas e bugs por meio de avaliações de usuários e análises internas.

Para usar o recurso, o assinante precisa selecionar “4” com tarefas agendadas no seletor de modelos do ChatGPT. A partir daí, é só digitar o comando e quando ele precisa ser executado. É possível fazer 10 agendamentos simultâneos. O sistema também sugere tarefas com base em conversas anteriores, mas o usuário tem de autorizar que isso aconteça.

Todos os agendamentos podem ser gerenciados no chat ou em uma nova seção “Tarefas” (apenas na web) no menu do perfil. Uma notificação é enviada para todas as plataformas conectadas após a conclusão das tarefas.

Por meio dessa funcionalidade, é possível definir um roteiro de sites para o ChatGPT navegar. Por exemplo: dá para instruí-lo a te avisar quando o ingresso para aquele show a que você quer estiver disponi-

vel. A funcionalidade vai até aí: o chat só consegue avisar, mas não conseguirá comprar o ingresso nem fazer qualquer transação de dinheiro.

A OpenAI não especificou quando — ou se — a versão gratuita receberá o recurso, o que indica que o “Tarefas” deve permanecer nas assinaturas premium. A empresa oferece planos mensais de US\$ 20 e US\$ 200.

Avanços

Embora seja comum que assistentes virtuais façam agendamentos, isso pode marcar uma mudança na funcionalidade do ChatGPT. Até agora, a inteligência artificial (IA) de Sam Altman opera em tempo real, com respostas a solicitações imediatas em vez de lidar com ações planejadas e contínuas. Ou seja: a OpenAI começou a expandir o papel do chatbot além da conversa para entrar em um território dominado por assistentes virtuais como Alexa, da Amazon, ou Google Home. Com o que a OpenAI tem a contribuir nesse cenário? Com a sua capacidade linguística mais avançada.

Um sinal desse avanço, de acordo com uma publicação do engenheiro Tibor Blaho, é o desenvolvimento de uma extensão vinculada à nova ferramenta, de nome Caterpillar, a qual, ao integrar-se com o “Tarefas”, permite que o ChatGPT busque informações específicas, análise problemas, resuma dados,

Invasão

OpenAI começou a expandir o papel do chatbot além da conversa para entrar em um território dominado por assistentes virtuais

navegue em sites e acesse documentos.

A OpenAI trabalha ainda em um agente autônomo de IA capaz de controlar computadores de forma independente, segundo a Bloomberg. Chamado de Operator, esse modelo deve ser lançado já em fevereiro.

Novas funções para o ChatGPT tendem a aumentar em 2025. O motivo não passa apenas por avanços tecnológicos, mas pela viabilidade econômica da empresa. Recursos como os de assistentes virtuais são maneiras viáveis de mone-

tizar a infraestrutura cara que move a IA.

Mesmo que a decisão da OpenAI de colocar — aos poucos — ferramentas atrás de um paywall seja possível, a mesma dúvida de antes permanece: os resultados fornecidos serão confiáveis? A tendência é que o roteiro seja parecido aos últimos lançamentos da empresa: no começo, erros são detectados, e o modelo melhora com o tempo — e com o trabalho da equipe e o feedback de usuários.

Até porque, no fim das contas, esses sistemas funcionam a partir de um conjunto simples e repetitivo de instruções. Além disso, o objetivo de muitos laboratórios de IA sofisticada, como a OpenAI, é evoluir esses recursos para algo capaz de interagir com ambientes, aprender com feedbacks e tomar decisões sem intervenção humana.

Decidir lançar o “Tarefas” em beta, portanto, é mais um passo na direção de coletar reações e comentários dos próprios usuários e fazer com que a máquina aprenda de forma independente.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: “a” do alfabeto grego (2) = alpha + cidade francesa (2) = ville. Solução: condomínio paraibano (4) = Alphaville.

Charada de hoje: Caminhai (2) durante 30 dias (1) e encontrareis as escoras para a construção (3).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Chico Bento

Com o filme *Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa* nos cinemas paraibanos, separamos algumas curiosidades sobre o menino do interior criado por Mauricio de Sousa. Na história do longa-metragem, conhecemos a ligação entre Chico (Isaac Amendoim) e um de seus grandes amores: a goiaba. Do seu nascimento, passando pelo convívio com a avó, até finalmente encontrar o pé que dá a melhor das frutas e viver um relacionamento de gato e rato com Nhô Lau (Luis Lobianco), conhecemos de perto o porquê dessa paixão. A vida boa de Chico é ameaçada quando Dotô Agripino (Augusto Madeira) decide construir uma grande estrada que vai passar bem no local da goiabeira, arrancando a árvore e acabando de vez com a fonte da felicidade do garoto.

Baseado na família

Assim como a grande maioria dos personagens da Turma da Mônica, Chico Bento foi batizado em homenagem a um tio-avô de Mauricio de Sousa. Em uma entrevista feita em 1998, o autor disse: “Chico Bento é o nome de um meu tio-avô que não cheguei a conhecer. Vivia nas histórias que minha avó contava dos seus tempos de vivência na fazenda da família, no atual bairro do Taboão. Segundo a vó Dita, Chico Bento era um homem superdivertido, gozador, juntamente com seu irmão gêmeo, Zé Bento”.

Título próprio há mais de 40 anos

Chico Bento fez a sua estreia em 1963 como um personagem secundário das tirinhas de Hiroshi e Zezinho, que eram publicadas em um jornal de São Paulo, *Diário na Noite*. Seu primeiro gibi, no entanto, veio surgir apenas muitos anos depois, sendo lançado em 1982, pela Editora Abril.

Embaixador do Pantanal

As histórias de Chico Bento também abordam assuntos muito importantes, como a preservação do ambiente. Por isso, no ano de 2014, a organização brasileira WWF Brasil o nomeou como o “Embaixador do Pantanal”, com o intuito de ajudar na luta contra o desmatamento do bioma e na preservação e recuperação das nascentes.

Histórias do próprio Mauricio

Se o nome foi inspirado em um tio-avô, as histórias já são baseadas na vida do próprio Mauricio. Durante uma entrevista para o *Globo Rural*, o criador revelou: “Eu gostava de pisar no barro, na grama, subir em árvore para pegar fruta no pé, principalmente goiaba. E cabulava aula para nadar no rio, e fazia isso pelado, para não molhar o uniforme. Tive uma infância muito gostosa e livre, com brincadeiras saudáveis, algumas meio perigosas e outras que eu não confessava para a minha mãe. Mas lógico que, com isso, aprendi tudo para escrever as histórias do Chico”.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - orelha do lobo; 2 - número nos pontos; 3 - cauda do lobo; 4 - pata da lontra; 5 -

Nas trilhas labirínticas do recomeço, é preciso ir atrás de saídas e oportunidades nas tentativas de fazer com que a pessoa possa reconstruir os laços sociais



Ilustração: Bruno Chiossi

REINserção NA SOCIEDADE

Caminhos para a reintegração social

Para quem se desvia das normas sociais de conduta, é possível pensar ressocialização de uma maneira mais ampla, com acesso à educação, ao suporte familiar e às oportunidades?

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

O labirinto é uma figura que atravessa os séculos. Surge na Grécia Antiga, a partir do mito que envolve o arquiteto grego Dédalo — que também é outro nome relacionado à ideia de labirinto. Na Antiguidade Clássica, Dédalo teria construído o labirinto para o rei Mínos, no intuito de aprisionar o Minotauro, monstro que era filho do rei. O modelo labiríntico projeta a ideia de um sistema que enclausura, em que os caminhos parecem se multiplicar, mas muitas vezes conduzem a becos sem saída.

Esse intrincado modelo helenístico também foi incorporado pela literatura e pelo cinema de alguns países: nos filmes *O Iluminado* (1980), de Kubrick, e *O Labirinto do Fauno* (2006), de Del Toro; e na série de livros do autor Rick Riordan, *Percy Jackson e os Olimpianos*. Há quem diga que a arte imita a vida: os becos sem saída, por vezes, existem e são compostos pelo emaranhado de normas que compõe a existência humana.

Ao pensar a vida como um labirinto, é possível compreender a forma como João (nome fictício) — ex-apanado, natural do Ceará, mas que mora desde criança em João Pessoa — se viu, por um período, sem saída. Condenado a cumprir uma pena de oito anos, sendo um deles em regime fechado, entrou em depressão dentro do cárcere por se ver, algumas vezes, sem saída. “O mais difícil é recomeçar, pensar em saídas, porque às vezes falta oportunidade. Eu me vi

sem saída quando saí da prisão e passei para a condicional. Eu deixava currículo na iniciativa privada e passava nas entrevistas. Mas, sempre que puxavam a ficha criminal, eu não ficava”, conta.

Nesse labirinto social, é evidente que as pessoas são condicionadas de formas distintas, submetidas a códigos, esforços e experiências desiguais. Algumas são criadas com indicadores que as ajudam a encontrar o centro ou a saída — acesso à educação, ao suporte familiar e às oportunidades. Outras, no entanto, não dispõem desses nortes e, por isso, caem em situações que as prendem — literalmente.

Algumas alternativas surgem no horizonte também como forma de pensar em processos relativos a quem se desvia do caminho das normas sociais. A ressocialização é um deles. E pode colaborar de alguma maneira

“

Ressocializar seria socializar de novo, mas tudo depende do histórico da pessoa

Josinaldo Lucas Oliveira

com as tentativas de fazer com que o cidadão ou a cidadã possa reconstruir os laços sociais.

Josinaldo Lucas Oliveira, coordenador do Centro Integrado de Alternativas Penais (Ciap), órgão ligado à Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba (Seap-PB), afirma que é possível pensar ressocialização de uma maneira mais ampla, a partir do conceito de reintegração social. “Do ponto de vista semântico, é a mesma coisa, mas, na prática, nas aplicações penais, o termo tem mudado. Ressocializar seria socializar de novo, mas tudo depende do histórico da pessoa. Pode ser que ela já seja socializada ou que não tenha sido”. A reintegração, portanto, seria uma forma de pensar de maneira mais ampla a partir não apenas da segregação do indivíduo, mas da reintegração de determinados laços, a exemplo do que ocorre na justiça restaurativa.

Na Paraíba, é possível encontrar boas práticas em projetos de ressocialização para apenados. A iniciativa Castelo de Bonecas, desenvolvida pela Penitenciária Feminina Júlia Maranhão, em João Pessoa; cultivo de hortas orgânicas com o projeto Hortas para liberdade, em Sumé; o projeto Flirede, que trabalha crônicas e poemas em todas as unidades prisionais, com o intuito de aprimorar e incentivar a escrita aos privados de liberdade. Esses são apenas alguns dos exemplo práticos de como a ressocialização pode ocorrer. No estado, a Seap atua desde 2011, a partir de cinco eixos: educação, trabalho, saúde e cultura.

A grosso modo, ressocialização é algo que está no começo, meio e fim da vida de quem comete desvios e paga com sanções penais. “É importante a gente lembrar: o cidadão que comete crime não deixa de ser cidadão perante a Constituição brasileira. Ele é um cidadão que cometeu um crime. Ele não é um monstro, até porque muitas pessoas cometem crimes menores e ou maiores, mas não são pegas”, relembra o advogado Thiago Guimarães.

Por isso, é importante pensar sobre o que é e de onde vem o que é conhecido como ressocialização e justiça restaurativa.

“

O cidadão que comete crime não deixa de ser cidadão, perante a Constituição brasileira. Ele é um cidadão que cometeu um crime. Ele não é um monstro

Thiago Guimarães

CAMINHOS DA REABILITAÇÃO

Um percurso difícil de ser feito

Para quem está no sistema prisional, projetos podem colaborar para o restabelecimento dos laços sociais

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

No Brasil, diante do sistema prisional enorme, o processo de ressocialização — ou reintegração social, como alguns profissionais falam — é um percurso difícil de ser feito. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça, o país está na terceira posição mundial de maior população de presos.

A Secretaria Nacional de Políticas Penais (Senappen) divulgou, por meio de relatório, em junho de 2024, a quantidade de população carcerária no país: são mais de 650 mil custodiados no Brasil, ou seja, que dormem em celas. Nesse montante, estão também quem ainda está em julgamento.

Já na Paraíba, a população carcerária que já foi julgada, sentenciada e que cumpre algum regime é de 10.259, segundo dados presentes no Carcerem Data, projeto desenvolvido pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB), a partir de dados da Secretaria de Administração Penitenciária do Governo do Estado.

Recentemente, ele ganhou espaço na Penitenciária Feminina de Lusiana, em Goiás. “Nós, da equipe penitenciária, acompanhamos uma egressa artesã, que ministrou essa oficina dentro do presídio, compartilhando essa boa prática executada aqui”, conta Cinthya Almeida.

Escritório Social

Saindo da prisão, há o direcionamento para o Escritório Social, que existe, no modelo atual, desde 2019. Ao sair do regime fechado e ir para livramento condicional, regimes semiaberto e aberto ou prisão aberta domiciliar, as pessoas interessadas são orientadas sobre a existência de caminhos possíveis para retornar à vida fora da prisão. Na Paraíba, 1.688 pessoas são atendidas e acompanhadas desde 2021, no Escritório Social que oferece acompanhamento multidisciplinar aos apenados: psicólogo, psiquiatra, assistente social são apenas algumas das especialidades do lugar.

Anna Paula Batista, gerente do Escritório Social e doutora em Sociologia, explica que é preciso pensar a reintegração social para além do trabalho. “A gente entende que o trabalho é um pilar fundamental na vida do ser humano, mas é preciso entender que não é só trabalho. A gente entende que a pessoa precisa da questão da documentação em dia, da saúde, da educação, da chance social, de moradia, de esporte, lazer e cultura, entre outros”.

Ao longo de todo processo de reintegração social, vários projetos colaboram com a remissão de pena. João, por exemplo, conta que o tempo em que mais leu foi dentro da prisão. “Lá dentro tem a biblioteca e ela era aberta, apesar de que existe uma burocracia para acessar. A cada livro e resenha feita, remiam-se três dias da pena. Até hoje ainda cultivo o hábito de ler”, conta o ex-apanado.

A gerente-executiva do Escritório Social explica a importância dessa instituição. Nas palavras de Anna Paula, a Paraíba é o único estado do Brasil que instituiu a criação do escritório por lei. Em 2019, a Lei nº 11.570 criou a estrutura da organização.

Função acessória

O pesquisador e assessor jurídico do Ministério Público da Bahia, Thiago Guimarães, explica que a trajetória da justiça criminal encontra ainda muitos percalços no Brasil, diante da falta de dados e da falta de um sistema realmente efetivo para lidar com o sistema prisional. “A própria noção de sistema prisional no Brasil é difícil de ser pensada, porque não há um modelo padronizado de regramentos”. Para além disso, há também uma gama de preconceitos que ainda acontecem e que foram fincados historicamente desde a abolição da escravatura.

“A teoria da ressocialização ou reabilitação, como se chama no ex-



Fotos: Evandro Pereira



Foto: Arquivo pessoal

Há mais de 12 anos dentro da Penitenciária Júlia Maranhão, na capital, o projeto Castelo de Bonecas tem como produto bonecas de pano feitas pelas mulheres encarceradas; segundo a diretora Cinthya Almeida (acima, à dir.), a iniciativa já percorreu o estado

terior, vem historicamente como uma função acessória, ou seja, secundária à pena atribuída. A teoria é gestada dentro da criminologia ligada à escola positivista italiana, com teóricos como Lombroso, por exemplo”, explica Guimarães. Construída entre os séculos 19 e 20, ela começou a ser pensada a partir da prisão como medida central.

O pesquisador conta que, durante muito tempo, no Brasil, uma contravenção penal que prendia uma massa imensa de pessoas, era a chamada vadiagem. “Basicamente, você não ter trabalho era crime. E isso fazia com que as pessoas fossem pre-

sas, fichadas e consideradas potencialmente criminosas. Isso decorre das lutas por abolição da escravatura e independência do Brasil”.

Muita gente, naquele período, ficou desempregada, e essa contravenção penal era uma forma de lidar com os desvios da norma. Exemplo disso é a população carcerária do Brasil. Em 2023, 70% da população carcerária era negra, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado no ano passado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O dado reflete a dificuldade de acesso à educação e aos outros meios de vida por essa população.

Segundo Thiago Guimarães, na história da sociedade brasileira, os negros, pobres e desviantes, de maneira geral, sempre foram os mais regulados, desde que o sistema de sacões penais foi unificado em torno da clausura e do sofrimento envolvendo a privação de liberdade, entre o século 19 e 20. “Saímos de outras formas de penalização, como tortura, pena de morte, trabalho forçado e se unifica o sistema de punição a partir da lógica de diminuição de sofrimento — e é bom que se diga que, naquele momento, fazia sentido, porque a pena que se contrastava era pena de tortura e mutilação, entre outros”.



Foto: Arquivo pessoal

A própria noção de sistema prisional no Brasil é difícil de ser pensada, porque não há um modelo padronizado de regramentos

Thiago Guimarães

De acordo com Josinaldo Lucas Oliveira, coordenador do Ciap, a reintegração social é um processo que acontece de acordo com a pena que é aplicada pelo juiz. De maneira geral, ela serve para quem não foi encarcerado, quem está em cárcere e os egressos do sistema prisional. “É um processo que trabalha no início, no meio e no fim da pena. Para evitar o encarceramento em massa, por exemplo, existem as alternativas penais. Geralmente, esse indivíduo precisa cumprir até quatro anos de pena. Então, são crimes considerados de menor potencial ofensivo. A pessoa, então é condenada a uma prestação de serviço comunitário em vez de ir para a prisão”.

Para quem foi condenado e está no sistema prisional, alguns outros projetos podem colaborar para o restabelecimento de laços sociais. Um exemplo é o Castelo de Bonecas, que já existe há mais de 12 anos, dentro da Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, na capital, e tem como produto bonecas de pano feitas pelas mulheres encarceradas. “Há também uma loja do sistema prisional de mulheres e homens, chamada Novo Tempo, que funciona no Espaço Cultural José Lins do Régio. Lá existem produtos para exposição e comercialização”, explica a diretora da instituição Cinthya Almeida.

Esse projeto percorreu o estado, indo a Campina Grande e a Patos.



Para Anna Paula Batista (acima, à esq.), gerente do Escritório Social e doutora em Sociologia, é preciso pensar a reintegração social para além do trabalho



Fotos: Evandro Pereira

ESTIGMA

Percalços do sistema criminal

Trabalho e educação são as formas que a pessoa apenada pode encontrar para lidar com o enclausuramento

Marcella Alencar
 marcella.t.alencar@gmail.com

A vida de João (nome fictício), assim como acontece na vida de uma grande parcela da população carcerária brasileira, não foi fácil. Seu pai deixou a família, em 1987. “Minha mãe tinha cinco filhos, na época, e acabou que ela veio ficar na casa de uma tia aqui, na cidade. Nossa tia faleceu e minha mãe não teve mais como cuidar da gente”. Com mais uma perda, a mãe de João não tinha mais condições financeiras para criar e acabou optando por colocar ele na antiga Aldeia SOS, em Mangabeira. Ele passou 10 anos sem ter contato com a mãe biológica, apenas com sua mãe social, que criava oito crianças do local. Atualmente, ele mantém contato com ambas, a biológica e a social.

Ele trabalhou durante algum tempo no comércio, mas, em 2012, envolveu-se com “coisa errada”, como ele mesmo fala. “Fui preso fazendo coisa errada na internet com alguns colegas que conheci em Cajazeiras, na Bahia. Passei um tempo preso no sistema. Um ano e pouco”, conta João. Foi a partir desse desvio no caminho que começou o processo de João para retomar os laços sociais e a vida no trabalho.

Apesar de não querer trabalhar por meio do processo da ressocialização, foi esse caminho que abriu as portas para João. No fim do ano passado, ele pagou toda a sua pena e acabou sendo efetivado pelo trabalho que conseguiu por meio da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado da Paraíba (Seap). O ex-detento, hoje, trabalha há oito anos em um órgão ligado ao Governo do Estado e cumpriu sua sentença fim no ano passado.

Além disso, dentro do sistema prisional, ele teve a oportunidade de prestar Enem duas vezes. “Minhas notas ficaram entre 700 e 800. Assistir aulas de português, com a professora Eliana era ótima”. Além

de Português, ele cursou outras aulas de reforço. Com a nota no Enem e sem nada mais para pagar à Justiça, João conta que fez mais uma pequena prova e matriculou-se este ano em uma faculdade particular para cursar Direito.

No entanto, o sistema carcerário trouxe alguns prejuízos mentais. No período em que esteve preso, ele tentou tirar sua vida em duas situações. Cortes nos braços marcam a trajetória de sofrimento ligado à prisão. O trabalho e a educação foram as formas que ele encontrou de lidar com o enclausuramento. “A vantagem é que a gente saía às 5h e voltada às 18h, quase na hora de dormir”. Mas, mesmo assim, estar sem contato social era difícil. “O acesso a psicólogos não é fácil. A demanda é grande e muita gente precisa, então, não dá para atender a todos. E, às vezes, o pessoal pensa que é besteira. Essa fase foi complicada”.

O que acontece nas prisões brasileiras, de acordo com o pesquisador Thiago Guimarães, não condiz com o que a constituição prevê. Um dos problemas é a superlotação dos presídios, o que dificulta o acesso aos serviços básicos. “Não é à toa se reconhece pelo Superior Tribunal Federal um estado de coisas inconstitucional, porque tem o que há de mais grave de violação de Direitos Humanos”, lembrou ele, sobre a decisão por meio da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 347, julgada em 2023.

Guimarães explica que é difícil ressocializar em uma unidade prisional. “Não é possível reestabelecer laços a partir do afastamento dessas pessoas do convívio social. Entenda: uma coisa é reconhecer a gravidade de certos crimes. Matar uma pessoa é grave e não se discute. Violência sexual também. Mas a questão é que afastar para ressocializar cria um paradoxo”. Para ele, há uma tentativa de compatibilizar coisas que não necessariamente dialogam, além de condições



Segundo a pesquisadora Anna Amélia Pereira, é preciso entender o contexto social de alguém que cometeu o crime

materiais complicadas na privação de liberdade, como superlotação de presídios. “São condições que existem há mais de 100 anos e tem se agravado”.

Não é apenas o sofrimento da clausura que é um problema. A pesquisadora e mestre em Ciências Sociais pela UFCG, Anna Amélia Pereira, explica que a ressocialização também tem como base a prisão, e que as pessoas sofrem estigmas, ou seja, possuem marcas que fazem com que pessoas julguem negativamente o apenado. “Para egressos do sistema prisional, o estigma se encontra na dificuldade de conseguir um emprego, no julgamento daqueles que sabem que o indivíduo já foi preso. Não se deve esquecer que o estigma tam-

bém passa para os familiares, por manterem um contato e não cortar os laços”, explica ela.

Maria (nome fictício), por exemplo, é uma apenada presa por envolvimento com drogas, como ela conta. Atualmente, ela trabalha em outro órgão do estado da Paraíba e fala que, ao longo dos 16 anos de pena que passou, sofreu diversos preconceitos. Ela já pagou 14 anos e o preconceito aparece tanto de forma velada como de forma explícita. “Uma vez, fui pegar um ônibus e eu usava tornozeleira eletrônica. Uma senhora gritou para mim: ‘Volta para prisão, presidiária safada’”.

Além disso, ela fala que, desde que voltou a trabalhar, também percebe tratamento mais difícil de

algumas pessoas. “Mesmo que a gente seja orientada pelo Escritório Social a tratar bem todo mundo e agir bem direitinho, tem gente que olha torto, sabe?”.

Infelizmente, o crime ainda é ligado a diversos marcadores sociais da diferença, que acabam coabitando em um mesmo indivíduo. “É preciso lembrar também que é preciso entender o contexto social de alguém que cometeu o crime. Se você pega as estatísticas, em sua grande maioria, essas pessoas vivem em condições de extrema pobreza e são pessoas negras”, lembra Anna Amélia, que aponta como o estigma coaduna-se com outras questões sociais que precisam ser pensadas em conjunto, para possíveis soluções na reestruturação de laços sociais.

DESENCARCERAMENTO

Penas alternativas como novas trilhas da reintegração social

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

A compreensão de ressocialização precisa ampliar-se para além de um complemento ao sistema prisional imposto a quem comete algum crime, por isso surgiram as penas alternativas. A prestação de serviços à comunidade, o pagamento de multas ou a participação em cursos de reabilitação são exemplos dessas penas que podem ser consideradas, também, uma forma de reintegração social. Para fiscalizar o cumprimento dessas medidas impostas pelo Poder Judiciário está sendo implantada a Central Integrada de Alternativas Penais (Ciaps), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap-PB).

Nomeado para coordenar o setor, o policial penal Josinaldo Lucas de Oliveira, destaca que as penas alternativas visam tratar aqueles crimes de menor potencial ofensivo, cujas penas são de até dois ou de quatro anos, como crimes tributários, previdenciários ou de violência doméstica. Segundo ele, o principal objetivo é conter o encarceramento desordenado e possibilitar a essas pessoas um apoio multidisciplinar (psicológico, de assistência social e jurídica) capaz de orientar e acompanhar o cumprimento da pena, inclusive por meio da participação em reuniões de um grupo reflexivo, especialmente

voltados para os homens que cometeram violência doméstica.

“Os grupos reflexivos que irão funcionar na Central também vão fazer palestras orientativas e informativas para que a pessoa que cometeu aquele delito tenha consciência e volte a si”, explica Josinaldo, que possui formação em Direito e



Além de frear o encarceramento e trazer mais efetividade, as alternativas penais geram uma economia bastante significativa

Josinaldo Lucas de Oliveira

especialização na área de Gestão e Segurança Pública. Ele afirma que as penas alternativas ampliam a antiga visão de que a reintegração social restringe-se a tão somente trazer de volta aqueles que foram segregados da sociedade, isto é, que passaram pelo cárcere.

O encarceramento é, na visão do coordenador do Ciaps, o principal desafio do Sistema Penal Brasileiro. São poucas vagas para um volume muito grande de pessoas, de modo a comprometer também o processo de reintegração. Além de contribuir para o desencarceramento, as penas alternativas também precisam ser consideradas do ponto de vista econômico. “Todas as medidas alternativas ao cumprimento da pena tornam-se menos onerosas para o estado. Um exemplo é o monitoramento eletrônico, que são as tornozeleiras, você paga o valor por aluguel que é bem inferior ao custo/dia de um preso. Além de frear o encarceramento e trazer mais efetividade, as alternativas penais geram uma economia bastante significativa”, avalia.

Dentre as medidas para diminuir o encarceramento, Josinaldo Lucas de Oliveira cita uma outra iniciativa que está em funcionamento na Paraíba que é o Serviço de Atendimento à Pessoa Custodiada (Apec), desenvolvido pelo Tribunal de Justiça da Paraíba e pela Secretaria de Estado da Administração Pe-

nitenciária. Antes da pessoa passar por uma audiência de custódia, uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo e assistente social, realiza uma análise social do indivíduo levantando possíveis vulnerabilidades que constarão em um relatório a ser entregue ao juiz para fundamentar sua decisão. Além da capital paraibana, o serviço também está disponível em comarcas de Campina Grande e Patos.

Justiça Restaurativa

Uma das atividades que Josinaldo de Oliveira pretende implantar na Ciaps será a instalação de grupos de Justiça Restaurativa, que buscam trabalhar as dimensões de ofensor e ofendido de modo a promover a resolução de conflitos ou evitar que eles tomem grandes proporções. “A Justiça Restaurativa é uma técnica milenar, utilizada principalmente pelos povos originários e adotada em algumas instituições de ensino para resolução de conflitos e vem sendo trabalhada no âmbito de alguns tribunais e secretarias para fazer com que o indivíduo, por voluntariedade, enxergue o cometimento do seu delito e reflita sobre ele para não voltar a cometê-lo”, esclarece.

A Justiça Restaurativa é apontada como um modelo alternativo ao da racionalidade penal moderna. O advogado Thiago Guimarães defende essa perspectiva que começou a

ser implementada no Brasil, no fim dos anos 2000, e tende ser aplicada a uma gama de situações. “Ela não é hostil, porque ela não trata o outro como inimigo, mas lida com alguém que, de alguma maneira, rompeu com sua conduta e que pode ser reconfigurada. Ela não é atomista, porque enxerga as relações sociais como um todo. Esse modelo dissocia da ideia de penalidade por meio da dor e sofrimento e construção de inimigos a serem vencidos ou subjugados, e parte de uma lógica mais positiva”, argumenta.

Os agentes da Pastoral Carcerária, grupo ligado à Igreja Católica, também vem recebendo formação para aprender o método da Justiça Restaurativa e poder utilizá-lo na resolução de conflitos no sistema carcerário. A proposta é incentivar que agressor e vítima, bem como as comunidades de ambos, reconheçam as possibilidades de conversa na qual possam expressar como se sentem, as marcas físicas e psicológicas deixadas pelo fato, ouvindo todos os envolvidos. “A Justiça Restaurativa procura, com o diálogo e a aceitação do outro, enfrentar e superar as situações de conflito, levando as pessoas a se reconciliarem e vencerem as dificuldades não com a vingança e se sim com o perdão”, pontua o padre Valdezio Nascimento, coordenador da Pastoral Carcerária na Arquidiocese da Paraíba.

DO PRECONCEITO À SUPERAÇÃO

Qual o papel da família na reeducação social?

É preciso superar a visão de que os encarcerados são bandidos e considerar as condições psíquicas, de vida familiar e social que levam alguém à prisão

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A reintegração social de uma pessoa apenas gera reflexos na família tanto quanto o processo de encarceramento e a privação da liberdade impostos pelo sistema punitivo. Ao afastar alguém do convívio da sociedade e restringir significativamente o contato com parentes e amigos, inevitavelmente a pena se estende a esses, seja pela ausência do familiar, seja pelo preconceito que a eles se abrangem.

O padre Valdezio Nascimento, coordenador da Pastoral Carcerária da Arquidiocese da Paraíba, há quase 10 anos, grupo que presta assistência aos encarcerados e realiza acompanhamento às suas respectivas famílias, acompanha de perto essa realidade. “Na sociedade não tem espaço para um ex-presidiário. Não se dá emprego, moradia, escola... Até a própria família, muitas vezes, não sabe como acolher e tem duas alternativas: ou abandona, ou sofre um peso muito grande, sem alternativa para solução”, comenta.

A carga de discriminação que o condenado à prisão carrega consigo parte da própria vizinhança ou do círculo familiar. Quem procura dar apoio ao parente encarcerado absorve inevitavelmente o preconceito e as desordens emocionais decorrentes de quem está sendo punido, a começar pelas tentativas de visitas. Muitas vezes, é preciso dar uma desculpa para faltar ao trabalho porque os locais dos presídios são distantes e os horários de visita são em horário comercial. O companheiro ou a companheira de uma pessoa presa convive com incompreensões de outros membros da família, os filhos costumam sofrer *bullying* na escola e, às vezes, até precisam se mudar de onde moram. Para evitar isso, alguns procuram esconder ao máximo a situação e acabam tendo que lidar com tudo praticamente sozinhos.

Essa situação intensifica-se quando se tratam de mulheres apenas. Mariana Dornellas, integrante do conselho da Associação Elas Existem — Mulheres Encarceradas, organização fluminense sem fins lucrativos que atua em prol das mulheres no sistema penitenciário, pesquisou os efeitos do encarceramento feminino para a família da mulher presa e evidenciou como o estigma associado ao crime e à prisão transcende a apenas, provocando uma espécie de “prisionização secundária”, conceito cunhado pela pesquisadora estadunidense Megan Comfort

“

É necessário entender que o crime e o mal são bem mais que uma causa; são também a consequência de uma sociedade excludente e desigual

Padre Valdezio Nascimento

para abarcar o compartilhamento do âmbito prisional por esposas e companheiras de presidiários.

Maria (nome fictício) relata que sua família passou por todo esse processo. “Meus irmãos não queriam que eu fosse na casa deles ou que eu tocasse nos meus sobrinhos. Minha filha também sofreu muito preconceito na escola. Ela chegava em casa dizendo que as coleguinhas a humilhavam, diziam não querer brincar com ela porque era ‘filha da presa’. Querendo ou não, notícia ruim se espalha logo e todo mundo na rua comentava, mas, quando as pessoas não veem mais você, eles esquecem. Só lembram quando você sai. Hoje ainda tem aqueles que comentam”.

Embora desencorajado socialmente, o apoio familiar é parte fundamental no processo de reintegração social. Para o padre Valdezio, é preciso superar a visão de que encarcerados são bandidos e levar em conta as próprias condições psíquicas, de vida familiar e social que levam alguém à prisão, como no caso de Maria, que se envolveu com o tráfico de drogas porque não tinha emprego. “É necessário entender que o crime e o mal são bem mais que uma causa; são também a consequência de uma sociedade excludente e desigual. A sociedade percebe os presidiários como pessoas malvadas que optaram pelo mal, mas a maioria deles foi a história de vida que os levou a ser assim”, defende o sacerdote.

Uma das linhas de ação da Pastoral Carcerária consiste em combater o preconceito contra os egressos do sistema prisional. No ambiente religioso, o grupo procura conscientizar os fiéis sobre a necessidade do respeito à vida e lutar por políticas públicas que visem tanto a prevenção como uma ressocialização humanizada e sistemática, que considere aspectos como a formação escolar e profissional, o trabalho e também a reconstrução dos vínculos familiares com apoio de uma rede multiprofissional.

Recomeçar a vida

A família é um dos eixos trabalhados no processo de reintegração social desenvolvido pela Gerência Executiva de Ressocialização (GER), órgão do Governo do Estado responsável por coordenar e unificar as ações, programas e projetos para inclusão social do preso e dignificação da execução da pena. De forma direta, o programa Cidadania é Família desenvolve uma série de

ações voltadas à assistência familiar do reeducando, incluindo orientações para efetivação e garantia de direitos, como concessão de benefícios, emissão de documentos e encaminhamentos para empregos.

Um dos momentos mais significativos que exaltam os vínculos familiares são os casamentos coletivos dos reeducandos, uma iniciativa que envolve parceria entre a Secretaria de Administração Penitenciária (Seap-PB), a Vara de Execução Penal (VEP), o Conselho da Comunidade e a Associação dos Notários e Registradores do Brasil (Anoreg). O último evento do tipo, ocorrido em dezembro do ano passado, contou com 23 casais que receberam a bênção do pastor da Igreja Universal. A iniciativa deve realizar novas cerimônias ao longo deste ano, contemplando aqueles que se identificam com a religião católica.

Para dar condições de recomeçar a vida fora da prisão, o projeto Alvorada Ciclo 2, aprovado recentemente junto à Secretaria Nacional de Políticas Penais, deverá oferecer formação a pessoas egressas do sistema prisional, numa parceria da Seap-PB com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) nos campi de João Pessoa e Campina Grande. O projeto, desta vez, destinará 20% das vagas para familiares dos egressos, que também receberão bolsas de estudos como incentivo na frequência às aulas. A inclusão profissional prevê, além das aulas teóricas e práticas, uma etapa de estágio e também de incubação de projetos de economia solidária.

Com o Castelo de Bonecas, projeto desenvolvido na Penitenciária Júlia Maranhão, na capital, as apenadas têm a oportunidade não só de diminuir a pena e de gerar uma renda própria, como também de recosturar os laços rompidos com a família, à medida que costuram bolsas e bonecas de pano. Cada ponto dado nas peças confeccionadas representam uma oportunidade de reconquistar a autoestima e, com ela, também o apoio dos parentes.

Para além dessas ações, os reflexos da ressocialização também atingem a família de modo indireto. Os comentários dos vizinhos começam a cessar, os parentes retomam o contato e quem viveu secundariamente o cárcere também se liberta com a possibilidade de uma vida nova do apenado. “Eles viram que eu estou indo trabalhar, que eu estou procurando outros caminhos, aí eles pararam de estar enchendo e abusando”, relata Maria, referindo-se aos ir-

Com o Castelo de Bonecas, desenvolvido na Penitenciária Júlia Maranhão, as apenadas têm a oportunidade não só de diminuir a pena e de gerar renda, como também de recosturar os laços familiares



Ilustração: Bruno Chaves

mãos que, antes, não queriam contato com ela. As brigas, ultimamente, não eram mais pelo fato de ela

ter sido presa, mas para discutir quem se responsabilizava pelos cuidados com a mãe, que havia sofrido AVC e, pouco tempo depois, veio a falecer.

Maria não progrediu nos estudos nesse tempo de ressocialização. cursou somente mais um ano, que nem foi incluído ainda no histórico escolar. Seu maior interesse mesmo era o trabalho, já que foi a falta dele que, de alguma forma, a levou para a prisão. “Se a pessoa não tiver renda nem trabalho quando sair, acaba voltando para o crime, porque a pessoa com fome faz coisas extremas. Com o trabalho, a gente ganha um trocadinho e consegue alimentar a família”, explica.

Nesse sentido, Maria já começa a fazer planos para quando cumprir toda a pena: vai encaminhar seu currículo, já com o nome limpo, para outras empresas e se não conseguir emprego pretende investir o pecúlio penitenciário, uma espécie de “poupança forçada” que desconta todo mês do salário e é entregue quando sai da cadeia, em roupas para revender ou em algum ponto comercial na feira.

Impulso

Família é um dos eixos trabalhados pela Gerência Executiva de Ressocialização (GER), órgão do Governo do Estado responsável por coordenar e unificar as iniciativas para inclusão social do apenado